

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

SOFIA PESSOA LIRA SOUZA

RELAÇÕES DE TROCAS EM REDES SOCIOESPACIAIS DE ASSENTAMENTOS
PRECÁRIOS AUTOGESTIONADOS: O Conjunto Vitória em Maceió-AL

Maceió
2015

SOFIA PESSOA LIRA SOUZA

RELAÇÕES DE TROCAS EM REDES SOCIOESPACIAIS DE ASSENTAMENTOS
PRECÁRIOS AUTOGESTIONADOS: O Conjunto Vitória em Maceió-AL

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Alagoas, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Aragão de Albuquerque

Maceió
2015

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Maria Helena Mendes Lessa

S729r

Souza, Sofia Pessoa Lira.

Relações de trocas em redes socioespaciais de assentamentos precários autogestionados: Conjunto Vitória em Maceió, AL / Sofia Pessoa Lira Souza. – Maceió, 2015.

79 f. : il.

Orientador: Augusto Aragão de Albuquerque.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2015.

Bibliografia: f. 73-77.

Apêndices: f. 78-79.

1. Estudos de habitação. 2. Assentamentos precários. 3. Redes socioespaciais. 4. Troca simbólica. 5. Valor de signo. 6. Conjunto Vitória – Maceió, AL. I. Título.

CDU: 728.2 (813.5)

AUTOR: SOFIA PESSOA LIRA SOUZA

RELAÇÕES DE TROCAS EM REDES SOCIOESPACIAIS DE ASSENTAMENTOS
PRECÁRIOS AUTOGESTIONADOS: O Conjunto Vitória em Maceió-AL

Dissertação apresentada ao corpo docente do
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Augusto Aragão de Albuquerque – UFAL (Orientador)

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (Examinadora externa)

Prof. Dr. Odair Barbosa de Moraes (Examinador Interno)

Prof. Dr^a. Lúcia Tone Ferreira Hidaka (Examinador Interno)

DEDICATÓRIA

Ao meu boníssimo Deus, principal modelo de amor que tenho experimentado.

AGRADECIMENTOS

Como em tudo, meus primeiros agradecimentos são ao meu Deus Todo Poderoso que tem sido para mim fonte de vida e inspiração, Aquele que emana todo o Amor, ao qual me espelho para ser um ser humano melhor.

Ao meu querido Orientador, Professor Dr. Augusto Aragão de Albuquerque, que me conduziu com extrema maestria à uma incrível jornada de conhecimento pessoal e acadêmico, o qual tem sido um modelo genuíno de generosidade, obrigada.

Aos professores Dr^a. Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza, Dr Odair Barbosa de Moraes e Dr^a. Lúcia Tone Ferreira Hidaka por suas precisas contribuições a esta dissertação.

Quero agradecer, também, a todos os docentes do Programa Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA), que têm se doado intensamente aos seus ministérios e que possibilitaram meu amadurecimento acadêmico.

Muitas foram as pessoas que contribuíram para a concretização deste trabalho, as quais gostaria de agradecer: Ao grupo de pesquisadores do Urbe que, trabalhando em rede, puderam viabilizar esta pesquisa. Em especial a Marília Floering, pesquisadora e amiga dedicada.

E ainda, os moradores do Conjunto Vitória que abriram suas casas, suas vidas e seus relacionamentos, e me deixaram tomar parte de suas lindas histórias.

Ao meu amado Esposo, Luiz, por carregar as minhas cargas, sua felicidade e a edificação de nossa família tem sido o motivo de cada passo que dou.

A Professora Dra. Rosa Lira, modelo de ser humano e profissional que tenho o prazer de chamar de mãe, esta dissertação é fruto de suas motivações constantes.

A toda a minha família, irmãos em Cristo e amigos, que têm sido o meu refúgio nos dias mais atribulados. A caminhada ao lado de vocês tem sido maravilhosa.

RESUMO

As redes de sociabilidade informais têm se constituído como instrumentos de combate à pobreza em assentamentos precários, suprimindo a ineficácia do Estado em conceder ativos básicos necessários para a sobrevivência de sua população. Sob esta lógica, o grupo de pesquisa Urbe desenvolveu, no Conjunto Vitória em Maceió-AL, uma metodologia para identificação de redes socioespaciais a fim de legitimá-las frente às políticas públicas de habitação. Inserida nesse contexto, esta dissertação objetiva caracterizar as relações de troca que ocorrem em redes socioespaciais de apoio à permanência em assentamentos precários autogestionados, trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, de caráter exploratório, na qual foi utilizado o procedimento de Estudo de Caso. Como critério de escolha do objeto empírico deste trabalho, buscou-se, dentre a rede total de domicílios estudados pelo Urbe, aquele que possuísse o maior número de indicações e apresentasse maior representatividade para o Conjunto Vitória. O Domicílio 52D foi apresentado em condição de centralidade no conjunto e sua rede de sociabilidade foi utilizada para aplicação de entrevistas semiestruturadas, a fim de obter respostas sobre as principais questões da pesquisa: o histórico daquela ocupação e os diferentes níveis de interação social e relações de trocas que ali ocorrem. Sabe-se que a confiança, a igualdade de carências, a falta de recursos e a proximidade de residência são requisitos importantes para as interações em ambientes precários, neste sentido, a construção de *habitus* ajuda a entender as razões pelas quais indivíduos se ajudam na vida cotidiana. Desta forma, para a análise e interpretação dos dados, foi utilizado como critérios de categorização das relações de troca os tipos de valores descritos por Baudrillard, buscando identificar expressões nas falas dos entrevistados que os caracterizassem. Como resultado, observou-se que na rede de sociabilidade, do domicílio estudado, as relações de seus participantes podem ser regidas pelos três tipos de valores investigados por esta pesquisa: valor de troca, troca simbólica e valor de signo.

Palavras-chaves: Estudos de Habitação, Assentamentos Precários, Redes Socioespaciais, Troca Simbólica, Valor de Signo, Conjunto Vitória, Maceió-AL.

ABSTRACT

Informal social networks have been established as instruments to combat poverty in slums, supplying the ineffectiveness of the State to provide basic assets necessary for the survival of its population. Under this logic, the Urbe research group developed, in “Conjunto Vitória” - Maceió-AL, a methodology for identifying social-spatial networks in order to legitimize them in the face of public housing policies. Inserted in this context, this dissertation aims to characterize the exchange relations that occur in socio-spatial networks that support the permanency in self-managed slums, it is a qualitative and descriptive research, with an exploratory character, in which was used the Case Study. As a criterion of choice of the empirical object of this study, was sought, among the total households surveyed by Urbe, one who possessed the most nominations and presented greater representation for the “Conjunto Vitória”. The Domicile 52D was presented in a position of centrality in the set and its sociability's network was used for application of semi-structured interviews in order to get answers on the main questions of the research: the history of that occupation and the different levels of social interaction and exchanges relations that occur there. It is known that trust, equality shortages, lack of resources and residence's proximity are important requirements for interactions in disadvantaged environments, in this way, the construction of *habitus* helps to understand the reasons why individuals helps each other in every day's life. Thus, for the analysis and data's interpretation, types of values described by Baudrillard were used to categorize, seeking to identify expressions in the interviewed person's speeches that characterizes them. As a result, it was observed that the sociability's network, of the Domicile studied, that relations of its participants can be governed by three types of values investigated by this research: Exchange Value, Symbolic Exchange and Sign Value.

Key Words: Housing Studies, Slums, Social-spatial Networks, Symbolic Exchange, Exchange Value, Conjunto Vitória, Maceió-AL

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REDES SOCIOESPACIAIS EM ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS	10
2.1. Aspectos relacionados à pobreza urbana.....	10
2.2. O problema da habitação no Brasil	13
2.3. Redes socioespaciais de apoio a permanência em assentamentos precários	22
3. MOTIVAÇÕES PARA INTERAÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES DE TROCA EM ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS.....	26
3.1. Relações de troca em redes socioespaciais.....	26
3.2. Motivações das relações de troca	31
3.3. Relações de troca segundo Baudrillard	34
4. METODOLOGIAS	39
4.1. Para a identificação das redes socioespaciais do Conjunto Vitória (pesquisa do Urbe).....	39
4.1.1. O Conjunto Vitória	41
4.2. Para caracterização das relações de troca que ocorrem na rede socioespaciais do domicílio 52D (pesquisa da dissertação)	50
4.2.1. Critérios para análise das entrevistas	53
5. RELAÇÕES DE TROCA EM REDES SOCIOESPACIAIS DO CONJUNTO VITÓRIA.....	56
5.1. Análise das entrevistas.....	56
5.1.1. Perfil dos entrevistados	56
5.1.2. As relações de trocas, características e motivações, na rede de sociabilidade do domicílio 52D.....	57
5.1.2.1. Aspectos do valor de troca na rede 52D	57
5.1.2.2. Aspectos da troca simbólica na rede 52D	60
5.1.2.3. Aspectos do valor de signo na rede 52D.....	65
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	78
ANEXOS	168

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação está inserida em uma pesquisa mais ampla desenvolvida no grupo de pesquisa Urbe – Estudos da Cidade, que vem elaborando uma metodologia de identificação de redes socioespaciais em assentamentos precários autogestionados. O escopo geral de pesquisa do grupo é a salvaguarda de redes que ajudem na superação dos ricos sociais em situação de urbanização ou transferência de assentados em áreas de risco socioambiental.

Na pesquisa do Urbe, a escolha pelo estudo das redes socioespaciais em assentamentos precários ocorreu devido à incipiente mobilização política que enfrenta a luta pela moradia na cidade de Maceió, em relação a grandes centros do país. O intuito é valorizar as relações que ocorrem em assentamentos precários e que, mesmo não chegando em nível de organização necessária para interferir nas políticas públicas, possibilitam a provisão de serviços urbanos básicos necessários à sua subsistência, ainda que de maneira informal.

Para a definição do objeto empírico, da pesquisa do Urbe, foi escolhido um assentamento em situação de risco e com possibilidade real de remoção de seus moradores, com baixa capacidade de representação perante os órgãos públicos, desprovido de estruturas formais como associações ou conselhos, um caso representativo da realidade de Maceió e, portanto, digno de um estudo isolado: O Conjunto Vitória em Maceió-AL. Percebeu-se portanto que nesta localidade, apesar da ineficiência do Estado em promover os recursos básicos, a comunidade local possuía um nível mínimo de auto-organização que possibilitava a provisão de ativos necessários a sua subsistência.

É portanto, no centro destas interações sociais que esta dissertação está focada, pois tem como **objetivo** caracterizar as relações de troca que ocorrem em redes socioespaciais de apoio à permanência em assentamentos precários autogestionados.

A pesquisa desta dissertação tem caráter exploratório de abordagem qualitativa e descritiva, na qual foi utilizado o procedimento de Estudo de Caso, com aplicação de entrevistas semiestruturadas. Como Estudo de Caso utilizou-se a rede socioespacial mais ampla nos resultados dos levantamentos do Urbe, a qual pertence ao domicílio identificado como: 52D. Este domicílio foi identificado como âncora,

condição de centralidade, por possuir um maior número de indicações entre as amostras colhidas pelo grupo.

Utilizando-se de um roteiro prévio, para a realização das entrevistas com a rede socioespacial do Domicílio 52D, pretendeu-se obter respostas para as principais questões da pesquisa: o histórico daquela ocupação e os diferentes níveis de interação social e relações de trocas que ocorriam nesta rede. Para a análise e interpretação dos dados coletados foi utilizado, como referência e critério para a categorização das relações de troca, os tipos descritos por Baudrillard (1972) e se identificou expressões nas falas dos entrevistados que as caracterizasse.

Devido à complexidade metodológica envolvida na construção desta dissertação, seu primeiro capítulo descreve a metodologia adotada pelo Urbe para extração das redes sociais do Conjunto Vitória em seguida é abordada a metodologia adotada por esta dissertação para caracterizar as relações de troca que ocorrem na rede socioespacial do domicílio 52D.

Em seu segundo capítulo, esta dissertação apresenta uma Revisão de Literatura, buscou-se identificar os fatores que influenciam o surgimento de redes de sociabilidade de apoio a permanência em assentamentos precários. Dessa forma, envereda-se por questões relativas a pobreza urbana e sua influência na oferta de habitações no Brasil. O terceiro capítulo mostra o universo das relações de troca existentes no seio dessas redes, e como a construção de *habitus* ajuda a caracterizar suas motivações. E, por fim, em seu quarto e último capítulo, apresenta os resultados encontrados, buscando relacioná-los com seu referencial teórico.

Observou-se que, na rede socioespacial do Domicílio 52D, as relações de seus participantes podem ser regidas pelos três tipos de valores investigados por esta pesquisa: valor de troca, troca simbólica e valor de signo.

2. REDES SOCIOESPACIAIS EM ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS

2.1. Aspectos relacionados a pobreza urbana

O mundo globalizado vem buscando entender as questões que dificultam o desenvolvimento humano, ampliando e aprofundando estudos sob os diversos aspectos relacionados à pobreza.

No estudo das desigualdades sociais, um dos principais empecilhos está em definir a pobreza e uma forma de mensurá-la, pois normalmente ela está associada a questões econômicas, como: renda mínima necessária para a sobrevivência de um grupo ou família (MINGONE, 1999). Desta forma, não se consegue captar as múltiplas dimensões da pobreza, onde se deve considerar também os indivíduos que, apesar de sobreviverem, não estão incluídos nos importantes benefícios das sociedades urbanas (MINGONE, 1999).

Nesse sentido, a nova sociologia econômica, que tem espaço prestigiado no mundo moderno, estuda o mercado como construções sociais, fugindo da visão puramente econômica da construção da pobreza, que encara o mercado como solução mágica para todos os problemas sociais ou como forma maléfica de interação social (ABRAMOVAY, 2004). Nesse ínterim, envereda-se por uma construção dentro de uma reflexão sociológica da sociedade, dos aspectos sociais das suas desigualdades (ABRAMOVAY, 2004).

Magnani (2002) em seu artigo de perto e de dentro analisa e articula duas linhas de reflexão presentes em estudos sobre as metrópoles: uma sobre cidade, que o autor trata como um olhar de fora e de longe, no qual se observa a ausência dos atores sociais. Neste olhar, tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade.

A outra linha de reflexão trazida por Magnani (2002) é de que a antropologia, por meio do enfoque etnográfico, através do olhar de perto e de dentro, pode contribuir para entender as questões urbanas contemporâneas, delimitando o campo de estudo para o estudo de grupos sociais e suas práticas quando propriamente inscritos na trama da cidade.

Para identificar essas práticas e seus agentes, foi proposta uma estratégia que recebeu a denominação de um olhar de perto e de dentro, em contraste com visões que foram classificadas como de fora e de longe. Ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica (MAGNANI, 2002, p.25).

Identificar essas práticas significa que o recorte escolhido faz sentido tanto para os próprios atores como para o analista: trata-se de uma totalidade empiricamente definida, mas que, capaz de ter os elementos que os estruturam reconhecíveis como padrões, pode ser descrita, formalizada, constituindo um modelo mais geral. Aponta para uma lógica que transcende o contexto original, com poder descritivo e explicativo (MAGNANI, 2002, p.25).

SOARES (2008) considera que os recursos econômicos não são os únicos ativos que ajudam a produzir a pobreza, busca-se reconhecer o papel do Estado e da sociedade. Essas instituições sociais são esferas importantes que, além do mercado, podem promover recursos materiais e imateriais fundamentais para o bem-estar.

Nesse contexto, entende-se a vulnerabilidade social como a situação de risco que não permite o acesso aos ativos capazes de conceder condições materiais e sociais necessários a reprodução objetiva e subjetiva de grupos fragilizados socialmente (RIBEIRO, 2010). Dessa maneira, a vulnerabilidade estaria ligada tanto à ausência de ativos, como ao baixo acesso às estruturas de oportunidades existentes (RIBEIRO, 2010).

Na América Latina, a pobreza afetou 28% de sua população em 2014. Diferentemente do que se vinha evidenciando até o ano de 2012, observa-se hoje que sua redução vem sofrendo uma estagnação, em um contexto de desaceleração econômica. Esse fato, unido ao crescimento demográfico, implica um aumento em números absolutos para 167 milhões de pessoas atingidas, de acordo com o relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2014).

A edição anual de 2014 do relatório da CEPAL, além de analisar a pobreza por rendimentos, apresenta uma medição complementar que contempla cinco âmbitos: a moradia, os serviços básicos, a educação, o emprego, a proteção social, e o padrão

de vida no que se refere aos rendimentos monetários e ao acesso de bens duráveis. Considerando, desta forma, que uma pessoa é pobre se existem, simultaneamente, várias carências nessas dimensões.

Para Torres et al (2003) a pobreza no Brasil vem sendo vista unicamente pelo ângulo das questões da desigualdade e injustiça social em seu aspecto econômico como: na distribuição de renda e dos serviços públicos; desconsiderando os aspectos culturais de separação dos grupos sociais.

Como observa, Fraser (2008), no mundo de hoje, as reivindicações por justiça social se dividem em dois grupos: o primeiro, mais conhecido, constituído por reivindicações redistributivas, que buscam uma distribuição mais justa dos recursos e da riqueza; e o segundo, a política de reconhecimento, com o objetivo de um mundo onde a assimilação da cultura dominante não ocorra sob a repressão do respeito igualitário.

Partidários da direita frequentemente se alinham aos modelos distributivos de justiça. Tratando a justiça como uma questão de equidade, eles procuram eliminar as disparidades ilegítimas entre as oportunidades conferidas aos atores sociais. [...] Partidários do bem, ao contrário, rejeitam o “formalismo vazio” das abordagens distributivas. Tratando a ética como uma questão da boa vida, eles procuram promover condições qualitativas para o desenvolvimento humano (assim como eles o entendem), ao invés de manterem uma fidelidade aos pressupostos abstratos do tratamento igualitário (FRASER, 2000, p.104-105).

Desconsidera-se, porém, a pobreza urbana como consequência da construção social. No Brasil suas causas remontam aos processos de formação da própria sociedade brasileira: sua forma de apropriação do solo, a abolição da escravidão e os movimentos migratórios dos trabalhadores rurais para as cidades, gerando uma condição de “subcidadania” em que vive boa parte da população urbana do país (SOUZA, 2003).

Há uma conexão estreita entre as características das nossas cidades e o padrão de desigualdades prevaletentes na sociedade brasileira. É a vigência dos clássicos mecanismos da acumulação urbana, cujos fundamentos são as próprias desigualdades cristalizadas na ocupação do solo (RIBEIRO, 2007, p.528).

As políticas sociais são estratégias governamentais que buscam amenizar os conflitos sociais sem, no entanto, produzir uma mudança profunda nas causas de sua reprodução. Höfling (2001), afirma que as políticas públicas são ações com caráter redistributivo que determinam um padrão de proteção social mínimo, buscando diminuir as desigualdades produzidas pelas relações capitalistas de mercado sem alterá-las.

Dessa forma, parece muito mais difícil combater a pobreza por meio das políticas públicas no Brasil, visto que ela mostra aspectos de reprodução social. Contudo, os principais serviços urbanos como: saúde, educação, saneamento, e fornecimento de água e eletricidade têm sido providos de modo direto pelo governo. Entretanto, a provisão de habitação tem sido amplamente dominada pelo setor privado formal e informal (WERNA et al., 2001).

Nesse contexto, o Estado, incapaz de reunir recursos suficientes para realizar uma política social independente, abre mão do controle dos processos econômicos e culturais, entregando-o às “forças do mercado” (RIBEIRO, 2010).

Portanto, o fenômeno da segregação residencial é induzido por mecanismos ligados ao mercado de trabalho e a estrutura social, características estruturais da economia capitalistas dos países em desenvolvimento (VILLAÇA, 1986).

2.2. O problema da habitação no Brasil

A pobreza urbana contempla questão de concentração espacial e social que ocasionam desigualdade, separação e homogeneidade espacial, caracterizando uma segregação nas cidades brasileiras com a pobreza tendendo a ser altamente concentrada em termos espaciais.

Uma importante consequência social da fusão entre desigualdade e a segregação é o efeito cumulativo dos riscos sociais e ambientais em alguns pontos críticos chamados de periferias com os piores indicadores socioeconômicos, com ambiente intensamente poluído e serviços sociais ineficientes (TORRES, 1997).

A construção de nossas cidades foi marcada por aumento da segregação residencial socioeconômica, com um fluxo de famílias de baixo nível socioeconômico desde zonas centrais e mais cômodas para a periferia pobre, principalmente, por pressões do mercado e pelos altos custos de habitações das zonas centrais e pelas

ações de políticas públicas habitacionais, que tem conduzido a construção de habitações em terrenos mais baratos (GALINDO et al., 2013).

O fenômeno da segregação residencial é induzido por mecanismos ligados ao mercado de trabalho e à estrutura social, características estruturais da economia capitalista dos países em desenvolvimento. Tais que, induzem famílias localizadas na base da estrutura social a viverem em condições mais precárias e a ter escolhas muito limitadas (TORRES, 2004). Outros ligados à dinâmica do mercado imobiliário, que induzem à valorização ou à desvalorização imobiliária de determinadas áreas e que está estruturado em torno de ofertas de uso e locação do solo e que a maioria da população não pode pagar para morar (TORRES, 2004). Estes aspectos promovem a segregação dos mais pobres por meio da competição pelo uso da terra ou ainda por mecanismos ligados aos instrumentos institucionais. Estes podem manter privilégios e excluir uma parte significativa da cidade dos benefícios da urbanização por meio da legislação sobre a construção civil, uso ou taxaço do solo, investimentos públicos, remoção de favelas e práticas efetivas de discriminação resultante de investimentos públicos em certas áreas (TORRES, 2004).

De forma geral, as famílias brasileiras de baixa renda disputam o espaço urbano na busca por residências em áreas que possuem pouco ou nenhum valor comercial. São áreas distantes dos centros urbanos ou com restrições de uso. Estas ocupações de posse irregular de terra, em favelas ou loteamentos clandestinos, com domicílios pequenos, infraestruturas urbanísticas muito ruins, sujeitos a riscos diversos e abandonados em ações de políticas públicas sociais, demonstram que a segregação residencial contribui para o aumento e perpetuação da pobreza (YIENGER, 2001).

Essa política de favorecimento dos setores imobiliários, de obras públicas e de concessão de serviços a segmentos privilegiados da população incide numa política social perversa, pela qual o Estado tolera todas as formas de apropriação da terra, com a finalidade de integrar de maneira subalterna e regulada as camadas populares na sociedade urbana e no sistema político (RIBEIRO, 2015).

O crescimento populacional nas cidades conduziu uma periferização da habitação popular. Isso levou a consolidar grandes ocupações irregulares, loteamentos clandestinos, formação de favelas e assentamentos ilegais. Essas ocupações invadiram a paisagem urbana e representam as soluções encontradas para o morar. Esse fato denuncia, ao menos parcialmente, a ineficácia das políticas e

do planejamento habitacional por parte do Estado e as dificuldades de inserção no mercado formal (IPARDES, 2010).

Villaça (1986) inclui a entrada do capitalismo na sociedade brasileira como causa da precariedade da habitação popular, pois ele reforçou a propriedade privada da terra e a transformou em mercadoria. Pensamento reforçado por Ribeiro (2015) que argumenta que os circuitos de acumulação urbana no Brasil constituem-se por uma aliança estrutural histórica entre propriedade de terra e o capital, que proporcionam a manutenção das desigualdades sociais.

Dessa forma, as ideias liberais de que a provisão habitacional deveria ser revolvida pela iniciativa privada levaram as moradias populares das áreas urbanas centrais à condição de superadensamento e insalubridade. Com isso, a mercadoria da cidade tem um público consumidor muito específico e qualificado, o que resultou num:

[...] modelo de cidade no qual a dinâmica de crescimento é a permanente reprodução da escassez de solo urbano, fundamento da apropriação de várias formas de renda urbana e de reprodução permanente da irregularidade, ilegalidade e precariedade do habitat popular (RIBEIRO, 2015, p.2).

Não existe lógica em se falar em “déficit” habitacional numa economia de mercado, mas de um empobrecimento populacional que inclui questões socioeconômicas e não permite seu acesso à mercadoria da cidade. Dessa forma, o Brasil possui exatamente o número de habitações para o qual existe uma demanda monetária (VILLAÇA, 1986).

A carência habitacional está no centro do problema urbano, pois em razão da exclusão de grande parte da população do mercado imobiliário formal, a solução do chamado “déficit habitacional” tem sido a inserção marginal na cidade. Constitui uma lógica perversa o fato de pessoas que estão fora do mercado somente terem acesso à moradia à margem da cidade (RIBEIRO, 2015). Isso resulta num círculo vicioso de precarização e vulnerabilidade, pois, é nas áreas centrais que se concentram as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho. A consequência disso é que boa parte dessa demanda busca áreas com maior acessibilidade, mesmo tendo que ocupar terrenos menos propícios para a moradia (RIBEIRO, 2015).

Ainda segundo Torres (2004), geralmente famílias mais pobres apresentam gastos com moradia proporcionalmente superiores aos de famílias de classe média e

alta. Consequentemente, a renda destinada para o consumo e para outros bens e serviços é relativamente menor para as famílias de baixa renda, o que contribui para o seu empobrecimento proporcionado.

Höfling (2001) defende que as conquistas sociais de uma sociedade vêm sendo somadas por fatores culturais, os quais também determinam se uma política é eficiente ou não, bem como se as soluções e as ações públicas de intervenção atingem a eficácia para o bem comum. Os diversos grupos sociais exercem poder e influência diferentes entre si e perante o poder público, refletindo no atendimento privilegiado das demandas de uma classe em detrimento de outra. Para que haja uma justa medida da administração pública em suprir a sociedade de forma igualitária e sem tendências é necessária uma mudança de paradigmas para uma verdadeira construção dos direitos sociais.

A habitação como direito de cidadania foi debatida há muito tempo, desde a Declaração Universal de Direitos Humanos, em 1948, até a publicação da Carta sobre o direito à cidade, elaborada no Fórum Urbano Mundial em 2006. Esta última vincula claramente o direito à moradia ao conceito amplo de direito à cidade, estipulando que todas as pessoas devem ter o direito a uma cidade. Essa afirmativa envolve o usufruto equitativo dentro dos princípios de sustentabilidade, democracia, equidade e justiça social, com acessibilidade plena aos espaços, serviços e equipamentos de que as cidades dispõem (IPARDES, 2010).

Na primeira metade do século XX, os anseios pela habitação geraram movimentações que acabaram por determinar o sonho pela casa própria. O posicionamento do governo quanto a essa situação não foi satisfatório, visto que não mantinha uma regularidade de assistencialismo aceitável. A maior parte da população brasileira não tem perspectiva de conquistar seus sonhos habitacionais por meio do sistema convencional de mercado. Neste contexto, a burguesia assume que é preciso a intervenção estatal na economia por meio da concessão de recursos subsidiados para a aquisição de imóveis (VILLAÇA, 1986).

A criação do Banco Nacional da Habitação (BNH) e do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) no regime militar principiaram os investimentos nacionais na questão habitacional, buscando atender aos anseios populares e adequar-se aos modelos de financiamento capitalistas. Esse sistema fracassou em promover a moradia digna às populações de baixa renda, pois essas não obtinham crédito suficiente para financiar suas casas, restando a ocupação da periferia em favelas e em assentamentos

precários. Os fundos nacionais, principalmente os advindos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) na segunda metade da década de 60, acabaram por financiar a criação de grandes conjuntos de loteamentos na periferia das cidades em locais sem infraestrutura e recursos básicos (VILLAÇA, 1986).

Em 1979 foi aprovada a Lei Federal nº 6.766/79 com o objetivo de regular o parcelamento do solo urbano, criminalizando a clandestinidade nos loteamentos. A aplicação dessa lei burocratizou a ocupação, aumentando e perpetuando a precariedade dos assentamentos (VILLAÇA, 1986).

A década de 80 foi marcada pelo anseio nacional ao direito à moradia e à cidade, embora a crise econômica dos anos 80 e 90 vivida pelo Brasil tenha suprimido algumas conquistas. A Constituição Federal de 1988 trouxe, em seu capítulo de Política Urbana, a regulamentação para aplicação dos instrumentos de urbanização que fossem aprovados. A aprovação da Lei nº 10.257, Estatuto da Cidade e da Medida Provisória nº 2.220 em 2001, além da criação a partir de 2003 do Ministério das Cidades e do Conselho das Cidades e da aprovação da Lei nº 11.124, Sistema e Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social em 2005, deram subsídios para a aplicação da nova Política Nacional de Habitação. A partir de 2008, o Plano Nacional de Habitação consolidou os focos do poder público no atendimento às demandas de habitação de uma forma mais participativa e com o incremento de novas formas de subsídios e financiamentos (VILLAÇA, 1986).

O desconhecimento brasileiro sobre o fenômeno da precariedade urbana e habitacional representa séria dificuldade ao desenvolvimento de políticas públicas nacionais nas áreas precárias. Os obstáculos à essa informação dizem respeito à multiplicidade das situações de precariedade habitacional existentes como: favelas, loteamentos clandestinos ou irregulares, cortiços, conjuntos habitacionais públicos deteriorados. Essas situações, em geral, são marcadas por intensas heterogeneidades internas que, por si só, demandam intervenções específicas. A ignorância da população sobre o problema também implica sério obstáculo para a construção de políticas eficazes, bem especificadas e justas. Dessa forma, o resgate das condições de moradia dos moradores dos assentamentos precários no Brasil fica comprometido (MARQUES et al, 2007).

Nos municípios brasileiros há diferenças tanto quanto às definições sobre os assentamentos precários quanto aos procedimentos de identificação dessas localidades. Em geral, a ideia de precariedade está associada à: insegurança,

efemeridade e fragilidade. As ideias de pobreza e vulnerabilidade fazem surgir diversos conceitos de classificação para as possíveis relações de precariedade, como: favelas, loteamentos irregulares, ocupações irregulares, ocupações em área de risco, áreas sem aprovação da prefeitura, ou seja, áreas impróprias para habitação.

No entanto, observamos que essa nomenclatura demonstra que os espaços apresentam alguma inconformidade, sendo áreas problemáticas em relação ao aspecto da legalidade e adequação na ocupação dos terrenos. Essa irregularidade é devida à legislação municipal, estadual ou nacional e, muitas vezes, estão identificadas localmente de maneira abrangente como ocupações irregulares (MARQUES, 2007). Porém, há uma incorporação gradual da nomenclatura utilizada em programas e planos nacionais que oferecem recursos e linhas para os municípios se inserirem. No caso do Plano Nacional de Habitação de Interesse Social, os Assentamentos Precários estão divididos em quatro categorias (BRASIL, 2010):

1. Favelas - Aglomerados de domicílios autoconstruídos, dispostos de forma desordenada, geralmente densos e carentes de serviços públicos essenciais, ocupando terreno de propriedade alheia (pública ou particular). Assentamentos que carecem de direito de propriedade e constituem aglomerações de moradias de qualidade abaixo da média. Sofrem carências de infraestrutura, de serviços urbanos e de equipamentos sociais e/ou estão situados em áreas geologicamente inadequadas e ambientalmente sensíveis.
2. Cortiços - Habitações coletivas, constituídas por edificações subdivididas em cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título, superlotadas e com instalações sanitárias de uso comum dos moradores dos diversos cômodos;
3. Conjuntos habitacionais degradados - Conjuntos habitacionais construídos pelo setor público que se encontram atualmente em situação de irregularidade ou degradação, demandando ações de reabilitação ou adequação;
4. Loteamentos irregulares de moradores de baixa - Áreas ocupadas por moradores de baixa renda, sem aprovação do poder público ou sem atender às condições exigidas no processo de aprovação, geralmente caracterizadas pela autoconstrução das unidades habitacionais e pela ausência ou precariedade de infraestrutura urbana básica.

O Brasil apresenta um número maior de moradores nos assentamentos precários do que quando consideradas apenas as informações dos levantamentos censitários do IBGE na classificação de setores subnormais (MARQUES et al, 2007).

O Instituto define os setores subnormais como marcados por precariedade habitacional e de infraestrutura, alta densidade e ocupação de terrenos alheios:

Aglomerado subnormal (favelas e similares) - Conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando – ou tendo ocupado – até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular); dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais. (IBGE, 2010, p.1).

A definição da questão da habitação precária envolve situações distintas, como favelas, loteamentos clandestinos ou irregulares e cortiços, marcadas também por intensa heterogeneidade interna (VALADARES E PRETECEILLE, 2000). Mesmo os conjuntos habitacionais construídos pelo poder público em décadas recentes, por vezes, apresentam avançado estado de degradação e solicitam atenção por parte de políticas que intervenham na precariedade habitacional e urbana. Essa é a situação das políticas que envolvem as diversas soluções habitacionais precárias de que a população de baixa renda lança mão com frequência, dada a baixa oferta de programas públicos e por não dispor dos recursos necessários para acessar soluções via mercado formal.

Comparando a caracterização socioeconômica e habitacional das populações residentes nos diversos setores de cada região do país, revela-se que em algumas regiões as condições são piores do que em outras. Esse é o caso das regiões Norte e Nordeste com padrões de desigualdade variados, o que é evidente quanto à infraestrutura sanitária ligadas a serviços como rede de esgoto e rede de abastecimento de água, além da presença de sanitários ou banheiros (MARQUES et al, 2007).

As diversas atribuições municipais, tendo em vista principalmente suas responsabilidades após a Constituição de 1988, exigiriam uma administração pública relativamente organizada em burocracias especializadas. As políticas de saúde, de educação, de assistência social e habitacional são fundamentais do ponto de vista do bem-estar. Implementá-las com certa eficácia e eficiência demandaria que os municípios detivessem um conjunto de requisitos (IPARDES, 2010).

O tema habitacional nos dias atuais está relacionado com a ampliação do problema habitacional para uma compreensão de direito à moradia e direito à cidade, que vincula questões e serviços urbanos com melhoria das condições de vida. Isso

tem envolvido diversas áreas das prefeituras que vêm sendo pressionadas cada vez mais pelas ideias de urbanização e regularização fundiária, de ampliação da autonomia nas iniciativas municipais, de definição de agenda, de desenvolvimento de programas habitacionais e de uma alteração na abordagem do problema em termos de procedimentos e ações públicas.

No caso da Maceió, observa-se uma altíssima precariedade habitacional não só nos setores subnormais e precários, mas também nos setores comuns, indicando uma demanda maior por políticas públicas habitacionais e urbanas que pode variar segundo o município, os estados e regiões da federação.

O município de Maceió se caracteriza por ter apresentado, em 2010, um PIB de R\$12,1 bilhões com uma população de 932.748 mil pessoas, o que representou 0,32% do PIB nacional e 0,49% da população brasileira. Com um PIB de R\$ 12.988 por habitante, equivalente a 65% do PIB *per capita brasileiro*, Maceió vem sendo considerada uma capital pobre dentro do Nordeste, superando apenas a cidade de Teresina-PI. Dessa forma, é considerado um município com graves problemas em diversos aspectos sociais, como: saúde, pobreza, desigualdade e violência, sintetizados em um índice de desenvolvimento humano aquém do considerado adequado (SILVA, 2013).

Independente de localização, as taxas acentuadas de crescimento do estoque habitacional observadas em Maceió apontam para a necessidade de urbanizar áreas e dotá-las de infraestruturas e serviços de saneamento. Dessa forma atende-se a um maior número de domicílios, para não correr o risco desse crescimento habitacional ser acompanhado da precarização da habitabilidade dos domicílios e, eventualmente, do aumento da presença de domicílios em assentamentos precários. Isso porque Maceió aparece com as menores taxas de domicílios com condições adequadas de abastecimento de água (74,13%) e esgotamento sanitário (48,25%), quando comparada com as outras capitais da região nordeste, superando apenas Teresina e São Luís. Quando se avalia o destino de lixo (97,43%), observa-se em setores subnormais de Maceió a ocorrência das mais altas taxas de lixo jogado em logradouro e em rio, lago ou mar, entre todas as capitais da região (IBGE, 2010).

Quanto à precariedade da infraestrutura urbana, somada à inadequação habitacional, Maceió apresenta uma alta taxa (3,88%) de domicílios sem banheiro nem sanitário nos setores subnormais. Em Alagoas, os setores ou aglomerados subnormais são característicos da capital, uma vez que a cidade de Maceió possui

90% dos domicílios subnormais no estado e, especificamente, mais da metade dos assentamentos precários se localiza em grotas e encostas e às margens da Lagoa Mundaú, na região central e ao longo da rodovia BR-104 (SILVA, 2013).

O déficit habitacional de Maceió em habitações precárias - ocupadas por famílias com renda familiar de até três salários mínimos, em que se concentra a maior parte do déficit habitacional - é o terceiro maior da região nordeste (1,35), ficando abaixo apenas de Teresina e São Luís. Porém, observa-se em todas as capitais um processo de verticalização e mudanças do modo de morar, evidenciado pelo aumento no número de apartamentos com 40 mil unidades habitacionais, com uma taxa de crescimento de 85,36% na última década (IBGE, 2010).

A consciência da necessidade de eliminar do mundo a desigualdade social e garantir os direitos humanos básicos é hoje generalizada. Isso se dá pelo fato de a sociedade civil não mais se eximir da sua responsabilidade, buscando uma articulação para atender as demandas da população carente. Ações isoladas de caridade ou filantropia aliviam de forma provisória uma situação de carência continuada, mas com poucas chances e condições de serem eficazes, por melhores que sejam as intenções (PINTO e JUNQUEIRA, 2008).

Em consequência dessa situação e da incapacidade dos governos na prestação de serviços públicos nesses assentamentos precários, a população busca manter relações, que são estabelecidas entre as pessoas, pela troca de serviços e bens materiais e imateriais como: gentilezas, lealdade e proteção. O conteúdo moral das relações, a natureza das trocas, a durabilidade da relação e a afetividade entre os parceiros estão relacionados diretamente com o ambiente que estes indivíduos e seus grupos estão inseridos (OLIVEIRA, 2011).

Vários estudiosos se debruçaram sobre o papel e as características das redes sociais em assentamentos precários e observaram que elas têm papel importante porque permitem que os indivíduos se articulem em torno de um sistema de intercâmbio capaz de amenizar a ausência ou ineficiência do estado. Alguns autores observaram que as redes de interação e reciprocidade são muitas vezes ignoradas pelas políticas públicas sociais. Outros cientistas sociais corroboraram com o assunto ao explanarem que a maior parte dos vínculos ocorre com pessoas da própria comunidade, sendo fortemente presente entre vizinhos e parentes.

2.3.Redes socioespaciais de apoio a permanência em assentamentos precários

O mundo globalizado e suas transformações influenciaram as teorias sobre o território e a sociabilidade dos indivíduos e incluíram as redes socioespaciais nas discussões sobre território. Estas redes não são vistas apenas como um espaço físico, mas também sob a ótica sociofiananceira que as caracterizam como um conjunto de condições onde ocorrem relações sociais e produtivas, pontuando-se: capital social, inclusão e reconhecimento, empoderamento, autoestima, protagonismo, responsabilidade social, sustentabilidade, vínculos e laços sociais (GOHN, 2008).

Na década de 1990, no Brasil, houve uma forte tendência dos grupos sociais de se articularem em redes como meio para sua sobrevivência. Esse fato chamou a atenção das políticas públicas sociais para a organização destes grupos, trazendo um novo cenário para o debate, possibilitando uma intervenção direta na realidade social, com menos foco nas questões ideológicas e políticas e mais nos vínculos sociais comunitários (GOHN, 2008).

Nas ciências sociais, o conceito de rede é um conflito permanente entre diferentes correntes de pensamento que criam os pares dicotômicos como: Indivíduo/sociedade; ator/estrutura; abordagens subjetivas/objetivas; enfoques micro ou macro a respeito da realidade colocando esse pensamento com ênfase na análise em uma das partes (MARTELETO, 2001). As redes sociais têm sido vistas também como instrumento de articulação de políticas sociais ou como redes de mobilizações e movimentos sociais, como campo fértil e como possibilidade de retratar a sociedade civil (FONTES e DORNELAS, 2006). Além disso, na última década, elas foram vistas como uma forma global de organização, com raízes na participação individual, em uma perspectiva global baseada na experiência pessoal.

Na análise de redes sociais, a existência de um vínculo forte e denso entre os iguais é uma fonte importante de coesão social, diferente dos vínculos que produzem pontes entre grupos distintos. As conexões entre os iguais são de grande importância para que os indivíduos tomem consciência das suas atividades e situações cotidianas. Porém, os nexos entre grupos distintos são fundamentais para a melhoria das situações dos indivíduos. Uma outra questão a se observar é que a segregação residencial tende a aumentar a homogeneidade dos padrões de vínculo dos indivíduos, porque as preferências tendem a se organizarem espacialmente e não

representam barreira ao contato e para as oportunidades (BRIGGS, 2005 apud TORRES, 2003).

Albuquerque et al. (2013) afirma que rede social é composta de nós ou atores, vínculos estabelecidos nas redes, dotados de força relativa e condicionada a inúmeros fatores que vão da proximidade física à reciprocidade e ao compartilhamento. Além disso, considera-se os diferentes graus de afinidade, níveis de dependência ou intercâmbio existente entre os integrantes, considerando que os ativos na rede podem ser entendidos como as pessoas que constituem os nós porque estabelecem conexões por iniciativas próprias. Os passivos são aqueles indivíduos que participam das redes, que provêm o fluxo de informações, mas não se inserem nos processos de decisão. Ainda há aqueles indivíduos desconectados que não fazem parte de determinadas redes, por decisão própria ou porque não conseguem se integrar, sugerindo que o papel que cada indivíduo desempenha no intercâmbio determina a sua conexão com os demais indivíduos ou grupos.

Para Marques (2007), existem duas formas de estudar metodologicamente a relação entre padrões de vínculo e sociabilidade (**Tabela 1**):

Tabela 1 - Formas de estudar metodologicamente a relação entre padrões de vínculo e sociabilidade.

Metodologia	Sociabilidade	Foco de estudo
Egocentradas	Parcial	Indivíduo
Sociocentradas	Total ou parcial	Indivíduos ou instituições

Fonte: Adaptado de Marques (2007).

Fontes e Eichner (2004) analisaram as redes ego centradas em assentamento precário em Recife-PE no que se refere às contribuições das redes pessoais para a construção do capital social no que diz respeito a seus relacionamentos e sobre o apoio social, observando que a maior parte dos vínculos é com pessoas da própria comunidade, sendo mais presentes os vizinhos e parentes

Marques (2007) estudou redes pessoais em duas favelas na periferia de São Paulo que representam uma concentração expressiva de pobreza. Para isso, considerou cinco indicadores para caracterização das redes: tamanho da rede (pelo tamanho dos nós); coesão da rede associada a padrões de conectividade mais intenso; rede ego centrada, que avalia a extensão e a estrutura da rede ligada ao ego; diversidade da sociabilidade, que capta em que medida a rede de indivíduos

apresenta diversidade de inserções sociais, observando se a sociabilidade dos indivíduos é mais rica ou mais pobre e o localismo, que indica se a rede integra os indivíduos em contextos mais amplos do que o local, medindo o grau de inserção urbana da rede.

As redes sociais de indivíduos pobres tendem a ser menores, menos coesas, mais locais, menos variadas em termos de sociabilidade e mais apoiada na vizinhança e família, quando comparadas com as de classes médias. A renda não organiza a rede dentre os mais pobres e são influenciadas por diversas dinâmicas sociais, o que torna difícil uma caracterização única e direta das redes de indivíduos em situação de pobreza. Com isso, conclui-se que os principais elementos que influenciam as redes de sociabilidade dos entrevistados são: a renda, escolaridade, idade e ciclo de vida, sexo, migração e incorporação, frequência a templos, espaço e segregação (MARQUES, 2007).

Lomnitz (2009) afirma que redes sociais em assentamentos precários têm um papel muito importante, pois permitem a articulação de membros de um grupo social em torno de um sistema de intercâmbio capaz de amenizar a ausência ou ineficiência do estado nas questões sociais, econômicas e ambientais.

Rede tem sido definida como um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos, num dado campo social, composto por uma série de atividades, eventos, atitudes, registros orais e escritos (BARNES, 1987). Além disso, é uma ferramenta metodológica ao tratar a sociedade globalizada como uma rede, cujas estruturas sociais são tidas como sistemas abertos, dinâmicos, suscetíveis de inovações (CASTELLS, 1999). Os indicadores para caracterização das redes têm sentidos diversos como: circulação, fluxo, troca, intercâmbio de informações, compartilhamento, intensidade, extensão, colaboração, aprendizagem, inovações, diversidades de articulação, pluralismo organizacional, ação direta, institucionalidade, atuação dos campos cultural e político, descentralização, horizontalidade organizativa, flexibilidade e maior agilidade (GOHN, 2008).

Dessa forma uma rede social é um campo de relações entre indivíduos e se refere a qualquer aspecto de uma relação, não se constituindo em um grupo bem definido e limitado. Ela tem sido uma abstração científica que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações complexas em um dado espaço social, onde cada sujeito conta com um estoque de relações reais ou potenciais, herdadas ou

adquiridas, ordenadas como mapa mental cognitivo de acordo com o que o indivíduo e a cultura definem como distância social ou confiança (LOMNITZ, 2009).

Marques (2007) afirma que, nos casos de estudos sobre pobreza, os atributos individuais e as relações sociais são fundamentais para a sua compreensão, uma vez que o acesso dos indivíduos às estruturas de oportunidades que conduzem às condições sociais em geral, e às situações de pobreza, de forma particular, é medido pelos padrões de relação que esses indivíduos têm com outros indivíduos e com organizações de variados tipos. Com isso, demonstra-se que as redes ocorrem com indivíduos que se localizam no espaço, como também as conexões de rede funcionam como elementos de ligação entre espaços mais ou menos segregados. Isso denota uma importante propriedade das redes sociais que pode ser enunciada como a proporção de nós de uma dada rede pessoal que habitam o mesmo local de moradia do indivíduo.

Para Marteleto (2001), a análise de redes sociais traz um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social e nesses estudos de como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem. A unidade de análise não são os atributos individuais como: classe, sexo, idade, gênero, mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. Na sua estrutura é avaliada como uma rede de relações e de limitações que influem sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos e as opiniões dos indivíduos.

No entanto, não se considera rede apenas como uma simples soma de relações, mas também os elementos catalisadores da influência que cada relação exerce sobre as outras (MIZRUCHI, 2006).

Porém, Albuquerque et al (2013) observa que, mesmo que as redes sociais provoquem forte impacto no desenvolvimento local e nas configurações dos espaços dos assentamentos precários, as redes de interação e reciprocidade, de diferentes modos e em diferentes graus, são muitas vezes ignoradas nas políticas públicas sociais.

3. MOTIVAÇÕES PARA INTERAÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES DE TROCA EM ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS

3.1. Relações de troca em redes socioespaciais

As redes sociais têm sido estudadas desde 1950 visando compreender a sociedade no que diz respeito à sua estrutura social, e na procura dos reais motivos das interações e dos comportamentos de seus indivíduos. Além disso, busca-se explicar, através das teorias de trocas, parte das decisões dos indivíduos de se relacionarem em determinadas situações.

Nos estudos de redes sociais, busca-se explicar o comportamento social, baseando-se nos modelos de interação entre os atores sociais, independente de atributos individuais ou pessoais. Essas pesquisas permitem observar o modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve e também o modo como eles o usam e modificam de acordo com os seus interesses (PORTUGAL, 2006).

Redes sociais são definidas como uma estrutura de laços entre atores de um determinado sistema, podendo ser de indivíduos, grupos, corporações, agregados domésticos ou outras coletividades. Os laços podem se basear na conversação, afeto, amizade, parentesco, autoridade, troca econômica, de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação. Com isso acaba-se com a ideia de redes sociais como coleção de indivíduos ou simples categorias, procurando estudar as relações dentro de uma lógica de análise baseada na identificação de determinados padrões de interação social e na compreensão da influência desses padrões no comportamento dos atores e suas potencialidades (SILVA, FIALHO E SARAGOÇA, 2013).

Segundo Wasserman e Faust (1994), na teoria das redes observa-se quatro princípios fundamentais que são identificados por potencialidades: 1 - Os atores e suas ações são interdependentes e não independentes e autônomas; 2 - Os laços de relações entre os autores são canais de circulação de fluxos de recursos, quer sejam materiais ou imateriais; 3 - Os modelos de redes centrados no indivíduo assumem as estruturas de relações como meios que configuram oportunidades ou constroem a ação social; 4 - Os modelos de redes que têm como concepção a estrutura social - econômica, política, etc.- como padrões constantes de relações entre os atores.

A análise de redes tem a realidade social como uma estrutura de relações que envolvem entidades interdependentes (grupos, indivíduos, organizações, etc.). O foco central de análise é a relação, a qual pode assumir vários níveis: amizade, aconselhamento, comunicação, influência, autoridade, que variam conforme as situações e/ou entidades sociais que estão no objetivo da investigação. O agregado destas relações é a rede social. O sistema social é concebido por redes de redes, isto é, a realidade social é programada no nível de redes que se encontram conectadas umas com as outras (VARANDA, 2000).

Os instrumentos e métodos da teoria de redes têm trazido uma importante contribuição para o entendimento desses fenômenos sociais, uma vez que a teoria permite olhar para três dimensões fundamentais na sua análise: os recursos, as estruturas sociais e a ação. Essa visão constitui-se em uma via importantíssima para a construção de modelos de análise que esclarecem as interações/relações entre o indivíduo e a estrutura social (PORTUGAL, 2006).

Cada indivíduo conta com uma rede de parentes, amigos e conhecidos e cada um destes tem sua própria rede. Eles constroem esse conjunto de redes de acordo com as regras culturais básicas, porém, a família é o ponto de partida de toda rede social porque é a unidade fundamental da solidariedade e o parentesco é o grande grupo em que o indivíduo realiza o intercâmbio econômico e social (LOMNITZ, 2009).

Na morfologia das redes centradas nas relações de parentesco, observa-se a ação de laços fortes ou de laços fracos que estão relacionados com uma série de variáveis em que se destacam: a escolaridade, a origem familiar, a profissão e os níveis de rendimento (PORTUGAL, 2013).

Portugal (2013) afirma que os laços fortes são fundamentais no quotidiano, no suporte afetivo, no apoio para a reprodução da vida familiar como o cuidado com as crianças, trabalho doméstico, habitação e bens materiais. Já os laços fracos são muito importantes para adquirir recursos como o emprego e os cuidados de saúde. O investimento material e simbólico exigido pelos laços fortes é muito superior ao dos laços fracos, o que leva as redes centradas em laços fortes a se fecharem sobre si próprias, enquanto que aquelas redes centradas nos laços fracos abrem-se para o exterior. Com isso, constrói-se pontes entre os diferentes grupos sociais, o que permite ao indivíduo usufruir de recursos a que não tem acesso no interior da sua rede de laços fortes.

Em sua pesquisa, Portugal (2013) concluiu que os laços fracos são melhores do que os laços fortes nas relações do indivíduo, porque multiplicam contatos e permitem o acesso a novas informações, novos grupos e recursos sociais distintos do seu. Porém, esses laços fracos são menos intensos que os laços fortes, com menos confiança entre os seus nós.

Milhardo (1988) observa que é possível encontrar em vários estudos três tipos de redes: as redes de companheirismo próximos, em que o indivíduo cuja opinião acerca da sua vida pessoal é importante para si; as redes de interações, constituídas pelos indivíduos com quem os membros da família interagem numa base de rotina; e as redes de trocas que incluem os indivíduos com os quais a probabilidade de recompensa de trocas é elevada. As trocas acontecem em um vasto leque de interações, avaliadas quer positivamente quer negativamente, que vão desde a ajuda material e a prestação de serviços, ao aconselhamento e companhia nas atividades de lazer (PORTUGAL, 2006).

Estudando o papel das redes informais na provisão de recursos, constituído nas redes de relações da família em uma abordagem egocentrada, Portugal (2006) observou que nas redes circulam apoios materiais e afetivos, serviços, ajudas financeiras, bens materiais. Avaliou também como as interações, entre as diferentes esferas de ação social como: a família, o mercado, a economia, o estado e as instituições, são contatos realizados no interior das redes pessoais de relações sociais.

Portugal (2006) concluiu que as redes sociais permitem obter recursos, não adquiridos através do Estado e do mercado, a partir de uma lógica distinta destes, mas baseados no princípio de reciprocidade e de dádiva. Redes constituídas de laços fortes ou de laços fracos, por laços de parentesco, por relações familiares ou de amizade produzem resultados diversos no acesso a recursos, na satisfação de necessidades, no enfrentamento de dificuldades e nas situações de risco.

Lomnitz (2009) definiu rede social, em seu estudo intitulado “Mulheres, redes e economia informal”, como um campo social onde se pratica relações e intercâmbios de diferentes tipos entre os indivíduos como de bens, serviços, e informações economicamente relevantes. Além disso, a autora considera que há alguns aspectos em comum, como a relação de confiança entre dois sócios que mantém o intercâmbio desejado.

Para Lomnitz (2009), as redes podem se constituir, de acordo com a intensidade da relação de intercâmbio entre os seus atores, daquelas com mais intensidades de intercâmbio, em que predominam pequenas distâncias sociais, físicas e econômicas. Geralmente, são consolidadas dentro da vizinhança, onde há ajuda recíproca, composta por famílias vizinhas, mas sem haver relação de parentesco. Também há as relações entre parentes e vizinhos que funcionam em um sistema de segurança vital para a sua sobrevivência.

Em sua pesquisa, Lomnitz (2009) pôde constatar que, em uma rede social estável é comum existir uma relação de parentesco entre seus membros. Há ainda os casos em que os indivíduos vivem perto, ou seja, relação estabelecida entre vizinhos, que, quando se consolida, formaliza-se pelo compadrio. Porém o nível de confiança entre vizinhos é bem menor que aquele observado entre parentes.

Existem três tipos de intercâmbio como mecanismo de sobrevivência: de reciprocidade, que é um intercâmbio paritário de bens e serviços, como parte integral de uma relação social duradoura; de redistribuição, na qual os bens e serviços se concentram primeiro em um indivíduo ou instituição, para depois ser distribuído na comunidade ou sociedade; e o de bens e serviços, como base na oferta e na demanda sem implicações sociais a longo prazo (POLANYI E DALTON, 1968 apud LOMNITZ, 2009).

Para Lomnitz (2009), a confiança, a igualdade de carências ou falta de recursos e a proximidade de residência são os elementos básicos que constituem os requisitos para a reciprocidade na periferia. Nesses casos, há uma ênfase moral que é explícita no ato de dar ou de devolver o favor recebido. Isto vem corroborar com a importância das três dimensões fundamentais apontadas por Portugal (2006), sobre a teoria de redes, em que os recursos, as estruturas sociais e a ação dos indivíduos são esclarecedores das suas relações.

Os indivíduos utilizam os termos amigos íntimos, bons amigos e conhecidos, para classificar as suas relações que indica, de certa forma, a intensidade do intercâmbio recíproco. Os favores dependem da distância social entre os atores, sendo, portanto, uma prática de reciprocidade inserida e determinada, em parte, por intervalos de sociabilidade, em uma relação social progressiva.

Para Albuquerque et al (2013), nos confrontos que enfrentamos na vida, a falta de reciprocidade pode ser vista como a falta de reconhecimento e de redistribuição. Por isso, os esforços das comunidades visando seu reconhecimento e redistribuição

avançarão de forma dependente da sua capacidade de articulação para reverter o adverso, tornando relevante a busca de caminhos para identificar e fortalecer as redes sociais.

Segundo Lomnitz (2009) os bens e serviços que se intercambiam em uma rede recíproca classificam-se em:

- Informação – Circulam vários tipos de informações que variam de oportunidades de moradia e trabalho até mexericos;
- Ajuda laboral – Treinamento ou ensinamento de um ofício e ajuda para emprego;
- Empréstimo – De dinheiro, alimentos, ferramentas, roupa e todo tipo de artigos de uso pessoal e doméstico;
- Serviços – Que pode ser ajuda aos necessitados como viúvas e doentes, ajuda para a construção e manutenção das casas e de serviços como cuidados de crianças;
- Apoio Moral e emocional – Solidariedade em todas circunstâncias da vida como casamentos, batizados, funerais, o que implica em amizade e em preocupação constante com a vida do próximo e uma vigilância em cada um dos seus atos, com pouco espaço para a vida privada.

Para explicar a constância nas relações mais íntimas de uma rede social, vários autores utilizam a teoria de trocas, afirmando que as relações mais íntimas são menos vulneráveis, quanto a serem interrompidas em função das trocas envolvidas. Isso ocorre porque indivíduos tendem a manter relações em que há um equilíbrio entre a assistência recebida e a assistência dada (CARNEIRO, 2008).

Albuquerque et al (2013) em estudos realizados no Conjunto Vitória, caracterizado como assentamento precário, observaram que há uma proximidade nítida entre os moradores. Há, entre os mais “precisados”, um compartilhamento da produção de frutas, raízes e alimentos já preparados. Notaram ainda, em determinados ciclos de reciprocidade, que homens se ajudam para construírem casas em mutirões, nos momentos em que não estão trabalhando. Nesse momento, os jovens são inseridos como ajudantes e como forma de ensinar o ofício e forma de estender a solidariedade. Os autores observaram também a promoção de mobilizações dos moradores do conjunto, mesmo que não sejam de forma permanente, para reverter ações de despejos, pelo medo de perder a própria casa.

3.2. Motivações das relações de trocas

Para Bourdieu (1989), sociedade é como um espaço de várias dimensões, pluridimensional, em que se posicionam grupos sociais. Pensar a relação entre indivíduo e sociedade, com base na categoria *habitus*, implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são, simultaneamente, sociais e, coletivamente, orquestrados (SOUZA, 2014).

O *habitus* diz respeito às disposições ou atitudes incorporadas pelos indivíduos sociais ao longo de seu processo de socialização e contempla as experiências vividas. Dessa forma, atua como uma matriz de percepções, de apreciações, de ações e de disposições que lhe fornece o necessário para a intervenção na sua vida diária, desde que as conjunturas de um campo o estimulem e, por isso, não pode ser dissociado da ideia de campo. Porém, essas disposições não são fixas e não diz respeito à personalidade e nem à identidade dos indivíduos, de forma que o *habitus* é uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1989).

Pela perspectiva teórica de Bourdieu, Setton (2002) conceitua o *habitus* como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas no social e estruturantes nas mentes. É adquirido pelas experiências práticas, em condições sociais específicas de existência, constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

Campo, na concepção de Bourdieu (1989), é um território de produção de relações entre grupos, coletivos ou unidades de sobrevivência do sujeito humano, com diferentes discursos e práticas sociais. É o espaço de mobilização de poder para consensos e rupturas, conforme sejam as circunstâncias históricas em cena.

Quanto ao poder, Souza (2014) refere-se a ele como a capacidade de mobilizar vontades, intencionalidades, interesses, desejos, signos, significados. Estabelece-se nas relações entre indivíduos como o poder simbólico que se abriga nas relações estabelecidas entre estes indivíduos. O poder simbólico é um poder de construção de realidade (BOURDIEU, 1989).

Dentro das teorias trazidas por Bourdieu (1989) sobre *Habitus, campo e poder*, vários estudos têm sido realizados e diversas teorias tentam uma explicação para as razões dessa mobilização ou desse poder. Isso porque ele leva as pessoas a ter atitudes solidárias na vida cotidiana. Dentre essas ideias podemos apontar três

principais que são: o altruísmo, a troca e a reciprocidade, que são as mais discutidas entre a maioria dos autores que tratam do tema, com adeptos e críticos.

Essas teorias trazem vários fatores que podem ter influência sobre as motivações como: as necessidades e os traços de personalidade, consideradas elementos primários de previsão das investigações, porque influenciam a procura e a satisfação; os valores, que têm raízes nas necessidades pela capacidade de influenciar um comportamento. As necessidades são internas e os valores são adquiridos da experiência e do contexto. Este, é influenciando, de forma direta sobre as necessidades e valores, já que a motivação é um processo psicológico que resulta, de forma complexa, da interação entre o indivíduo e o ambiente que o cerca (Lathan e Pinder, 2005). Isto nos remete ao conceito de *habitus* de Bourdieu (1989), como disposição ou atitudes dos indivíduos de intervirem na sua vida diária, estimulados pela conjuntura do campo social e fortalecidos pelas experiências vividas.

Ferreira, Proença e Proença (2008), em um estudo sobre voluntariado, cita os principais tipos de motivações, sem que haja fronteiras entre os tipos:

- ✓ Altruísmo, situado como uma função de valores, como uma forma do indivíduo expressar seus próprios valores, que tem como objetivo ajudar os outros, fazer algo que valha a pena, forma de solidariedade;
- ✓ Pertença, situado como função social, que tem como objetivo o contato social, como estar com amigos ou fazer novas amizades, ser bem aceito na comunidade e contatar com pessoas que têm os mesmos interesses e dar algo a ser útil para a comunidade;
- ✓ Ego e Reconhecimento social, situado na função de oportunidade com o objetivo de sentimento de autoestima, confiança, satisfação, respeito e reconhecimento;
- ✓ Aprendizagem e desenvolvimento, situado na função de compreensão das suas habilidades comunitárias

Lach (2010), afirma que um dos temas centrais da obra de Honneth é a importância das relações de reconhecimento e da luta por reconhecimento para a compreensão da dinâmica das relações e dos conflitos sociais. A idéia básica de Honneth, é a de que os indivíduos e os grupos só poderão então formar suas identidades quando estas forem reconhecidas por diversos tipos de pessoas e grupos aos quais pertençam.

No altruísmo, a teoria é que um indivíduo altruísta transfere algo a outro, que pode ser renda, cuidado, tempo, até que esse outro alcance determinado nível de satisfação que seria próximo do nível atingido pelo próprio indivíduo altruísta (Correia, Queiroz e Frazito, 2011). Portanto, indivíduos altruístas desejam que o outro indivíduo alcance os mesmos níveis de satisfação que ele (Becker, 1981). Porém, essas transferências sofrem influência da distância entre os indivíduos e podem ser inspiradas pelas relações de trocas. Esse caso evidencia-se quando um indivíduo ajuda o outro na condição de ser beneficiado (COX E RANK, 1992).

Corrêa, Queiroz e Frazito (2011), investigando sobre as motivações para as ajudas entre familiares e amigos em São Paulo corroboraram com a teoria defendida por vários autores de que as transferências entre familiares podem ser motivadas por altruísmo. Além disso, observaram que a principal relação de troca é estabelecida entre as pessoas que ajudam com tempo. Cerca de 61% dos indivíduos que recebiam ajuda material (dinheiro), principalmente de parentes, também auxiliavam com seu tempo e 71% das pessoas que não recebiam ajuda material também não ajudavam com seu tempo. A probabilidade de o indivíduo ser ajudado com tempo aumenta se ele ajudar o outro materialmente, mas considera-se que os pagamentos podem ocorrer tanto com o mesmo tipo de ajuda quanto com outro tipo.

Corrêa, Queiroz e Frazito (2011) ainda observaram que em todas as ajudas recebidas ou ofertadas, de material ou de tempo, quanto mais distante fosse o domicílio dos indivíduos, mais rara seria a ajuda, o que fortalece a ideia de que as ajudas e transferências são motivadas por relações de trocas entre vizinhos.

A constância nas relações mais íntimas de uma rede social está relacionada com o fato dessas relações serem menos vulneráveis e serem interrompidas em função das trocas envolvidas. Há um equilíbrio entre a assistência recebida e a assistência dada, trazendo a ideia de que a reciprocidade nas relações é o fator mais importante para a continuidade da relação em redes sociais. Portanto, a troca de ajuda entre vizinhos estaria baseada na reciprocidade das trocas, em que a ajuda é mantida na medida em que a reciprocidade acontece (CARNEIRO, 2008).

Corrêa, Queiroz e Frazito (2011) em seus estudos sobre reciprocidade entre familiares e amigos, no Estado de São Paulo, observaram, principalmente nas relações de idosos, que eles eram muito ajudados. Eram também os que mais ajudavam, independentemente da pessoa a quem davam auxílio, demonstrando uma correlação forte entre as variáveis oferecer e receber ajuda de tempo. No entanto,

todas as variáveis apresentaram correlações positivas e significativas, mostrando que existe uma relação, estatisticamente significativa, entre ajudar e ser ajudado. Os autores encontraram relações mais fracas entre receber e oferecer ajuda material, justificado pelo fato que os indivíduos que mais precisam de ajuda material são carentes de recursos financeiros e, portanto, não estão aptos a dar ajuda financeira a outro indivíduo. Eles concluem que as ajudas que não envolvem recursos financeiros são as que mais se firmam no caso de relações de reciprocidade.

Os resultados dos estudos de Corrêa, Queiroz e Frazito (2011) corroboram com o Altruísmo e com as teorias das Trocas e da Reciprocidade. Porém, como em outros estudos, não chega a conclusão definitiva sobre os reais motivos dos comportamentos individuais, tendo dificuldade de apontar uma teoria como única explicação para a motivação das transferências privadas. Apesar disso, trazem a ideia razoável de que todas as três teorias explicam, até certa medida, parte das decisões dos indivíduos, podendo uma teoria se sobressair sobre a outra em determinadas situações.

3.3. Relações de trocas segundo Baudrillard

Os estudos atuais sobre o desenvolvimento humano e suas classes sociais enveredam pela construção social e não mais a exploram somente sob a vertente mercadológica das ciências econômicas. Eles trazem uma reflexão sociológica da sociedade, dos aspectos sociais referentes às suas desigualdades e, mais recentemente, exploram as interações sociais existentes nos espaços habitados (ABRAMOVAY, 2004).

Em 1972 Baudrillard estudou as questões relacionadas à construção social e apresentou suas teorias, que se encontram muito atuais pelos vários estudos sob a realidade social de hoje. Ele afirma que os indivíduos pertencem a categorias e que, por trás das superestruturas, principalmente mercadológicas da sociedade, da escolha, da acumulação, da manipulação e do consumo de objetos, há um mecanismo de prestação de serviço social que seja de discriminação e de prestígio, que está na base do sistema de valores e de integração na ordem de hierarquia da sociedade.

Bourdieu (1989) faz uma reflexão sociológica contemporânea em sua obra intitulada: o poder simbólico, em que traz uma reflexão sobre a Sociologia, tratando de categorias e artefatos culturais que tocam o indivíduo, sociedade, classe, dominação de classe, *habitus*, campo, formas simbólicas, formas de classificação,

solidariedade social, sistemas simbólicos, relações sociais e poder simbólico que estão embutidos em uma sociedade moderna capitalista.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social [...]) que faz assegurar a “solidariedade social” (grifo do autor) no facto de participar num sistema simbólico – tem o mérito de designar explicitamente a função social (no sentido do estruturo-funcionalismo) do simbolismo, autêntica função política que não se reduz à função de comunicação dos estruturalistas (BOURDIEU, 1989, p.9).

Nessa obra, o autor defende que as produções simbólicas como instrumentos de dominação também nos oferecem uma função autenticamente política. Esta função é posta em operação, no mundo social imediato, como instrumento de imposição, hierarquização, distinção, desmobilização ou de legitimação da dominação de uma classe sobre outra, de um grupo social sobre outro, de uma unidade de sobrevivência sobre outra, de uma fração de uma classe sobre outra fração dessa mesma classe e em situações sociais análogas (BOURDIEU, 1989).

Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social (grifo do autor): enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornaram possível *O Consensus* (grifo do autor) acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” (grifo do autor) é a condição da integração “Moral” (grifo do autor) (BOURDIEU, 1989, p.10).

Souza (2014), analisando o estudo de Bourdieu sobre o poder simbólico, expõe que o poder é uma capacidade de mobilizar vontades, intencionalidades, interesses, desejos, signos, significados, significantes e entes, inclusive corpos físicos, metafísicos e simbólicos.

Bourdieu (1989) teoriza, em sua obra citada, que diferentes universos simbólicos - mito, religião, arte, ciência - são instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como formas simbólicas.

Já Baudrillard (1972) fala da teoria sociológica do objeto e de análise sociológica do consumo, na qual não há relação com as necessidades e com o valor de uso, mas de troca simbólica, de prestação social, de concorrência e de discriminantes de classe. Dessa forma, os objetos são considerados como uma estrutura global do ambiente

circundante que é, ao mesmo tempo, uma estrutura ativa de comportamento, de tática social dos indivíduos e dos grupos que vivem das suas aspirações como trajetória profissional, educação dos filhos, lugar de residência e rede de relações e assim, cada indivíduo e cada grupo procura o seu lugar numa ordem hierárquica, procurando até forçá-la conforme a sua trajetória pessoal.

Essa hipótese, que assenta na evidência vivida, atribui aos objectos um estatuto funcional, o de utensílio ligado às operações técnicas sobre o mundo, e, por isso mesmo, o de mediação das necessidades antropológicas “naturais” (grifo do autor) do indivíduo. Nesta perspectiva, os objetos são, antes de mais, função das necessidades, e ganham o seu sentido na relação económica do homem com o ambiente circundante (BAUDRILLARD, 1972, p.11).

Essa hipótese empirista é falsa. Longe de o estatuto primário do objecto ser um estatuto pragmático que um valor de signo viesse depois sobredeterminar, é o valor de troca-signo que é o fundamental – não passando, muitas vezes, o valor de uso de sua caução prática (ou mesmo de pura e simples racionalização): tal é, sob a sua forma paradoxal, a única hipótese sociológica correcta (BAUDRILLARD, 1972, p.11-12).

Neste contexto, Baudrillard (1972) percebe o valor de status dos objetos, portanto, não só como valor de utensílios, de onde se observa que cada um sabe e se sente julgado pelos seus objetos e tem, no ambiente privado ou doméstico e no ambiente de objetos, a sua zona de refúgio. Dessa forma nunca cessa de testemunhar, de pretender uma legitimidade e de assegurá-la por meio do valor de status de seus objetos, tendo, assim, o objeto uma função psicológica de tranquilizar o proprietário sobre a sua posse. Também possui função sociológica de o filiar na classe dos indivíduos que os possuem, atuando os objetos do privado como valor de status ou de pertence social.

No fundo, sob a sua evidência concreta, as necessidades e funções descrevem apenas um nível abstracto, um discurso manifesto dos objetos, perante o qual o discurso social, largamente inconsciente, aparece como fundamental. Uma verdadeira teoria dos objetos e do consumo fundar-se-á, não numa teoria das necessidades e sua satisfação, mas numa teoria da prestação social e da significação (BAUDRILLARD, 1972, p.12).

Ferreira, Proença e Proença (2008) em um estudo sobre voluntariado, cita como uma das motivações o ego e o reconhecimento social, como sentimento de autoestima, confiança e satisfação, respeito e reconhecimento.

Já Baudrillard (1972), fala que a posse dos objetos é um cartão de cidadania, um penhor de reconhecimento, de integração e de legitimidade social, perdendo o objeto a sua função objetiva, passando a ter a função de penhor, função de prova, valorizado como expoente social, na prestação simbólica, que é a aquisição do próprio objeto. Portanto, os objetos de que nos rodeamos atestam uma verificação do nosso destino social, de uma posição social.

Baudrillard (1972) ainda afirma que o objeto é um mito. Empírico, na sua forma, cor, de material, de função, de discurso, mas cheio de significações de uma lógica de relações:

- A lógica funcional do valor de uso que seria a lógica das operações práticas, em que o objeto adquire o estatuto de utensílio, em que há uma relação necessária entre o objeto e a sua função, no seu sentido objetivo; o uso funcional do objeto passa pela sua estrutura técnica e pela manipulação prática;
- A lógica econômica do valor de troca, em que o objeto assume o valor de mercadoria e pode ocorrer uma relação de troca onde o objeto pode ser substituído por outro, suscetível de troca mútua;
- A lógica da troca simbólica, em que o objeto assume o valor de símbolo/seu valor simbólico, e que há uma relação sujeito/objeto, objeto não suscetível a troca;
- A lógica do valor de signo, em que o objeto assume o valor de status/ considerado o objeto de consumo/ o objeto da moda/ objeto de distinção social, de hierarquia, de posição social/ dos imperativos e do controle sociais.

É preciso saber que por trás de todas as finalidades há uma lógica, na qual o objeto, a ideia e o comportamento não escapam, que é a lógica estrutural do valor. Este não só praticado no seu valor de uso, mas também no seu valor de signo/ de status, pode ganhar um valor diferente no ato da troca e na relação que o diferencia do outro.

Thiry-Cherques (2010), em um ensaio em que sintetiza a posição de Baudrillard sobre o consumo, Fetiche, racionalidade do simulacro, lógica dos códigos e trabalho

hiper-real na economia e na sociedade contemporânea, afirma que um objeto tem um valor simbólico, além do valor de uso e do valor de troca e analisa a relação dos homens com os objetos na sociedade de consumo. Descreve também que o plano de racionalidade do objeto tem uma significação maior para além do seu uso. Dessa forma, o objeto perde o seu valor de uso e de troca, surgindo como valor de signo/status, em que o interesse não está mais nos objetos em si, mas no sistema de signo/status que o objeto reflete.

Portanto, não considerar o uso nem a troca, esta com valor de mercadoria, implica buscar no objeto o status que ele comunica, além de buscar a distinção, a hierarquia, a posição. A sociedade atual é regida pelo consumo e o valor está nas ideias, no sentido que o objeto empresta à existência, em que as identidades deixaram de ser as do trabalho e as relações individuais são as relações com os grupos (THIRY-CHERQUES, 2010).

4. METODOLOGIAS

4.1. Para identificação das redes socioespaciais do conjunto vitória (pesquisa do Urbe)

Esta dissertação está inserida em uma pesquisa mais ampla desenvolvida pelo grupo de pesquisa Urbe – Estudos da Cidade, em parceria com mais 7 instituições espalhadas pelo Brasil, em torno da temática da Tecnologia Social (TS) na Habitação. São temas relevantes à Tecnologia Social: o protagonismo, os movimentos sociais e a sociedade organizada. O Urbe tem trabalhado buscando desenvolver diretrizes para políticas habitacionais, focando a atenção em assentamentos autogestionados.

Foi a partir do desenvolvimento dessa metodologia, realizada pelo grupo, que se originaram os dados para a pesquisa desta dissertação. Desta forma, sua importância foi vital para a construção da mesma.

Na cidade de Maceió os movimentos de luta pela moradia não têm a expressividade que possuem em outras cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre ou Recife. Estas são cidades que possuem uma notoriedade no contexto Nacional ao ponto de terem inspirado políticas nacionais de Habitação no Brasil (ALBUQUERQUE et al, 2013).

Os dados da Pesquisa de Mapeamento e Qualificação da Exclusão Social dos territórios de abrangência do CRAS de Maceió-AL evidenciam o baixo nível de engajamento político e de organização social da população da cidade, onde apenas 0,71% participa de conselhos de políticas públicas (MACEIÓ, 2012).

Diante dessa constatação optou-se, na pesquisa do Urbe, por estudar as redes de apoio à permanência que buscam suprir as carências de serviços urbanos de maneira informal em assentamentos precários autogestionados. Desse modo, a metodologia das redes sociais surgiu com o intuito de mapear essas relações que muitas vezes se constituem uma das formas mais consistentes de organização nesse tipo de assentamento, que possuem baixa capacidade de representação diante dos órgãos públicos.

Neste contexto, os pesquisadores do Urbe construíram uma metodologia de identificação de redes sociais objetivando mapeá-las. Essa iniciativa teve o intuito de reforçar os intercâmbios de solidariedade existentes em assentamentos precários para salvaguardar a comunidade em processos de remoção, por risco socioambiental,

de forma que seus laços possam manter e aprimorar seu capital relacional e seu “saber-fazer” na habitação.

Para definição do objeto empírico da pesquisa realizada pelo Urbe, foram estabelecidos alguns critérios: uma comunidade em situação de risco e com possibilidade real de remoção, em que seus principais articuladores não tivessem ligações político-partidária, mas que possuísem um nível mínimo de auto-organização e um canal de diálogo aberto com o poder público (ALBUQUERQUE et al, 2013).

Devido à baixa organização política da luta pela moradia constatada em Maceió, foram consultados os movimentos sociais da cidade de Recife, para que estes sinalizassem a existência de alguma instituição engajada com esta luta na cidade. A UMM-AL foi indicada como precursora destes movimentos em Maceió e, sob sua orientação, identificou-se uma localidade que atendia aos critérios básicos estabelecidos pelo Urbe para o objeto empírico daquela pesquisa: o Conjunto Vitória.

Inicialmente os pesquisadores tentavam aplicar a metodologia de identificação de redes através do método de amostragem “bola de neve”, com aplicação dos questionários pela própria comunidade, de forma a incentivar o seu protagonismo. Esta técnica consiste em entrevistar um conjunto de atores para coletar dados sobre suas relações. Cada um desses atores indica um número de relações com outros atores do conjunto original (ou não), que por sua vez, indicam outras relações com outros atores já conhecidos ou não, até que não haja mais novos atores citados.

Porém a alta complexidade dos dados que seriam derivados desta técnica e ainda as condições de precariedade da localidade, que não dispunha ao menos de espaço para as reuniões, inviabilizou esta metodologia inicial.

Como aquela pesquisa estava ligada ao tema da habitação, nem as redes ego centradas, que tratam as relações entre indivíduos; nem as redes sócios centradas, analisa as relações com indivíduos e instituições, eram representativas para a moradia com suas inúmeras possibilidades de arranjos familiares. Decidiu-se, portanto, por centrar as redes nas unidades de habitação.

Um questionário foi montado como instrumento de coleta de dados para a extração dessas redes. Ele foi realizado para ser aplicado a mulheres, mães de família, líder de uma unidade habitacional, seguindo os parâmetros das políticas nacionais de habitação que as colocam como suas beneficiárias.

O questionário foi elaborado com um elenco de questões relacionadas ao tema da habitação que foram categorizadas em nove eixos temáticos: migração, construção, cuidados com a família, trabalho e renda, dinheiro (empréstimo), serviços urbanos, mobilidade, comunicação (das unidades habitacionais ou da infraestrutura) e pertencimento que se justificam nos referenciais teóricos daquela pesquisa.

No recorte definido pela metodologia, para delimitação da amostra final, o grupo de pesquisadores do Urbe, selecionou as unidades habitacionais que eram passíveis de retirada, pois avançavam sob a faixa de domínio da rede elétrica de alta tensão e eram alvo de processos judiciais que pediam sua retirada. Sua condição caracterizava-se tanto pelo risco à vida de seus residentes quanto pela possibilidade de serem removidos da localidade.

Obviamente, havia o entendimento que redes socioespaciais não se restringem “aquela faixa” e extrapolavam a rede elétrica e os assentamentos habitacionais, portanto era esperado que o fossem indicados, na rede de sociabilidade, também, indivíduos que não estavam sob os fios.

Cada entrevistada poderia citar no máximo 9 pessoas do conjunto com as quais se relacionava entre os temas listados, a frequência de contato e a proximidade (este questionário encontra-se entre os anexos desta dissertação).

Essa pesquisa apontou como resultado, do mapeamento das redes, os seguintes domicílios caracterizados como âncoras, por possuírem maior número de indicações entre os pesquisados: 18B.b, 29C, 36C, 57C, 27D.a, 28D, 42D e 52D. Dentre os quais, o Domicílio 52D obteve o maior número, totalizando 10 indicações.

4.1.1. O Conjunto Vitória

O bairro de Petrópolis está localizado na parte alta - área de tabuleiros - da cidade de Maceió-AL e tem em seu entrono os bairros: Santa Amélia, Tabuleiro dos Martins, Santa Lúcia, Jardim Petrópolis, Santo Amaro, Canaã, Chã da Jaqueira e Chã de Bebedouro (**Figura 1**).



Figura 1 - Localização do Bairro de Petrópolis em Maceió-AL.
 Fonte: Adaptação a partir da Base Cartográfica da Cidade de Maceió-AL, 2015.

Conforme o Plano Diretor da cidade de Maceió, este bairro faz parte dos Macrozoneamentos: Macrozona Prioritária para Implantação de Infra-Estrutura Urbana no tabuleiro; Macrozona de Restrição à Ocupação; Macrozona de Expansão Intensiva. Os Macrozoneamentos determinam as ações públicas voltadas a esta localidade, além de direcionar o uso e a ocupação do solo (MACEIÓ, 2006).

Neste sentido, para o bairro do Petrópolis, as diretrizes para a urbanização procuram implementar ações que estimulem sua ocupação, principalmente em áreas próximas a Av. Durval de Goes Monteiro, ligada tanto ao uso residencial (**Figura 2**), quanto de atividades complementares a residência e ao comércio. Desta forma, a prefeitura considera que esta área possui potencial para ser ocupada devido a sua condição de centralidade, diminuindo os custos com a mobilidade urbana e com implantação de infraestrutura (MACEIÓ, 2006).

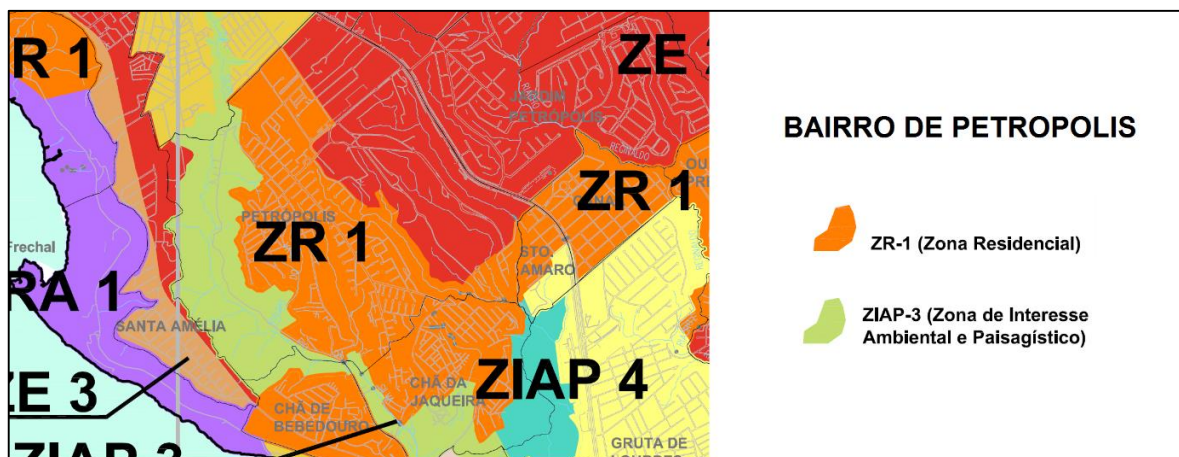


Figura 2 - Zoneamento do bairro de Petrópolis em Maceió-AL.

Fonte: Adaptação a partir do Mapa de Zoneamento da Cidade de Maceió-AL, 2015.

O Conjunto Vitória, conforme é conhecido e citado pelos moradores, é um assentamento precário localizado no bairro de Petrópolis, possui habitações autogestionadas em terreno objeto de disputas judiciais. Sua localização estende-se da Av. Galba Novaes de Castro e alcança encostas e grotas da região, condição comum entre muitos assentamentos em Maceió-AL (**Figura 3**).



Figura 3 - Localização do Conjunto Vitória.

Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

Sua peculiaridade, entretanto, diz respeito ao alinhamento de seu traçado à rede de alta tensão da Eletrobrás (**Figura 4**), a qual deveria manter uma faixa de domínio de 15 metros. Esta condição tem ocasionando desentendimentos entre a companhia elétrica e a população residente, gerando uma situação de risco de eminente de retirada, além, de risco à vida.



Figura 4 - Alinhamento do assentamento com a rede de alta tensão.
Fonte: Google Earth, 2015.

A data de início de ocupação não pode ser determinada com precisão, pois existem dados conflitantes entre o relato de alguns moradores e outros documentos levantados pela pesquisa. Aqueles relatam que a ocupação iniciou há mais de uma década, mas não existe registro que comprove essa afirmação na base cartográfica oficial da cidade, que teve sua última atualização em 2010. Porém, uma análise da plataforma Google Earth, que permite retroceder seus dados no tempo até o ano de 2002, confirma que, neste período, já se iniciava a ocupação da área.

O povoamento desta região ocorreu em várias etapas diferentes e foi caracterizado por momentos de incerteza e instabilidade, com ameaças de despejo e reintegração de posse. Este fato marcou, não somente, a história do assentamento, mas a vida de seus moradores.

Analisando-se as imagens de 2002 foi possível identificar uma ocupação inicial com algumas edificações, espaçadas e que respeitavam a faixa de domínio da rede elétrica (**Figura 5**) (ALBUQUERQUE et al, 2013).



Figura 5 - Configuração Conjunto Vitória em 2002.

Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

Em 2005, houve um acontecimento significativo que contribuiu para a ocupação do Vitória: o início da construção de um conjunto habitacional de 50 blocos de apartamentos, financiados com recursos do Programa de Arrendamento Residencial (PAR) (Figura 6).



Figura 6 - Configuração Conjunto Vitória em 2005.

Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

Essa modificação tão substancial em seu entorno foi consequência da política municipal de adensamento na região o que acabou contribuindo para a ocupação informal das áreas circunvizinhas. O local que sofria restrições legais de uso passou a ser ocupado, alguns moradores declaram que foram residir no local enquanto trabalhavam na construção dos blocos de apartamentos.

Em 2008, próxima data disponibilizada pela plataforma Google, o Conjunto Vitória cresceu ainda mais. Nesta etapa, a área do assentamento já se assemelha bastante com sua configuração atual, apesar de ainda existirem espaços vazios entre as edificações e algumas construções inacabadas (**Figura 7**) (ALBUQUERQUE et al, 2013).

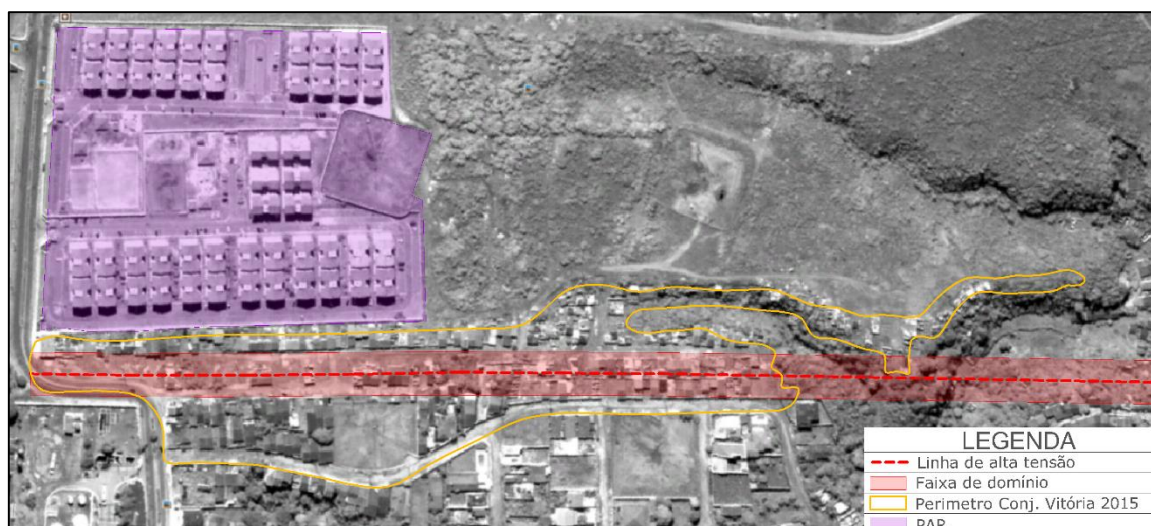


Figura 7 - Configuração Conjunto Vitória em 2008.
Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

Foi também neste período, entre 2005 e 2008, que ocorreu um fato significativo da história do Conjunto: uma “invasão”. Não é possível identificar esta data com exatidão, mas o cruzamento de informações dos moradores com os dados disponíveis em jornais determina que este acontecimento ocorreu no primeiro mandato do ex-prefeito de Maceió, Cicero Almeida.

Em entrevistas com os moradores do local (que podem ser encontradas no apêndice deste trabalho), houve relatos de que, antes desta “invasão”, residia na região um número pequeno de habitantes, como se pode verificar na imagem de 2005. Essa porção inicial de construções, respeitava a faixa de domínio da Eletrobrás, e possuía uma característica de ruralidade, pois eram organizadas em pequenos “sítios”.

Porém, uma nova fase se iniciou com a chegada coordenada destas pessoas, as quais ocuparam o local. Neste período, houve a demarcação de pequenos lotes, a implantação de barracos de lona e o início da construção de algumas casas edificadas em alvenaria, que já não respeitavam a faixa de domínio da rede elétrica.

Os moradores informam que esta época foi marcada, também, por ações do governo no sentido de demolir as casas da ocupação como é comum acontecer em casos de invasão. Algumas casas foram retiradas, mas voltaram a ser construídas em um período posterior.

Em 2010, a área do conjunto estava completamente ocupada e praticamente já não havia mais espaços vazios, principalmente abaixo da rede elétrica. Além disso, as construções avançam também sobre as áreas de encosta, e os barracos de lona do início foram substituídos por casas de alvenaria (**Figura 8**) (ALBUQUERQUE et al, 2013).



Figura 8 - Configuração Conjunto Vitória em 2010.

Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

Como em outros assentamentos precários de Maceió, no Vitória, as primeiras ocupações realizaram-se com construções feitas de materiais reaproveitados, como a lona. Mas, com o passar do tempo, seus moradores foram adquirindo maior confiança e estabilidade e iniciaram a construção de casas em alvenaria (ALBUQUERQUE et al, 2013).

Apesar da mudança da forma de construção das casas a condição de precariedade e vulnerabilidade não desaparece. Com isso no ano de 2012, após um período de estabilização, ocorreu outra ação do Estado para retirar os residentes do Conjunto. Desta vez a ação partiu da Eletrobrás sob a justificativa do risco iminente à vida das pessoas que se encontravam abaixo dos fios de alta tensão (TRIBUNA HOJE, 2012). A indignação dos moradores se acentuava ao perceber que em bairros formais da cidade a proximidade dos fios existe e é legitimada pelo poder público.

Ao Jornal Tribuna Hoje (2012), a Eletrobrás comunicou que esta ocupação configura em violação de seus padrões de segurança, impondo risco à vida da própria população, a qual se instalou sob as linhas de energia. Além disso, esse fato implica em dificuldade de acesso dos técnicos para realizar manutenções periódicas, explica-se na nota:

[...]desde fevereiro de 2005, tramita na justiça uma ação de manutenção na posse, tendo o primeiro mandado de reintegração sido emitido em dezembro de 2010, pela 10ª Vara Cível da Capital. Agora, em janeiro de 2012, o mandado foi renovado e a justiça determinou a desocupação do terreno com a presença do núcleo de gerenciamento de crises da Polícia Militar. (TRIBUNA HOJE, 2012, p.1).

Este fato ocasionou algumas manifestações, dos moradores, que puderam ser noticiadas pela imprensa local:

O líder dos moradores identificado por Zélito informou que o terreno não seria da Eletrobras e sim da Usina Utinga Leão e de que eles não teriam este direito de fazer mais de 600 famílias desocuparem o local. “São milhares de casas de alvenaria que custaram caro para serem construídas, a gente lutou muito para levantar elas”, reclamou. (TRIBUNA HOJE, 2012, p.1).

As famílias, no entanto, permanecem assentadas. Em 2013, outro Conjunto de apartamentos foi implantando no entorno do Vitória. Foram construídos 38 blocos de apartamentos, financiados pelo Governo Federal com recursos do eixo Minha Casa Minha Vida (MCMV) do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) (**Figura 9**).



Figura 9 - Configuração Conjunto Vitória em 2013.
Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

Já no ano de 2015, encontram-se construídos quatro desses conjuntos habitacionais (1 PAR e 3 MCMV-PAC) que totalizam 2.592 unidades de moradia no entorno do Vitória (Figura 10).



Figura 10 - Configuração Conjunto Vitória em 2015.
Fonte: Adaptação a partir do Google Earth, 2015.

No Conjunto Vitória, ainda em 2015, há predominância de casas de alvenaria, com luz elétrica fornecida e cobrada pela Eletrobrás, porém não há saneamento (Figura 11) e a água encanada é conseguida por meio de ligações informais. Estas características somadas à proximidade da rede elétrica têm sido fatores determinantes para atestar a condição de precariedade desta localidade.



Figura 10 - Falta de Saneamento no Conjunto Vitória.
Fonte: Google Earth, 2015.

4.2. Para caracterização das relações de troca que ocorrem na rede socioespaciais do domicílio 52d (pesquisa da dissertação)

A pesquisa de que trata esta dissertação tem caráter exploratório e explicativo, pois aprofunda o tema, proporciona maior familiaridade com o problema e identifica os fatores que contribuem para a ocorrência destes fenômenos. Seguiu o método de abordagem qualitativa e utilizou o procedimento metodológico do Estudo de Caso.

A metodologia qualitativa de pesquisa é caracterizada pelo abandono da representatividade estatística das pesquisas empíricas e controladas, bastando a análise de um pequeno grupo, por vezes de algumas pessoas apenas, supondo que a representatividade possa ser substituída pela exemplaridade. Por meio da pesquisa qualitativa é possível estudar os casos mais a fundo, perceber a intensidade e não apenas a extensão dos fenômenos (DEMO, 2000)

Estudos de caso podem ser considerados como uma ferramenta possível para a realização de pesquisas e devem ser utilizados quando se pretende conhecer as características de eventos da vida real e determinar como eventos contemporâneos ocorrem e sobre os quais o pesquisador possui pouco ou nenhum controle (YIN, 1994).

Dessa forma, inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura buscando entender as redes socioespaciais e seu potencial para interferir na provisão de ativos relacionais, em situações de vulnerabilidade, no contexto dos assentamentos precários. E ainda, como as construções sociais interferem nos diferentes níveis de sociabilidade.

Para delimitação da amostra da pesquisa desta dissertação foram utilizados os dados da pesquisa explicitada anteriormente de identificação das redes socioespaciais realizada pelo Urbe na mesma localidade. Assim, dentro do universo total das redes resultantes daquela pesquisa, buscou-se o domicílio que havia sido indicado mais vezes, por acreditar que sua maior representatividade na comunidade pode servir como parâmetro para o estudo de suas relações (**Tabela 2**).

Tabela 2 – Os dez domicílios mais representativos para as redes socioespaciais do Conjunto Vitória.

Domicílios mais citados	18B.b	29C	36C	57C	5G	28D	42D	27D.a	90D	52D
Total de citações	6	6	7	7	7	8	8	9	9	10
Tempo no declarado conjunto (anos)	6	5	> 5	3	> 5	> 5	> 5	> 5	3	>10

Fonte: O Autor, 2015.

Dentre os mais indicados, o domicílio denominado, pela pesquisa do Urbe, como “52D” recebeu o maior número de indicações e residia há mais tempo no Conjunto. Desta forma, para a coleta de dados desta dissertação, realizou-se entrevistas semiestruturadas com o próprio domicílio 52D e com os participantes de sua rede de sociabilidade, os quais o citaram em diferentes temas (Tabela 3).

Tabela 3 - Domicílios que integram a rede de sociabilidade do “52D” e temas citados

Domicílio	Citado por	Nos temas
52D	27B	Comunicação.
	28C	Comunicação e pertencimento.
	29C	Dinheiro e comunicação.
	40D	Migração e comunicação.
	43D	Comunicação.
	46D	Mobilidade e comunicação.
	51D	Serviços urbanos e comunicação.
	53D	Migração, dinheiro, mobilidade, comunicação.
	54D	Migração, cuidados com a família, dinheiro, serviços urbanos, comunicação e pertencimento.
	91D	Comunicação.

Fonte: O Autor, 2015.

O tempo decorrido entre a aplicação dos questionários para identificação das redes, pelos pesquisadores do Urbe, e a realização das entrevistas que compõem esta dissertação ultrapassa um ano e qualquer variação encontrada nas redes demonstram que se tratam de períodos distintos desta localidade, caracterizada pelo contexto de insegurança e vulnerabilidade social. Este contexto perpassa questões relativas ao seu histórico de invasão e a possibilidade de remoção dos moradores do

local, a qual foi amenizada com a criação de uma associação de moradores do conjunto.

Devido ao tempo decorrido entre a pesquisa das redes e a realização das entrevistas desta dissertação, só estavam disponíveis para as mesmas, nos diversos dias e horários de visita, os seguintes domicílios: 27D, 43D, 53D e 54D, além do próprio domicílio 52D. O representante do domicílio 28D recusou-se a participar, os representantes que haviam respondido o questionário a época da primeira pesquisa dos domicílios 51D e 29D haviam mudado do local, segundo informações de vizinhos, e os representantes dos domicílios 40D, 46D e 91D não foram encontrados a época da realização destas entrevistas.

Por se tratar do domicílio mais antigo dentre os mais citados, segundo dados da pesquisa anterior, e ainda sua participação direta nos eventos mais marcantes na história daquela localidade, entendeu-se que sua representatividade, perpassava questões tocantes ao número de suas relações e que envolviam questões qualitativas que influenciavam diretamente os temas principais desta dissertação. Portanto, sua importância na construção da história desta localidade foi determinante para sua escolha por esta pesquisa.

Desta forma, foram duas variáveis que determinaram o objeto empírico: A âncora mais antiga e mais articulada, por isso se tornou a mais representativa. A antiguidade fundamenta-se na teoria de redes, além disso, pode dar mais condição de evidência a valores simbólico (identidade com o local).

Com a realização das entrevistas intentou-se realizar um panorama sobre as principais questões da pesquisa, sobre o histórico daquela ocupação e os diferentes níveis de interação social que ali ocorriam. Utilizou-se de linguagem coloquial, simplificada e espontânea e ainda de um telefone celular - como instrumento de gravação - com o intuito de não gerar estranhamento e constrangimento já que esse tipo de equipamento se torna familiar para os entrevistados.

Para a análise e interpretação dos dados coletados utilizou-se como critério para a categorização das relações de troca os tipos descritos por Baudrillard (1972) em seu livro "Para uma crítica da economia política do signo": Valor de Troca, Valor de Uso, Troca Simbólica e Valor de Signo.

Por fim as entrevistas foram transcritas e na análise dos textos destacaram-se expressões que evidenciassem os valores descritos no referencial teórico. As

transcrições foram colocadas como apêndice para que se tenha acesso com contexto dos trechos destacados.

Por estar inserida em uma pesquisa mais ampla, que já havia sido submetida em sua totalidade a um Comitê de Ética, para a realização das entrevistas desta dissertação solicitamos aos moradores, apenas, que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ao qual lhes foi explicado o tema geral do qual se tratava, pedindo suas permissões para a gravação e ainda a possibilidade de retirada a qualquer momento de suas contribuições.

4.2.1. Critérios para análise das entrevistas

Dentre os tipos de Valoração citados por Baudrillard, os quais se explicitaram no Capítulo anterior desta Dissertação, serão utilizados como critério de categorização das relações que ocorrem das redes socioespaciais do Conjunto Vitória, somente os descritos a seguir:

Valor de Troca caracteriza-se pela lógica mercadológica de valoração e ocorre quando um objeto pode ser substituído por outro, sendo mais perceptível no emprego do dinheiro.

Troca Simbólica estaria associada a um significado específico que o mesmo objeto adquire em diferentes relações, o bem passa a representar uma relação interpessoal.

Thiry-Cherques (2010) sintetiza, a posição de Baudrillard, sobre o consumo, o Fetiche, a racionalidade do simulacro, a lógica dos códigos e o trabalho hiper-real na economia e na sociedade contemporânea, quando afirma que um objeto possui um valor simbólico, além do valor de uso e do valor de troca.

Como apresentado por Baudrillard, o Valor de Signo é aquele cujo o objeto é um mito, empírico, na sua forma, cor, de material, de função, de discurso, cheio de significações de uma lógica de relações e entre elas se encontra a lógica do valor; em que o objeto assume o estatuto de status, consumo moda, distinção e dos imperativos e do controle sociais. Esta valoração ficaria evidente, então, em sua disposição de conduzir uma estratificação.

Quanto ao Valor de Uso, entende-se que, a dimensão funcional, permeia todas as relações, e que, no contexto de precariedade, é ainda mais evidente o imperativo dessa dimensão no olhar das pessoas. Em situações de extrema pobreza, mesmo

quando um objeto perde utilidade para a função inicial, ele é facilmente reaproveitado. Desta forma, quando um objeto perde totalmente a sua capacidade utilitária, dificilmente ele seria mantido em relações que ocorrem no contexto de precariedade.

É importante salientar, no entanto, que as relações não são regidas somente sob um valor, ou aspecto, mas buscou-se caracterizá-las sob os aspectos que ficam mais evidentes em cada caso específico.

Reformadas as características dos tipos de valores apontados por Baudrillard retorna-se as entrevistas. Portanto, para a realização das entrevistas, foram elaboradas perguntas que possibilitassem a demonstração dos tipos de valoração, envolvendo questões que exemplificasse as relações que ocorrem entre a vizinhança do Conjunto Vitória, de modo que o participante pudesse expor suas opiniões e sentimentos a respeito de seus relacionamentos (trazendo ao foco o Valor Sínico, o de Troca e o Simbólico) e suas relações comerciais. Estas perguntas se organizaram sob a forma de Roteiro semiestruturado (encontrado entre os apêndices desta dissertação) para o controle dos pontos que já haviam sido abordados. Pretendeu-se obter respostas para as principais questões da pesquisa: um histórico daquela ocupação e os diferentes níveis de interação social e relações de trocas que ocorriam nesta rede. Em muitos casos, a ordem apresentada no Roteiro não foi seguida, no decorrer da entrevista, mas perguntas eram respondidas antes da sua formulação.

Para a identificação desses tipos de valores, procurou-se nas falas dos entrevistados por expressões que pudessem caracterizá-las (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Expressões usadas em fala dos entrevistados que denotem valoração

Valor de troca	Sentidos que denotem troca econômica			
	Comprou	Vendeu	Pagou	Gastou
Troca simbólica	Sentidos que reflitam valor simbólico			
	Memória afetiva	Reconhecimento	Amizade	Uso
Valor de Signo	Sentidos que denotem aceitação ou rejeição			
	Bom	Mau	Bem	Mal
	Superioridade	Inferioridade	Belo	Feio
	Certo	Errado	Gosto	Desgosto

Fonte: O Autor, 2015.

Como critério de análise, determinou-se que, dentre as relações que foram citadas pelos entrevistados, serão avaliadas, somente, aquelas que ocorrem no contexto do Conjunto Vitória. Entende-se que as relações que ocorrem fora desta localidade não possuem representatividade para o recorte da pesquisa, pois pretende-se entender suas dimensões em relação a habitação. Desta forma, qualquer relação que ocorra com indivíduos que não estejam localizados no Conjunto, possivelmente não sofrem influência de questões como proximidade ou vizinhança, mas são laços que se mantêm apesar da distância espacial.

5. RELAÇÕES DE TROCA EM REDES SOCIOESPACIAIS DO CONJUNTO VITÓRIA

5.1. Análise das entrevistas:

Aqui são apresentadas as características observadas nas entrevistas e que categorizam os tipos de relações de trocas e suas motivações, trazendo uma análise dessas relações baseada no que foi observado e no referencial teórico contemplado. São apresentadas, inicialmente, as características dos entrevistados e em seguida apresentadas a análise e discussão dos tipos de relações de trocas e suas motivações, o que é feito por tópicos seguindo os tipos descritos. Vale salientar que os entrevistados fazem parte do conjunto de contatos do indivíduo entrevistado do Domicílio 52D (âncora) em sua sociabilidade, incluindo apenas vínculo diretos.

5.1.1. Perfil dos entrevistados:

Os entrevistados fazem parte da rede de sociabilidade do Domicílio 52D que contempla 10 domicílios (27B, 28C, 29C, 40D, 43D, 46D, 51D, 53D, 54D e 91D), porém, só foi possível, por disponibilidade dos entrevistados e indisponibilidade dos não entrevistados, a realização de entrevistas em 5 domicílios (**Tabela 5**).

Tabela 5 - Perfil dos entrevistados pertencentes a rede sociespacial de sociabilidade do domicílio “52D”

Domicílio	Sexo	Estado civil	Número de Residentes no domicílio	Atividades	Tempo no conjunto
52D	Fem.	Casada	6	Lavadeira	+ 10 anos
53D	Fem.	Casada	5	Comercializa cosméticos	+ 7 anos
54D	Fem.	Separada	3	Costureira	+ 4 anos
43D	Masc.	Casado	4	Aposentado	+ 2 anos
27B	Masc.	Casado	0	Comercializa gaiolas	+ 10 anos

Fonte: O Autor, 2015.

A espacialização a seguir (**Figura 5**) representa a rede de sociabilidade do Domicílio 52D, que apresenta o menor raio de extensão de 2,92m e o maior de 212,99m. Entretanto, a média geral dos raios das redes totais estudadas no Conjunto Vitória apresentam raios com valores médios máximos próximos à 60m, valores semelhantes ao encontrados por Marques (2007) em estudos sobre distância entre os nós. Desta forma, o raio maior desta rede configura-se como uma exceção.



Figura 5 - Espacialização da rede social de sociabilidade do Domicílio 52D, com seus vínculos diretos, incluindo os domicílios entrevistados.

Fonte: O autor, 2015.

5.1.2. As relações de trocas, características e motivações, da rede de sociabilidade do domicílio 52D

5.1.2.1. Aspectos do valor de troca na rede do domicílio 52D

Analisando os depoimentos dos entrevistados, identificou-se claramente a existência de relações regidas pela a valoração de troca, nas falas dos domicílios: 52D, 53D, 54D e 27B. As quais podem ser observadas a seguir:

a) Depoimento do Domicílio 52D

Observa-se o valor de troca na entrevista do Domicílio 52D, com seu domicílio vizinho, quando a mesma falou com ele “*se dará pra ele alugar*” uma casa “*aqui ao lado*”, ainda no Conjunto Vitória, para seu filho que havia casado (Este trecho pode ser conferido em suas entrevistas nos apêndices desta dissertação nas linhas: 875 à

901). Esta relação demonstra que a entrevistada usou da confiança que possuía em suas relações para conseguir concretizar a troca econômica com o vizinho. Entende-se, portanto, que, em situações de precariedade e vulnerabilidade social, a troca de ativos econômicos exige um maior nível de confiabilidade. Para Brumes e Whitacker (2008) a ação humana, dentro de uma sociedade de mercado, é reflexo da ação de sujeitos sociais que, na apropriação e controle dos recursos escassos, naturalmente e socialmente produzidos são capazes determinar a sua marca sobre o espaço.

Com relação a compra e venda de imóveis na localidade, o valor de troca também fica evidente quando seu esposo “*Zé Roberto*” “*Comprou um quarto*” “*no conjunto*” o qual depois “*vendeu*” “*por 3mil reais*” (linhas 1510 à 1517).

Outra relação, em que fica evidente a valoração econômica, ocorre quando a entrevistada contrata a “*fia da Sandra*”, que “*mora*” no Vitória, para ficar com “*os meninos*” pela quantia de “*20 reais*” (linhas 1160 à 1169).

A entrevistada comprou, ainda, uma “*televisãozinha do Zé Lito de 29*” polegadas (linha 1242)

Observa-se, ainda, nos depoimentos que há uma forte relação de troca socio-espacial com os vizinhos, na contratação do “*pedreiro*” “*Marquinho*”, esposo da entrevistada do Domicílio 53D (linhas 1515 e 1525).

b) Depoimento do Domicílio 53D

Detecta-se valor de troca nas relações do Domicílio 53D, quando o entrevistado afirma que “*vendo aqui*” produtos cosméticos da “*Avon e Natura*”, referindo-se ao Conjunto Vitória. Acrescenta-se, porém, a este fato o número limitado de pessoas as quais comercializa no Conjunto, vendendo “*só na família*”, pois afirma ter “*medo de vender as outras pessoas e não me pagar*”. Dentre os domicílios citados pela entrevistada, para este tipo de comercialização, encontra-se o 52D (representado por sua líder feminina). Esses dados podem ser constatados no apêndice deste trabalho das linhas 60 à 66 de sua entrevista.

Outro tipo de intercâmbio onde a valoração de troca fica explícita diz respeito ao trabalho de “*pedreiro*” exercido pelo esposo da entrevistada, no Conjunto Vitória, quando ela afirma que o domicílio 52D “*pagou*” pela “*reforma*” de sua casa. Este trecho de sua entrevista pode ser conferido das linhas 264 à 291, no apêndice desta dissertação.

Esta constatação demonstra a existência do papel importante que as redes sociais de assentamentos precários, através de intercâmbio, tem de amenizar as suas questões sociais e econômicas, conforme relata LOMNITZ (2009), além de que se observou uma maior confiabilidade nos vizinhos e na família, isto também foi citado por Fontes e Eichner (2004) quando analisaram as redes ego centradas em assentamento precário em Recife-PE e observaram que a maior parte dos vínculos é com pessoas da própria comunidade, sendo mais presentes entre os vizinhos e parentes.

Essas observações também foram citadas por Albuquerque et al (2013) em estudos nesse mesmo Conjunto, aonde observaram que as redes presentes na área são aquelas constituídas por família, compadrio, amizade, camaradagem, solidariedade, religiosidade, comércio e negociações, muitas destas clandestinas, percebendo a existência de redes horizontais - aquelas com manifestações de solidariedade, reciprocidade e confiança.

c) Depoimento do Domicílio 54D

No relato da entrevistada do Domicílio 54D observa-se o valor de troca em suas relações, tanto em relação a compra quanto a venda de produtos e serviços, com um vínculo muito forte com os vizinhos. Desde sua chegada no Conjunto a troca econômica fica evidenciada, quando a entrevistada afirma *“eu comprei”*, a casa onde reside, de um *“morador, daqui”*, referindo-se ao Vitória (linhas 10 à 21).

Para a reforma de sua casa a entrevistada afirma *“paguei pra fazer”*, ao *“vizinho aí de lado”*, referindo-se ao esposo da entrevistada do Domicílio 53D (trecho que vai das linhas 25 à 32 da sua entrevista). Em relação com o Domicílio 53D, observa-se, ainda, um valor de troca quando *“alguém”* bate à sua porta para lhe entregar produtos da *“Avon”* e ela afirma que *“compra a ela”* (linhas 284 à 295).

Quando aos serviços que a entrevistada oferece no *“Conjunto”* estão o *“conserto de roupa”*, os quais ela faz para *“todo mundo”*, mas que não pode *“cobrar muito”*, porque é feito para a *“comunidade”* *“mais carente”* (expressões constantes nas linhas: 170 à 186). E, ainda, trabalha para *“um home do oto lado”* quando vai *“limpar a casa dele, fazer faxina”*, o qual lhe *“paga”* por isso (linhas: 338, 339 e 354).

d) Depoimento do Domicílio 27B

Nas entrevistas ao Domicílio 27B, observa-se, nos textos dos depoimentos, que nas relações do entrevistado há uma relação de valor de troca, uma vez que ele tem um comercio de “gaiolas” na comunidade, porém com inexpressivo valor de troca dentro dela, já que ele considera que suas gaiolas “são caras” e a comunidade não pode pagar por elas, por terem “custos de vida” baixos, referindo-se ao poder aquisitivo (linhas 258 à 287).

Portanto, percebe-se, na rede do Domicílio 52D, uma relação de valor de troca entre os seus nós, bem como desses para a comunidade, porém essas transferências sofrem influência da distância entre os indivíduos, que podem ser influenciadas, também e ainda, pelas relações de trocas, que seria um indivíduo ajudar o outro se for beneficiado de alguma forma por essa ajuda (COX E RANK, 1992), o que tem muita possibilidade de ocorrer entre familiares, uma vez que as relações mais íntimas são menos vulneráveis a serem desfeitas.

Nas entrevistas, também, observa-se falta de confiança, já que algumas relações de valor de troca dos domicílios estudados não ocorrem em toda a comunidade, uma vez que, muitos entrevistados afirmaram que não vendem para toda a comunidade por medo de não receber o valor da venda, o que é plenamente justificado pela observação de Carneiro (2008) quando afirma que indivíduos tendem a manter relações aonde há um equilíbrio entre a assistência recebida e a assistência dada, o que evitaria os sentimentos de exploração ou de endividamento, o que nos traz a ideia de que a reciprocidade nas relações é o fator mais importante para a continuidade da relação em redes sociais. Portanto a troca de ajuda entre vizinhos estaria baseada na reciprocidade das trocas, em que a ajuda é mantida na medida em que a reciprocidade acontece (CARNEIRO, 2008). O que nos faz concluir que as ajudas que envolvem recursos financeiros são as mais difíceis de se firmarem no caso de relações de reciprocidade em situações de precariedade e vulnerabilidade social.

5.1.2.2. Aspectos da troca simbólica na rede 52D

Neste estudo observa-se, em análise dos depoimentos dos entrevistados, que em todos eles há identificação clara de valor de troca simbólica.

a) Depoimento do Domicílio 52D

Na entrevista realizada com este domicílio, é perceptível a valoração simbólica em suas relações desde sua chegada no Conjunto, já que a mesma ficou sabendo do lugar pro *“um amigo”*, chamado *“Zé Lito”*, *“que foi quem invadiu isso aqui”*, referindo-se ao Conjunto Vitória. O mesmo, também, a ajudou com a construção de sua casa *“emprestando o cartão”* para *“comprar os tijolo”*. Ele não reside no Vitória, mas possui uma *“galeria”* no local (linhas 13 à 17, 50 e 156).

Sua relação com *“Zé Lito”* é bastante caracterizada pela Troca Simbólica, ela iniciou-se antes de sua chegada ao Vitória e tem influenciado toda a sua permanência no local. Sua esposa a *“ajudava”* quando *“sobrava comida”* e ele possui uma *“loja lá no centro”*, chamada *“Zé Lito Moto”*, onde seu *“filho trabalha”*, ao qual também *“deu”* um *“fogão”* e uma *“televisão”* há época que casou (linhas 143 à 145 e 1032 à 1045). *“Zé Lito”* também tornou-se confidente da mesma já que ela *“conversava com o Zé Lito”*, referindo-se as dificuldades que passava (linhas 1097 e 1098).

Em suas relações com outros vizinhos também se estabelecem a troca simbólica. Ela *“ajudou”* muitos vizinhos que *“não tinha onde morar”* a tomarem posse dos terrenos do Vitória durante a invasão, indicando a deles um o que estava em *“frente”* à sua casa (linhas 370 e 393)

Outra relação em que fica caracterizado o valor simbólico envolve o fato de vizinhas *“deixar a chave”* de suas casas com ela *“sempre”*, por ocasião da ausência, demonstrando uma relação motivada pela *“confiança”*. Porém, não está evidente a motivação de reciprocidade com todos, já que o domicílio estudado *“não”* *“confia”* em deixar a chave da sua casa a todos os vizinhos dos quais ele guarda a chave, afirmando que *“Só deixo com a Lene”*, representante do domicílio 53D (linhas 540, 541 e 623 à 643).

No entanto, observa-se que o domicílio 52D, em relações com a vizinha 53D, é quem é mais ajudado com valor simbólico, uma vez que *“a Lene olha”* seus filhos já que seu esposo *“Zé Roberto bebe muito”*, para não *“deixar ele bebo com os menino”* em situações as quais precisa se ausentar de casa. Em duas situações que precisou se *“operar”* do *“pâncreas”* e da *“vesícula”*, as quais precisou ser internada, sua vizinha cuidou de seu filho, um recém-nascido de *“15 dias”*, o qual recebeu, também na ocasião, um afago da vizinha que *“enrolou o menino”* com a *“roupa”* da mãe para que ele ficasse mais calmo e ele *“parou de chorar”* numa clara e demonstração de troca simbólica (linhas 796 à 867).

Percebe-se, ainda, que o domicílio 52D tem uma “*ajuda*” para lidar com o esposo supostamente alcoólatra, tanto pela representante do domicílio 53D quanto por seu esposo “*Marquinho*”. A representante ainda é citada como “*amiga*” da entrevistada com quem ela pode conversar, tanto a respeito da situação com o esposo, também conhecido como “*Viola*”, quanto da situação de sua filha adolescente, a qual ela perdeu a guarda para sua cunhada. Esta vizinha, ainda, a acompanha ao “*foro*” para tratar de um processo de revisão da guarda de sua filha, situações das quais ela sente muita tristeza e revolta, demonstrando receber apoio moral e emocional dessa vizinha em uma clara motivação altruísta por parte da mesma (linhas 1443 à 1437 e 1563 à 1592).

Os relatos citados da relação do domicílio 52D estão muito próximos das afirmações de valor de símbolo do objeto relato por Baudrillard (1972) quando afirma que o objeto pode ter a lógica da troca simbólica, em que o objeto assume o valor de símbolo/seu valor simbólico, em que há uma relação sujeito/objeto, objeto não suscetível a troca, como também da lógica funcional do valor de uso, da lógica econômica do valor de troca e da lógica do valor de signo.

b) Depoimento do Domicílio 53D

A valoração de troca simbólica, também, é perceptível nas entrevistas deste domicílio e antecede a chegada da representante entrevistada ao Vitória. Ela relata que para a construção da casa onde mora, que pertencia a sua “*sogra*” que “*faleceu*” e “*deixou essa casa*” para ela e seu “*marido*”, recebeu ajuda dos “*vizinho*”, pois a sogra “*era doente*” (linhas 10 à 38).

Em outro trecho das entrevistas (linhas 84 à 91) é possível perceber a relação recíproca que rege sua relação com os vizinhos, numa troca caracterizada pelo valor simbólico, quando há a troca de informações para auxílio com cuidados médicos. Ela conta que eles se “*ajudam*” informando “*quando é que vai ter médico*”.

Em sua relação com o domicílio 52D a grande importância do valor simbólico, também fica evidente em sua entrevista, quando ela diz que: “*desde o tempo que eu vim morar aqui que a gente é amiga*” e que a representante do domicílio 53D é “*a única pessoa que eu converso*”. A entrevistada confirma, ainda, que “*ficou com o filho*” da “*vizinha*” no período em que ela “*ficou doente*” e “*quase que morre*”, acrescentando que sua “*irmã*” também a ajudou neste período em que ficou “*internada na uti bem mal*” (linhas 165, 166, 221 e 233).

c) Depoimento do Domicílio 54D

Nos textos da entrevista do domicílio 54D detecta-se valor de troca simbólica quando ela cita sua relação com um *“padre”* que *“comprou a casa aí”*, referindo-se ao Conjunto Vitória. Ela cita a distribuição de *“um sopão”* do qual participa *“toda semana”*, a distribuição de *“cestas básicas”* e, ainda, *“casamentos”*, batismos e a *“catequese”* como serviços prestados pela *“igreja”* (linhas 76 à 89).

Ela ainda recebe *“ajuda”* de vizinhos em ocasiões de doença os quais fazem um *“chá”*, arrumam *“um remédio”* ou *“cede o carro”* para transporte em casos de *“emergência”*. Cita o dia em que sua *“mãe”* *“passou mal”* e *“teve o começo de um infarto”* e *“um vizinho ali, levou ela pra emergência”*.

Porém, é dentro da família que este tipo de valoração fica mais evidente neste domicílio, já que sua *“mãe”*, que também reside no Vitória é citada como sua *“amiga”*. Sua *“mãe mora só”* mas seu *“filho de 14 anos vai dormir com ela”* para ela não *“dormir sozinha”*. Ela acrescenta ainda que a *“mãe ajuda com a renda”* e que ela *“também”* coleta *“latinha”* para que sua mãe possa vender. Sua mãe ainda *“cria as galinhazinha”* no seu quintal e eles comem os *“ovos”* e *“de vez em quando ela mata uma”*, ela ainda *“pega uns mamão pra fazer doce”*, também do seu quintal, e depois os vende. Ela complementa que quando viaja a mãe *“fica”* com os *“filhos”* e *“olhando a casa”*, que sua *“mãe é pra tudo”* (190 à 224 e 310 à 331).

Neste contexto, Lomnitz (2009) relata que cada indivíduo conta com uma rede de parentes, amigos e conhecidos e que, cada um destes tem a sua própria rede, que é construída de acordo com as regras culturais básicas e que representam o seu capital social, mas afirma que a família é o ponto de partida de toda rede social porque é a unidade fundamental da solidariedade e o parentesco é o grande grupo em que o indivíduo realiza o intercâmbio econômico e social, o que foi observado aqui neste depoimento.

Ainda em relação a troca simbólica a entrevistada recebe doações de móveis como *“cama”* e eletrodoméstico como *“duas televisão”* por um vizinho a qual ela também é paga para fazer serviços de faxina (linhas 337 à 349).

d) Depoimento do Domicílio 43D

Detecta-se o valor simbólica que ocorreu mesmo antes de sua chegada no Conjunto Vitória, quando um vizinho conhecido como *“irmão Evaristo”* *“limpava”* o

mato que crescia na casa onde reside, que nesta época pertencia a seu filho (linhas 67 à 72).

O entrevistado, representante deste domicílio, também recebeu um *“recado”* *“pelo padre”*, pertencente a *“uma comunidade católica”* no Vitória, para resolver problemas com os Correios (linhas 334 à 336).

e) Depoimento do Domicílio 27B

O entrevistado do domicílio 27B tem uma clara e forte relação simbólica com seus vizinhos, uma vez que ele considera que se os vizinhos não o *“incomodar”* já é uma *“ajuda”* (linhas 44 à 50).

O entrevistado, ainda, que construiu muita *“amizade”* no Conjunto Vitória, mas também *“inimizade”*, mas que tenta *“sempre ajudar”*. Nas ajudas que proporciona, cita o empréstimo de *“ferramenta”* e de *“bicicleta”* e recebe ajuda do *“vizinho de frente”* quando *“sobra massa”* a qual *“precisa”* e ele aproveita. Relata, ainda, que uma *“vizinha”* o ajuda olhando o seu comércio, o que não o faz ter que guardar as suas mercadorias, toda vez que se ausenta (linhas 142 à 164 e 237 à 250).

Conclui-se, neste contexto, portanto que há uma relação de valor de troca simbólica na rede do Domicílio 52D com a comunidade, quando um entrevistado de um domicílio afirma que se os vizinhos não o incomodar já considera uma grande ajuda, caracterizando uma forte relação de troca simbólica com seus vizinhos, uma vez que demonstra que a paz é o que ele espera de ajuda dos vizinhos. Já em outros depoimentos, principalmente e muito fortemente, no depoimento da entrevistada 52D, observa-se uma característica forte de relação simbólica, que tem como principal motivação o altruísmo, observado no aconselhamento do entrevistado para o vizinho, que não tinha aonde morar, pra que ele tomasse posse de um terreno na época da invasão, quando guarda a chave da casa de muitos de seus vizinhos, mas, neste caso específico, a reciprocidade não se dar com todos porque o domicílio 52D não tem uma relação de confiança com todos que tem com ela na guarda da chave da casa. Porém, o que se observa, principalmente, é que esse domicílio recebe uma expressiva relação de troca simbólica de uma vizinha, 53D, que está sempre presente em momentos importantes de necessidades da vida do entrevistado, em casos de doenças, na ajuda com seus filhos e quando é confidente em seus desabafos de questões familiares, demonstrando receber apoio moral e emocional dessa vizinha em uma clara

motivação altruísta por parte da mesma. Também, conclui-se que há uma relação de valor simbólica bem caracterizada dentro da família, na relação de troca simbólica com mãe, quando um filho da entrevistada dorme na casa da vó para lhe fazer companhia.

5.1.2.3. Aspectos do valor de signo na rede 52D

Neste estudo observa-se, em análise dos depoimentos dos entrevistados domicílios 52D, 43D e 27B, que em todos eles há identificação clara de valor de signo.

a) Depoimento do Domicílio 52D

Observa-se nos textos do depoimento do domicílio 52D, descritos a seguir, uma forte relação de valor de signo nas suas relações de troca, onde percebe-se que a entrevistada se considera com uma vida mais difícil do que a dos seus vizinhos quando ela diz: *“os vizinho que mora aqui, não tem é, uma vida que eu tenho não. Eu acho que é mais faci” “porque a minha é a pior de todas”* (linhas 1649 à 1664)

Esta condição em que ela se coloca com um *status* inferior aos seus vizinhos reflete sua própria percepção a respeito de sua vida. Em vários trechos da entrevista ela cita sua situação de pobreza (mencionada nas linhas 1048 à 1052, 1667 à 1670), enfermidades (linhas 820 à 864), o esposo *“doido”* e supostamente alcoólatra (linhas 1428, 1429 e 1805 à 1846) e a perda da guarda da filha, a qual está envolvida com *“droga”* (linhas 560 à 611 e 1531 à 1539), como justificativas para o *“trumento terrível”* (linhas 1428, 787), a *“tribulação”* (linhas 318, 821, 1093, 1130, 1139, 1367) e o *“sofrimento”* (linhas 436, 468, 1756, 1758) em que vive.

A entrevistada, também, menciona o fato de ter participado da *“Invasão”* e da resistência a *“polícia”* com uma conotação negativa (linhas 253 à 323). Entende-se, no entanto, que foi justamente sua participação mais ativa nos primeiros e mais significantes momentos que este Conjunto viveu até então, que estabelecem sua condição de centralidade, âncora, entre as relações identificadas no Vitória.

Em sua relação com *“Zé Lito”* a entrevistada menciona o fato dele não morar no Conjunto, apenas ter *“aquela galeria do começo”*, como sendo algo positivo. Ao ser questionada se ele morava no local ela diz *“Não, né?! Que ele tem a casa dele”*, remetendo-se ao fato de o mesmo não precisar morar no local, mas ela sim *“nós que num tinha”* e que por isso ele não precisava de ajuda *“porque o Zé Lito ele invadiu,*

mas ele tinha onde morar, mas ele não vivia aqui”, como ela e as pessoas que *“não tinha assim, pior de que eu”* (linhas 151 à 162 e 490 à 499). Este fato se constrói em sua relação anterior com ele, antes de chegarem ao Conjunto, onde o mesmo e sua esposa a *“chamava, ninguém me chamava, só ela que me chamava, eu num ia, porque eu tinha vergonha, porque eu era pobre”* para participar das festas de final de ano em sua casa, a qual ela não ia pois *“eles eram bem de vida eu não ia chegar, né? Eu ficava acanhada, aí eu não ia”*. Nesta mesma ocasião a esposa de *“Zé Lito”* *“mandava as coisas pra mim”* *“quando sobrava comida”*. A relação entre a entrevistada e Zé Lito se constrói sobre uma dependência financeira, pois um de seus filhos *“trabalha”* com ele, e o mesmo lhe empresta o *“cartão”* de crédito; e emocional, quando este lhe serve de confidente sobre *“tudo”* o que aconteceu em sua vida; colocando-se sempre em um *status* inferior em relação ao mesmo (linhas 29, 49, 50, 1040 à 1052, 1094 à 1101).

Dentro desse contexto de que o indivíduo pertencem a categorias, Baudrillard (1972) observa-se que, por trás das superestruturas, principalmente mercadológicas da sociedade a respeito dos objetos há um mecanismo de prestação de serviço social que inclui a discriminação e o prestígio que está na base do sistema de valores e de integração na ordem de hierarquia da sociedade, a que os estudiosos chamam de teoria sociológica do objeto, na qual a relação do objeto não é apenas com as necessidades e o valor de uso, mas também de troca simbólica, de prestação social, de concorrência e de discriminantes de classe.

b) Depoimento do Domicílio 43D

Analisando o depoimento deste domicílio, observa-se uma forte característica de relação de valor de signo em várias passagens da entrevista, quando se observa, claramente, que o entrevistado se acha valorizado pelos seus vizinhos quando expõe que acham que ele tem a melhor *“casa”*, pensam ainda que a construiu rápido porque era *“rico”* (linhas 93 à 100 e 144 à 149)

O Domicílio 43D ainda expõe uma característica de valor de signo, muito forte em seu depoimento quando deixa transparecer que tem um *“nível”* maior que o da comunidade, *“porque perante os homens tem diferença”* a qual afirma que *“foi construída até pelo próprio Deus da gente”* e que por isso foi *“eleito como presidente”* da associação de moradores do conjunto mesmo sendo *“novato”*. E que recebeu uma declaração de um vizinho de que a sua vinda para morar no conjunto vitória trouxe

“paz” para a comunidade. Ele relata que comanda a associação “sozinho”, que sai “atrás de recursos” e que conseguiu até o apoio de um “deputado aí”, do qual recebeu um advogado para lutar pela causa do processo de manutenção do conjunto. E se considera bom porque não cobra “gasolina” de ninguém para buscar benfeitorias pra o conjunto (linhas 162 à 296, 303 à 329 e 395 à 399).

Coloca-se muito valorizado quando expõe que, durante a ordem de despejo, ele ainda nem “morava aqui”, mas o oficial de justiça se agradou dele e o chamou para conversar e lhe dar as estratégias para evitar a desocupação e quando chama atenção ao informar que veio com o seu “carro”, em uma clara demonstração que o objeto lhe traz *status* (linhas 395 à 400)

O Domicílio 43D ainda afirma que é aposentado como torneiro mecânico, profissão do ex-presidente Lula e diz que ainda vai ser “presidente”, numa clara demonstração de que a sua profissão lhe traz destaque. Que é defensor da tese da teoria e prática e que a esposa não conquistou “espaço melhor” de trabalho e não quer que ela trabalhe em cozinha de ninguém (linhas 845 à 846 e 892 à 895).

Na construção de sua história de vida o entrevistado indica relacionamentos com pessoas e espaços mais qualificados fora do conjunto, como o tribunal de justiça porque vendia doce lá, cuja primeira latinha foi vendida a deputada Rosinha da ADEFAL, local que ele recebeu um birô, jogava pelo time do tribunal e de onde passou a entender da coisa jurídica e, que, quando saiu o povo sentiu muita a falta dele, o que lhe configura um *status* diferenciado (linhas 417 à 462).

Nestes depoimentos, descritos a seguir, fica clara e confirmam o pensamento descrito Baudrillard (1972) que os objetos são uma estrutura global do ambiente circundante que é, ao mesmo tempo, uma estrutura ativa de comportamento, de tática social dos indivíduos e dos grupos que vivem das suas aspirações como trajetória profissional, educação dos filhos, lugar de residência e rede de relações e assim, cada indivíduo e cada grupo procura o seu lugar numa ordem hierárquica, procurando até força-la conforme a sua trajetória pessoal, no qual percebemos através dos objetos a estratificação de uma sociedade, aonde percebemos o valor de status dos objetos, de onde se ver que cada um sabe e se sente julgado pelos seus objetos e tem no ambiente privado ou doméstico e no ambiente de objetos a zona de refúgio e nunca cessa de testemunhar, de pretender uma legitimidade e de assegurar essa legitimidade por meio do valor de status de seus objetos, tendo, assim, uma função psicológica de tranquilizar o proprietário sobre a sua posse como também função

sociológica de o filiar na classe dos indivíduos que possuem, assim os objetos do privado atuam como valor de status ou de pertences social.

c) Depoimento do Domicílio 27B

Nos depoimentos, a seguir descritos, observa-se uma relação de valor de status, uma vez que o Domicílio 27B que tem um comercio de “gaiolas” no conjunto vitória afirma que, praticamente, não vende as suas gaiolas para a comunidade porque “são caras” e porque o “*custo de vida*” da comunidade é baixo, em uma clara demonstração de se sentir diferente dos outros indivíduos da comunidade com os seus objetos que lhe dão status diferenciado.

Conclui-se, neste contexto, que a rede do Domicílio 52D, há uma forte relação de valor de status entre os seus nós, bem como desses para a comunidade, uma vez que o entrevistado do domicílio 52D (âncora), do qual a rede de sociabilidade é foco desse estudo, percebe-se inferior aos vizinhos, o que o faz não aceitar convites para comemorações e é percebido, também, como inferior pela família que o coloca na situação de poder mendigar. Já entre seus nós, o domicílio 27B considera que as gaiolas que confecciona estão além posses dos indivíduos da comunidade. No entanto, o domicílio 43D é o que se destaca como maior representante da relação de valor de signo, com vários depoimentos em que se enxerga superior aos indivíduos de sua comunidade, quer seja na posse de bens, na escolaridade, no entendimento, na liderança, na capacidade de resolver e entender os problemas da comunidade, nos relacionamentos internos e externos e até na profissão de torneiro mecânico, da qual é aposentado, que eleva o seu ego por ser a mesma do ex-presidente da república do Brasil, o Lula, o que o faz sonhar que um dia vai ser presidente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se que, no Brasil, as discussões a respeito do problema da habitação giram em torno de um déficit habitacional que não condiz com a economia de livre mercado. É, porém, o constante empobrecimento da população que não permite seu acesso a cidade formal. Relegados às áreas com baixo ou nenhum valor econômico, esta população vive as margens da cidade, em locais com infraestrutura precária, experimentando diferentes níveis de segregação residencial.

Dentre as cidades do Estado de Alagoas, Maceió, sozinha, monopoliza 90% dos domicílios em condições de precariedade de todo o estado. Grande parte destas residências estão localizadas em grotas e encostas da Capital. Em virtude das condições de vida dos moradores dos assentamentos precários e da inoperância dos governos, de forma geral, na prestação de serviços públicos nesses assentamentos, sua população busca estabelecer relações de troca de serviços e bens materiais e imateriais, cujo conteúdo moral das relações, a natureza das trocas, a durabilidade da relação e a afetividade entre os parceiros estão relacionados diretamente com o ambiente que estes indivíduos e seus grupos estão inseridos.

Neste contexto, as redes sociais têm se constituído como uma abstração científica que facilita a descrição de um conjunto de relações complexas em um dado espaço social. Elas têm sido utilizadas como ferramenta metodológica em que os atributos individuais e as relações sociais são fundamentais para a sua compreensão, demonstrando o valor da análise das redes sociais nos estudos sobre pobreza e segregação social, que podem servir de instrumentos para definir políticas públicas ajustadas para a realidade do espaço habitado.

As redes são, portanto, uma abstração científica que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações complexas em um dado espaço social, onde cada sujeito conta com um estoque de relações reais ou potenciais, herdadas ou adquiridas, ordenadas como mapa mental cognitivo de acordo com o que o indivíduo e a cultura definem como distância social ou confiança

Constatou-se que estas interações, que ocorrem em redes sociais, são regidas socialmente através da construção de *Habitus*, ou seja, da disposição dos indivíduos de intervirem na sua vida diária, estimulados pela conjuntura do campo social. Desta forma, entendeu-se que esta construção possibilita a classificação de valores que

regem estas interações, e foi sob essa lógica que caracterizou-se os tipos de troca entre os valores descritos por Baudrillard.

O Valor de Troca caracteriza-se pela lógica mercadológica de valoração, já a Troca Simbólica está associada a um significado específico que o mesmo objeto adquire em diferentes relações, o Valor de Signo é aquele cujo o objeto assume o estatuto de status. Percebeu-se, porém, que em situações de extrema pobreza, quando um objeto perde totalmente a sua capacidade utilitária, dificilmente ele seria mantido em relações que fossem regidas somente sob a valoração de Uso.

No Conjunto Vitória, alguns estudos revelaram que dentre suas redes pessoais, prevalece a existência de redes horizontais com manifestações de solidariedade, reciprocidade e confiança e redes verticais caracterizadas por sistemas simbólicos de poder, assistencialismo e clientelismo.

Em análise da rede do domicílio 52D, foco de estudo desta dissertação, observou-se a existência de relações regidas pelo valor de troca (econômica) entre os seus nós, bem como desses para a comunidade, e, ainda, que há como motivação o altruísmo e a reciprocidade, muito observada entre os membros da família, neste caso entre mãe e filha. Porém, observou-se, também, que nas relações de troca entre os nós e a comunidade, há uma fraca relação de confiança e de reciprocidade, uma vez que quase todos os nós afirmaram que não comercializam seus produtos para, isto nos faz concluir, com este estudo, que as relações que envolvem recursos financeiros, são difíceis de se firmarem no caso de relações de reciprocidade, no Conjunto Vitória.

Conclui-se, ainda que, na rede deste estudo há relação de valor de uso entre os seus membros, bem como entre eles e os vizinhos, as quais são apontados na rede identificada na formatação do objeto empírico, tendo como principal motivação o altruísmo, percebido pelo empréstimo de crédito para compra de material, uso de computadores e internet, de ferramentas, doação de utensílios domésticos, doação de medicamentos e alimentos remédio, muito fortemente observada entre membros da família com altruísmo e reciprocidade no ensinamento de serviços domésticos e também na prestação de serviços gratuitos de mão desses.

Na investigação de relações regidas pelo valor de signo, conclui-se que a rede estudada possui uma forte e expressiva relação de valor de status entre os componentes, bem como desses para a comunidade. Em análise da entrevista da âncora, cuja rede de sociabilidade é foco dessa pesquisa, notou-se que a mesma se percebe em condição inferior aos vizinhos e é percebida, também, como inferior pela

família que a coloca em situação de mendiga. Esta condição de inferioridade se constitui em valor *sígnico*, porque confere a entrevistada uma diferenciação, em relação ao conjunto, com atributo de *status* e ganho de notoriedade e lucros relacionais devido a essa condição.

O valor de *signo* também foi observado entre os seus nós, quando se observou que eles se consideram com mais posses do que os indivíduos da comunidade, quer seja na posse de bens, nível de escolaridade, no entendimento dos contextos com agentes externos ao conjunto, na liderança, na capacidade de resolver e entender os problemas da comunidade, nos relacionamentos internos e externos e até na profissão. Um dos vínculos da rede estudada se percebe com valorizado, quando coloca que tem a mesma profissão de um presidente da República do Brasil, o que o faz sonhar, brincar, ou pensar que um dia vai ser presidente.

No que diz respeito à relação de valor de troca simbólica na rede estudada, observou-se que ela é presente entre seus nós com a comunidade, quando o domicílio âncora guarda a chave de vários domicílios da vizinhança, motivada pela confiança dos vizinhos, porém sem reciprocidade. O domicílio âncora recebe uma expressiva relação de troca simbólica de uma vizinha em particular, a qual sempre esteve presente em momentos importantes de necessidades da vida da entrevistada, em casos de doenças, na ajuda com seus filhos e quando é confidente em seus desabafos de questões familiares, demonstrando receber apoio moral e emocional em uma clara motivação altruísta por parte da vizinha.

Portanto, conclui-se, que na rede do domicílio 52D, âncora e foco deste estudo, situado no Conjunto Vitória há relações de troca, de uso, de *signo* e simbólica, motivadas pelo altruísmo e muitas delas aliadas ou não com a reciprocidade, entre os seus nós e entre eles e a comunidade. É, porém, a construção de formas antagônicas do valor *sígnico* que mais chama atenção nesta pesquisa e ainda a forma pela qual a volatilidade das redes contribui para a variação de papéis entre seus atores, os quais passam de uma condição inferior a um *status* mais elevado em pouco tempo de convívio, a depender de seus ativos nas relações de troca.

Este estudo aponta para a possibilidade de outras pesquisas futuras afim de discutir a aplicabilidade de seus achados para o estudo da habitação e para as políticas da habitação social.

Percebe-se a fragilidade destas redes ao constatar-se um desfalque na rede do domicílio âncora 52D, estudo de caso dessa dissertação. A volatilidade das redes

está relacionada à própria precariedade e, ainda, a condição de informalidade da ocupação, fatos que acabam desmotivando a permanência no local.

Porém, entende-se que a estabilização do próprio assentamento possa produzir, também, redes sociais mais estáveis, nas quais as relações que puderam evoluir e constituir-se em um vínculo mais forte, passando de simples interações à redes de companheirismo próximo são mantidas e aprimoradas, as quais devem ser consideradas na formulação de políticas de urbanização. Nesse caso, um acompanhamento temporal destas redes é primordial para entender de que forma elas se mantêm e quais os elementos que contribuem para sua perpetuação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. A cidade com-fusa. **Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais**. v.9, n.2, p. 25-54, 2007.
- ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o Diabo: mercados e interação nas ciências sociais. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, p. 35-64, 2004.
- ALBUQUERQUE, A. M. G.; ALBUQUERQUE, A. A. de; PEIXOTO, G. V.; MARTINS, L. de OLIVEIRA. A Análise das Redes Sociais e o Protagonismo Comunitário: o caso jardim vitória, Maceió (AL). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 27, 2013, Manaus. **Anais...**Manaus: INTERCOM, 2013. p.1-15.
- BARNES, J. Redes Sociais e processo político. In: FELDMAN, B. (Org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.
- BAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. Livraria Martins Fontes editora LTDA. 1972. 278p.
- BECKER, G. S. A treatise on the Family. Cambridge; London: Harvard University Press, 1981. 228p.
- BOURDIEU, P. **O PODER SIMBÓLICO**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A. 1989. 159p.
- BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação. **Guia para o mapeamento e caracterização de assentamentos precários**. Brasília: Ministério das Cidades/Secretaria Nacional de Habitação; Brasília: Ministério das Cidades, 2010. 84 p.
- BRUMES, K. R.; WHITACKER, A. M. Redes sócio-espaciais e migrações em cidades médias: Um estudo de Uberlândia – MG.In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2008, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ABEP, 2008.
- CARNEIRO, M. da P. A. K. B. **A percepção das mulheres beneficiárias do programa bolsa família sobre a sua implementação em Viçosa-MG**. 235p. Dissertações de mestrado, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2008.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Panorama Social de América Latina, 2014, (LC/G.2635-P), Santiago de Chile: Nações Unidas, 2014.
- CORRÊA, C. S.; QUEIROZ, B. L.; FRAZITO, D. Uma investigação sobre as motivações às ajudas entre familiares e amigos em São Paulo, 2000. **Revista Brasileira de Economia Doméstica**, v. 22, n.1, p. 64-83, 2011.
- COX, D.; RANK, M. R. Inter-vivos transfers and intergenerational Exchange. **The Review of economics and Statistics**, v. 74, n. 2, p. 305-314, 1992.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA, M.; PROENÇA, T.; PROENÇA, J. F. As motivações no trabalho voluntário. **Revista portuguesa e brasileira de gestão**, jul/set. 2008.

FONTES, B.; DORNELAS, M. A. **Rede, governança urbana e práticas associativas**: o exemplo do Programa Saúde da Família. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30, Caxambu, 2006.

FONTES, B. EICHNER, K. A formação de capital social em uma comunidade de baixa renda. In: **Redes**, v.7, n. 2, p.1-33, 2004.

FRASER, N. La justicia social en la era de la política de identidad: redistribución, reconocimiento y participación. **Revista de Trabajo**, Año 4, Número 6, Agosto - Diciembre 2008. Disponível em: < http://www.trabajo.gob.ar/downloads/cegiot/08ago-dic_fraser.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2014.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? São Paulo: **Lua Nova**, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a06n70.pdf>> Acesso em: 05 de julho de 2015.

GALINDO, A. M.; VIGNOLI, J. R.; ACUNA, M.; BARSQUERO, J.; MACADAR, D.; CUNHA, J. M. PINTO da.; SOBRINH, J. **Nouvelles tendances de la migration métropolitaine en Amérique Latine**: est-ce que les aires métropolitaines gagnent ou perdent population à cause de la migration interne Overview. In: XXVII CONFERENCIA DE LA UNIÓN INTERNACIONAL PARA EL ESTUDIO CIENTÍFICO DE LA POBLACIÓN (UIECP), Pusan, República de Corea, 2013.
GOHN, M. da G. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v.21, n.54, p.439-455, 2008.

HOFLING, E. M. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Perfil dos municípios brasileiros 2010. Maceió, 2010.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Assentamentos precários urbanos**: espaços da Região metropolitana de Curitiba: relatório II. Curitiba: Instituto Paranaense de assentamentos precários, Curitiba: IPARDES, 2010. 111 p.

LACH, A. Z. A TEORIA CRÍTICA DE AXEL HONNETH. In: Cardoso, L.; HEUSER, E. M. D.; PORTELA, L. C. Y.; SCHOM, R. (Org.). **XV SIMPÓSIO DE FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA DA UNIOESTE**. Toledo: GFM, 2010, 250p.

LATHAM, G. P. PINDER, C. C. **Work motivation theory and research at the dawn of the twenty-First Century**. Annual Reviews psychology, v. 56, p. 485 – 516. 2009.

LOMNITZ, L. A. **Redes Sociais, Cultura e Poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MACEIÓ. **Prefeitura Municipal de Maceió**. “Plano Diretor” Maceió-AL, 2006

MACEIÓ. **SEMAS**. “Pesquisa de Mapeamento e Qualificação da Exclusão Social dos Territórios de Abrangência dos CRAS de Maceió – AL.” Maceió, 2012.

MAGNANI, J.G.C. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 1, n.49, p.11-30, 2002.

MARQUES, E. C. L. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. 2007. 176 p. Tese de Livre Docência (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARQUES, E.; GOMES, S.; GONÇALVES, R.; MOYA, D. T. E.; CAZZOLATO, D.; FERREIRA, M. P. **Assentamentos Precários no Brasil Urbano**. CEM/CEBRAP, Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação, Brasília. Quatro Edições, 2007, 390p.

MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais** – aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MILHARDO, R. Families and Social Networks: Na overview of theory and methology. In: MILHARDO, R. (editor), **Families and social networks**, Newbury Park, sage. 1988. 13-47p.

MINGIONE, E. Urban Poverty in the Advanced Industrial World: Concepts, Analysis and Debates. In: MINGIONE, E. (org.). **Urban Poverty and the Underclass**. New York, Blackwell, 1999, p. 30-40.

MIZRUCHI, M. S. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **ERA**, v. 46, n.3, p. 72-86, 2006.

OLIVEIRA, B. C. de. Do clientelismo ao “habitus” precário: permanências e perspectivas para política no Rio de Janeiro. 03/2011. < Disponível em <http://jus.com.br/artigos/18608/do-clientelismo-ao-habitus-precario-permanencias-eperspectivas-para-politica-no-rio-de-janeiro/5>. Acesso em 10 de março de 2015.

PINTO, A. M, G.; JUNQUEIRA, L. A. P. A análise de redes sociais como ferramenta de diagnóstico das relações de poder. **Revista Eletrônica de Gestão de Negócios**, v. 4, n. 1, p. 33-59, 2008.

Pobreza atingiu 28% da população da América Latina em 2014, revela Cepal. **Rede Brasil Atual**. 26/01/2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/economia/2015/01/pobreza-atingiu-28-dapopulacao-da-america-latina-em-2014rev-la-cepal2668.html>> Acesso em: 14 de março de 2015.

PORTUGAL, S. **FAMÍLIAS E REDES SOCIAIS: Ligações fortes na produção do bem-estar**. Recife: Ed Universitária, 2006. 300p.

PORTUGAL, S. **Quanto vale o capital social? O papel das redes informais na provisão de recursos.** In FONTES e MARTINS (org.) Redes, práticas associativas e gestão pública. Portugal: Edições Almedinas S. A. 2013.

RIBEIRO, L. C. Q. Desafios da Construção da Cidadania na Metrópole Brasileira. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 525-544, 2007.

RIBEIRO, L. C. Q. Desigualdades de oportunidades e segregação residencial: a metropolização da questão social no Brasil. **Caderno CRH, Salvador**, v, 23, n 59, p. 221 - 233. 2010.

RIBEIRO, L. C. Q. Direito à Cidade e a Segregação Residencial: desafios do Estatuto da Cidade. Observatório das Metrópoles Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20%2826%29.pdf>. > Acesso em: 02 de julho de 2015.

SETTON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.** 2002, n.20, pp. 60-70. Disponível em <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>>. Acessado em 05 de julho de 2015.

SILVA, A. M. A. **Economia de Maceió: diagnóstico e proposta para construção de uma nova realidade.** Brasília: IPEA. EDUFAL, 2013.

SILVA, C. A.; FIALHO, J.; SARAGOÇA, J. Análise de redes sociais e sociologia da ação. Pressupostos teórico-metodológicos. **Revista angolana de sociologia**, n.11, p. 91-106, 2013. Disponível em: < <http://ras.revues.org/361> > Acessado em 21 de abril de 2015.

SOARES, R. B. **Pobreza, segregação e redes sociais: Um estudo sobre o impacto da remoção dos moradores da favela Guinle**, Guarulhos/SP. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Univeridade de São Paulo. USP, SP, 2008.

SOUZA, J. **A Construção Social da Subcidadania** – para uma sociologia da modernidade periférica. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora da UFMG; IUPERJ (coleção Origem), 2003.

SOUZA, A. J. de. **O PODER SIMBÓLICO EM BOURDIEU: Resumo crítico por Áureo João.** 2014. 31p. Disponível em:< <http://aureojoao.blogspot.com.br/2014/04/o-poder-simbolico-em-bourdieu-resumo.html>>Acessado em 05 de julho de 2015.

THIRY-CHERQUES, H. R. BAUDRILLARD: Trabalho e Hiper-realidade. **RAE-eletrônica**, v.9, n. 1. 2010.

TORRES, H da G. **Desigualdade ambiental em São Paulo**. 1997.256 f. Tese de doutorado (*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*) – Universidade de Campinas, Campinas, 1997.

TORRES, H. da G. et al. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos Avançados**, v.17, n.47, p. 97-128, 2003.

TORRES, H. da G. et al. Segregação residencial e políticas públicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.19, n.54, p. 41 - 55, 2004.

TRIBUNA HOJE. **Moradores situados ao redor de subestação realizam protesto**. Disponível em: < <http://www.tribunahoje.com/noticia/24328/cidades/2012/04/19/moradores-situados-ao-redor-de-subestacao-realizamprotesto.html>> Acesso em: 03 de julho de 2015.

VALLADARES, L.; PRETECEILLE, E. A desigualdade entre os pobres — Favela, favelas: Unidade ou diversidade da favela carioca. In: Ribeiro (Org.) **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro, Observatório/Ed. Revan, 2000. p. 359 – 485.

VARANDA, M. A análise de redes sociais e sua aplicação ao estudo das organizações. **Uma introdução, Organizações & Trabalho**, nº 23, Lisboa, p. 87-106. 2000.

VILLAÇA, F. 1986. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. Global Editora, São Paulo.

WASSWEMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis. Methods and applications**, Cambridge, Cambridge University Press. 1994. 825p.

WERNA, E. et al. **Pluralismo na habitação (baseado nos resultados do Projeto “O novo papel do Estado na oferta de habitação: parceria entre agentes públicos e não-públicos”: convênio 63.96.0737.00 – Finep)** / Edmundo Werna et al. – São Paulo : Annablume, 2001.

YIENGER, J. Housing discrimination and residential segregation as causes of poverty, *in* **S. H. Danziger e R. H. Haverman, *Understanding poverty***, Nova York, Russell Sage, pp. 359-391. 2001.

Yin, R. C. **Studies Research: design and methods**. 2ed. (Applied social research methods, v.5). Sage Publications, 1994 Yin, R. C. **Studies Research: design and methods**. 2ed. (Applied social research methods, v.5). Sage Publications, 1994 Yin, R. C. **Studies Research: design and methods**. 2ed. (Applied social research methods, v.5). Sage Publications, 1994.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS

Há quanto tempo está na localidade?

Como chegou ali?

A quem pertence a casa?

Como se deu a construção?

Como foi durante a invasão?

Trabalha com o que?

Tem filhos? Com quem os filhos ficam quando tem que trabalhar?

Qual a relação com o domicílio 52D?

Qual a relação com os outros vizinhos?

Vocês se ajudam?

APÊNDICE B – ENTREVISTA DOMICÍLIO 53D

ENTREVISTA REALIZADA EM: 24.09.14

INFORMANTE: JOSILENE MARIA DOS SANTOS SILVA

5 CONTATO: 9325.5099

CASA: 53D (50)

Entrevistador: Dona Josilene eu queria saber da sra. como foi que a sra. chegou aqui no Conjunto Vitória?

10 Josilene: Eu cheguei através da minha **sogra**, né? Que ela **faleceu**. Ai **deixou essa casa** aqui, pra mim e pro meu **marido**.

Entrevistador: Ela, ela que tinha a casa então?

Josilene: É

Entrevistador: Como é o nome dela?

15 Josilene: Maria Cícera

Entrevistador: Maria Cícera, e faz quanto tempo que ela... que ela faleceu?

Josilene: Tá cum... Vai fazer 7 anos que ela faleceu

Entrevistador: Eita poxa!

Josilene (Risos)

20 Entrevistador: E a sra lembra assim da fase, do... da invasão daqui como foi, não?

Josilene: Lembro

Entrevistador: Lembra?

Josilene: No primeiro dia eu vim!

Entrevistador: Foi nada!

25 Josilene: Tinha feito a casa. Derrubaram. Tanta da polícia. (Tsc)

Entrevistador: E foi?

Josilene: Tristeza aqui.

Entrevistador: Quem ajudou vocês a, a fazer a casa?

Josilene: Não, era só minha sogra, eu vim nesse dia só pra olhar.

30 Entrevistador: Entendi. E quem ajudou ela a fazer a casa a sra lembra?

Josilene: Os **vizinho**, um, oto.

Entrevistador: Foi? Todo mundo ajudando?

Josilene: É, ajudou. Que ela era **doente**, aí ajudaram.

Entrevistador: E quando a sra chegou aqui como foi, assim, a sua experiência? Já tava, já tava muita casa construída?

35 Josilene: Já

Entrevistador: Tinha muita casa?

Josilene: Achei estranho, né, mas... (risos) Mas depois a gente...

Entrevistador: Achou estranho por que?

40 Josilene: Porque eu tinha medo, porque né que invasão... o povo tirar de novo. Mas depois me acostumei

Entrevistador: Faz quanto tempo que a sra tá aqui mais ou menos?

Josilene: Acho que sete, vai fazer sete an... tá de sete pra ou vai fazer.

Entrevistador: desde que a sua sogra morreu, ne, que a sra veio pra cá?

45 Josilene: é

Entrevistador: Aí veio a sra e quem, e quem?

Josilene: Eu e meu marido e meus três filhos.

Entrevistador: Tu tem três filhos já, mulher?

Josilene: É

50 Entrevistador: Diga não isso.

(Risos)

Josilene: Tenho um de 16, um de... vai fazer 15, o a outra é de 10

Entrevistador: oia.

Josilene: Tudo grande já

55 Entrevistador: É já são uns rapazes e uma moça. Escuta, dona josilene, e a sra no dia a dia como é a sua vida aqui no Conjunto Vitória? A sra trabalha com Avon não foi, que a sra me falou?

Josilene: É...

Entrevistador: Aí a sra...

60 Josilene: **Avon e Natura.**

Entrevistador: A sra vende por onde? Vende por aqui mesmo?

Josilene: Eu **vendo aqui**, lá num, em Marechal, no Jacintinho... no Jaraguá

Entrevistador: E é? E tem muita gente que compra da sra aqui?

Josilene: É **só na família** mesmo que eu vendo e nessa vizinha aqui.

65 Entrevistador: A dona...

Josilene: Porque eu tenho **medo de vender as outras pessoas e não me pagar!**

Entrevistador: Eita!

(Risos)

Entrevistador: É perigoso mesmo!

70 (Risos)

Entrevistador: Oxi, a pessoa quando trabalha né, precisa do dinheiro.

Josilene: Oxi, não é no meu nome é do meu sobrinho. Aí fico com medo de sujar o nome dele.

Entrevistador: **Aí a sra vende pra dona... Marlene?**

75 Josilene: **Vendo pra ela também.**

Entrevistador: pra dona Marlene, né!?

Josilene: Unhum

Entrevistador: Essa menina que passou aqui a Franciele...

Josilene: É

80 Entrevistador: Tava conversando com a sra a respeito de médico né?

Josilene: Unhum

Entrevistador: Como é vocês se **ajudam** pra ir pros médicos, como é isso?

Josilene: Não, as vezes ela pergunta assim... é Lene, **quando é que vai ter**

85 **médico?** Aí eu falo pra ela, essas coisas, porque ela trabalha também iorcute, coisa assim...

Entrevistador: Sim...

Josilene: Aí ela, ela pergunta. Não... é tal dia.

Entrevistador: Aí a sra fica sabendo disso como?

Josilene: Os vizinhos me diz. Num vê essa daqui...

90 (Risos)

Entrevistador: E vocês precisam muito de médico por aqui é?

Josilene: É... Que falta demais médico. Só tem esse, por causa da eleição agora, que botaram esse médico!

Entrevistador: É aonde que ele atende?

95 Josilene: Luiz Pedro.

Entrevistador: Luiz Pedro. É num posto é de saúde?

Josilene: É, não. É num ginásio.

Entrevistador: Eita, aí ele tá atendendo lá todo mundo?

Josilene: É. Mas é muito bom, é muito medico lá direto.

- 100 Entrevistador: E remédio, ela tava falando que trouxe o remédio da sra., que remédio era esse que ela trouxe?
- Josilene: Garganta, mulé. Que eu disse a ela que tava com uma agonia assim na garganta. Não, eu ainda tenho um remédio. Ô mulher não tomo remédio não. Ela disse, não mulé. Eu tomo mais água, um chazinho, mas remédio eu não gosto muito
- 105 não.
- Entrevistador: E ela mora onde, a Franciele?
- Josilene: Ela mora aqui nesse apartamento.
- Entrevistador: Sim! E ela vem pra cá, porque?
- Josilene: A mãe dela mora ali.
- 110 Entrevistador: Como é o nome dela?
- Josilene: É... Eita meu Deus esqueci o nome dela, da mãe dela!
- (Risos)
- Entrevistador: Se lembre mulher que é importante pra mim. (risos)
- Josilene: Sandra
- 115 Entrevistador: Sandra. E ela mora aqui mesmo nessa hora?
- Josilene: Ela mora aí embaixo
- Entrevistador: Sim...
- Josilene: Na esquina
- Entrevistador: Entendi. Quê mais, mulher. E aí, vocês... os seus filhos estudam?
- 120 Josilene: Todos os três
- Entrevistador: Estudam onde?
- Josilene: Os dois, tem dois que estudam aqui no João Sampaio. O outro estuda lá no Romeu, mais pra lá. Porque aqui não tem primeiro ano, aí só lá.
- Entrevistador: E pra conseguir vaga é fácil pra ele?
- 125 Josilene: É
- Entrevistador: É, tranquilo, né?
- Josilene: É, consegui rápido. Não sei os outros, né?
- (risos)
- Entrevistador: E quando você não tá em casa, quem fica com seus meninos? Eles
- 130 ficam só é?
- Josilene: É só, tão tudo grande.
- Entrevistador: É verdade.
- (risos)
- Entrevistador: Mas eles chegaram aqui menorzinhos, né?
- 135 Josilene: Foi
- Entrevistador: E aí, alguém te aju...
- Josilene: Quando eu saia eu levava.
- Entrevistador: E é, ninguém te ajudava não, aqui?
- Josilene: Nunca deixei com ninguém não.
- 140 Entrevistador: Nunca deixou não?
- Josilene: Eu levava.
- (Risos)
- Entrevistador: Tem coragem não, mulher?
- (Risos)
- 145 Entrevistador: O bom é...
- Josilene: Eles estudava lá na Bomba do Gonzaga, pois eu levava todos os três, a menorzinha era bem pequenininha, eu levava ela, ia de pé, uma lonjura.
- Entrevistador: De pé?

- Josilene: Era, pra não perder o ano né? Se perder né, se perder vai fazer, vai prejudicar, né? Os estudo deles.
- Entrevistador: Aí tu ia por aqui por dentro, né?
- Josilene: É, pela feirinha. Cansada, porque a minha irmã mora lá pertinho também, aí eu ficava por lá, quando era meio dia eu vinha.
- Entrevistador: Mas o povo aqui pede pra sra vender natura pra eles?
- 155 Josilene: Não
- Entrevistador: Ninguém pede não, né?
- Josilene: Não
- (Risos)
- Entrevistador: E o medo consome, né?
- 160 Josilene: Oxi
- (Risos)
- Entrevistador: A sra é muito amiga da dona Marlene?
- Josilene: É, **desde o tempo que eu vim morar aqui que a gente é amiga. A única pessoa que eu converso** é ela, a vizinha aqui de frente que é a Nil. Só.
- 165 Entrevistador: A Nil é... como é o nome dela, tu sabe mesmo, sem ser o apelido? É Rosenilda, é?
- Josilene: É parede que é Rosenilda o nome dela. Ela se chama de Nil
- Entrevistador: Tu me mostra depois onde fica a casa dela?
- Josilene: Essa amarela aqui ó.
- 170 Entrevistador: A, sei, essa bem bonita né?
- Josilene: é.
- Entrevistador: E tá pra vender a casa dela?
- Josilene: Tá.
- Entrevistador: Mas, porque mulher ela vai-se embora?
- 175 Josilene: Parece que ela comprou outra casa
- Entrevistador: E foi?
- Josilene: A filha dela comprou pra ela. Ela disse que se vender essa vai terminar de construir a outra
- Entrevistador: Aí vocês conversam muito, você a Rosenilda e a dona Marlene?
- 180 Josilene: É, de vez em quando a gente senta aqui na porta
- Entrevistador: Bater um papinho, saber da vida dos outros, hein?
- (Risos)
- Josilene: Mas no final de semana, né? Oxi eu evito, Deus me livre!
- Entrevistador: e é?
- 185 (Risos)
- Josilene: Tenho medo de apanhar no meio da rua
- Entrevistador: Misericórdia! E o povo aqui é brabo desse jeito, é?
- (Risos)
- Josilene: Não, mas quem que gosta da gente tá falando da vida dos o to?
- 190 Entrevistador: É, com certeza!
- Josilene: ninguém gosta não
- Entrevistador: é
- Josilene: Quando eu vejo que tá puxando, oxi, eu entro pra dentro de casa.
- Entrevistador: e tem fofoca aqui é menina?
- 195 Josilene: Mas muita!
- (risos)
- Entrevistador: Me conte essa história!

Josilene: Conversa vai, conversa vem. Mas quando eu vejo começando eu entro. Que eu não gosto muito.

200 Entrevistador: Mas tem muita gente problemática aqui, assim, tipo que não se dá bem com os outros?

Josilene: Não aqui comigo, assim... num...

Entrevistador: Você também se dá bem com todo mundo né?

Josilene: Só uma aqui, de lá da frente, que de vez em quando bate boca as duas, mas...

Entrevistador: Como é o nome da vizinha daqui do lado?

Josilene: Paula

Entrevistador: Paula. É Ana Paula é, não?

Josilene: É

210 Entrevistador: E a de lá da frente como é o nome dela? (Risos)

Josilene: Qual?

Entrevistador: Que bate boca com ela mulher.

Josilene: A irmã dela

Entrevistador: A irmã da Marlene? Eita Jesus! E elas batem boca, porque mulher, pelo amor de Deus

Josilene: (Risos) E eu sei, só vejo as duas, tetete aí de vez em quando, quando eu vejo. Mas também eu não escuto não. Nem eu gostaria que acontecesse comigo, nem com elas que eu não gosto de ver briga não. Eu evito o máximo.

Entrevistador: E a sra já **ficou com filho** de alguém por aqui? Pra alguém trabalhar?

220 Josilene: Só da **vizinha** aqui, da Marlene.

Entrevistador: Da Marlene, né?

Josilene: Aquele pequenininho dela.

Entrevistador: Como é o nome dele mesmo?

Josilene: Paulo.

225 Entrevistador: Paulo. É porque eu lembro que a Marlene disse que **ficou doente** um tempo, num foi?

Josilene: Foi, ela **quase que morre**.

Entrevistador: Misericórdia!

Josilene: Ai eu tinha minha **irmã** aqui, a mais nova, nesse tempo saiu também ela ficava com ele num dia no outro dia eu ficava. Aí ficou num sei quantos dias **internada na uti bem mal**.

Entrevistador: Ai a sra ficou cuidando do menininho menor, foi?

Josilene: Foi.

Entrevistador: E os outros maiorzinhos, se cuidavam né?

235 Josilene: Tudo grande já.

Entrevistador: Eu soube que tem uns até casados, né mulher?

Josilene: É

Entrevistador: Dona Marlene já tá com os filho criado.

(Risos)

240 Josilene: Tudo grande já.

Entrevistador: Só o menorzinho.

Josilene: É

Entrevistador: E o Viola? O Viola é gente boa também que nem a dona Marlene?

Josilene: É

245 Entrevistador: Todo mundo é gente boa.

Josilene: Tenho muito o que falar dele não, um pessoa legal ele.

(Risos)

Entrevistador: Eu ainda não consegui falar com ele, mulher, toda vez que eu venho ele tá de saída.

250 Josilene: (risos)

Entrevistador: Como é que eu faço?

Josilene: Mas é legal ele.

Entrevistador: É

Josilene: Só a tardezinha, né, que eu acho que pega ele em casa.

255 Entrevistador: É, eu já vim a tarde, eu só tava vindo de manhã, aí quando eu chegava de manhã o povo ia simhora, aí eu...

(Risos)

Entrevistador: Aí eu ficava aqui... sem fazer nada.

Josilene: Tem vez que ele joga sinuca, não sei pra onde lá pro João Sampaio.

260 Entrevistador: Ele é?

Josilene: Se você não vir ele, ele deve tá lá brincando, conversando com os colega.

Entrevistador: Ele não tá trabalhando não, né, o Viola?

Josilene: Tá não.

Entrevistador: E o seu esposo trabalha em que?

265 Josilene: Ele é **pedreiro**

Entrevistador: que joia.

Josilene: é nem todo dia que aparece, né, de vez em quando...

Entrevistador: ele trabalha com construtora é?

Josilene: Não, assim... biquinho mesmo.

270 Entrevistador: ah, entendi. Ele trabalha sozinho, né?

Josilene: É.

Entrevistador: E aqui pra fazer as coisas seu marido ajuda também o pessoal quando tem alguma necessidade?

Josilene: Ajuda de vez em quando ele ajuda.

275 (Risos)

Entrevistador: E o povo já pagou a ele também pra fazer algum serviço por aqui?

Josilene: Já

Entrevistador: Quem pagou a ele me conte!

Josilene: Essa vizinha aqui ali do outro lado, a **Marlene** também.

280 Entrevistador: A Rosenilda e a Marlene?

Josilene: Ele fez uma **reforma** na casa dela também

Entrevistador: É o Marcos o teu marido é?

Josilene: É

Entrevistador: Ah, mulher! Já ouvi falar dele!

285 Josilene: (risos)

Entrevistador: A dona Marlene comentou que seu Marcos ajudou ela a fazer a reforma mesmo. Mas aí ela falou até: Paguei um pouquinho pra ele, mas preu conseguir pagar...

Josilene: É, tá bom, né? (risos)

290 Entrevistador: Bichinha

Josilene: Mas **pagou**! Tá bom demais, né? (risos)

Entrevistador: É, né, mulher cada um faz o que pode né?

Josilene: É

(risos)

295 Entrevistador: Que bom que vocês ajudam assim, que vocês são tão unidos né?

Josilene: Aqui eu não tenho, assim... raiva de ninguém, sabe... converso com um e com outro. Com todo mundo eu converso, fala comigo.

Entrevistador: Mas a sua melhor amiga assim aqui é quem?

Josilene: Assim, essa daqui e aquela que eu falei né... Que eu gosto mais.

300 Entrevistador: Tá joia. Obrigada, viu, pela sua entrevista.

(risos)

Josilene: Por nada!

(Fim de gravação)

APENDICE C – ENTREVISTA DOMICÍLIO 54D

ENTREVISTA REALIZADA DIA 24.09.14

INFORMANTE: ANA PAULA DE MOURA PANTA

5 CONTATO: 8844.7955

CASA: 54D

Ana Paula: Sim, tem várias ai que não ajuda não. E... negócio para ajudar, ajudar assim em contrução aqui foi no começo, eu cheguei um pouco depois.

10 Entrevistador: É isso que eu queria saber, como foi que a sra chegou aqui, dona Ana Paula?

Ana Paula: Há Quadro anos atrás

Entrevistador: hum...

Ao mesmo tempo: Ai a casa já tava construída foi? // Porque **eu comprei**

15 Ana Paula: A metade, dali pra frente tava sem reboco e sem piso

Entrevistador: A sra. Comprou a quem, foi a sra mesmo que comprou?

Ana Paula: Foi

Entrevistador: A sra. Comprou a quem?

Ana Paula: Comprei ao Hélio

20 Entrevistador: Hélio?

Ana Paula: **Morador, daqui**

Entrevistador: Aí ele era da época da invasão, foi?

Ana Paula: Foi

Entrevistador: Então a sra já chegou depois da invasão

25 Ana Paula: Eu cheguei depois

Entrevistador: E niguém te ajudou a construir o resto não, da casa?

Ana Paula: Não, **paguei pra fazer**.

Entrevistador: Foi mesmo, mas pagasse a quem?

Ana Paula: O **vizinho aí de lado**

30 Entrevistador: O Marcos, também?

Ana Paula: Hum...

Entrevistador: Foi ao **Marcos**?

Ana Paula: Hum...

Entrevistador: Ah, que jóia.

35 Ana Paula: Paguei e ele fez né, rebocou, fez o piso, ajeitou as portas, que ela tava tipo, tipo abandonada

Entrevistador: Eu sei... já tava há algum tempo sem morador, né?

Ana Paula: É

Entrevistador: Aí mora a sra e quem aqui?

40 Ana Paula: Mora eu e dois filhos, o Ruan de 14 e a Florencia de 10

Entrevistador: Menina, esse menino já tem 14 anos?

Ana Paula: É. Mas ali não tá com 14 não, tá com menos.

Entrevistador: Não, ali ele tava novinho né?

Ana Paula: É

45 Entrevistador: Muito lindos os seus filhos, viu?

Ana Paula: Vai fazer 14 dia 20 de outubro agora

Entrevistador: Eita, já chegando, mas já é um rapaz, mulher. Rsrs

Ana Paula: Separada e o pai deles mora na Espanha, ele é...

Entrevistador: É nada

- 50 Ana Paula: É argentino ele
Entrevistador: é nada, tu arrumasse um argentino, mulher?
Ana Paula: Eu morei 7 anos na Argentina, eu
Entrevistador: Foi nada, e como foi que tu vieste para aqui de novo?
Ana Paula: A menina nasceu lá.... Nem sei porque eu voltei de novo, doidiça minha,
- 55 era pra tá lá ainda
Entrevistador: rsrsrs ai separasse?
Ana Paula: Foi
Entrevistador: E ele foi-se embora
Ana Paula: Ele passou, ele morou 2 anos aqui comigo
- 60 Entrevistador: Hum...
Ana Paula: Ai, antes, depois que eu tive a menina ele morou aqui 2 anos, depois não deu certo aí se separou. Foi pra Espanha, eu fiquei aqui.
Entrevistador: Mas como foi que você chegou aqui no Vitória? Quem foi que te falou que tinha essa casa pra vender?
- 65 Ana Paula: Nan, eu sai andando, passei 15 dias procurando casa
Entrevistador: Tú morava onde antes?
Ana Paula: Morava de frente a quadra de esportes, não tem?
Entrevistador: Não sei não, onde fica, é mais pra lá é?
Ana Paula: É, mais pra, indo pra Jaqueira
- 70 Entrevistador: ah, sim. Muita gente veio da Jaqueira, num foi, pra cá? Tu já conhecia alguém daqui?
Ana Paula: Tem várias pessoas de lá de baixo, mas não morava assim totalmente na Jaqueira não, era na, ali perto da quadra de esportes da Boa Vista
Entrevistador: Hum... Mas cê já conhecia alguém que morava aqui, não?
- 75 Som do skype aos 02:19 min conversa interrompida até os 03:47min
Entrevistador: Sim, ai o pessoal da catequese que a sra falou que ajudava... é o pessoal da **Igreja** cató....
Ana Paula: É a catequese que entrou, o **padre comprou a casa aí** e ele dá é... missa, é... faz **casamento**, batiza criança. Então tem um projeto lá que eles, eles
- 80 ajudam as pessoa. Dá **cesta básica**, faz, traz um **sopão**.
Entrevistador: Eita, que massa!
Ana Paula: É
Entrevistador: Aí vocês participam, é? É toda semana?
Ana Paula: **Toda semana**
- 85 Entrevistador: Oia que jóia
Ana Paula: Todo sábado a minha filha vai e faz *catequese* lá.
Entrevistador: Oia que jóia, Graças a Deus
Ana Paula: É um padre, um padre italiano.
Entrevistador: Italiano?!
- 90 Interrupção aos 04:17min para conversa no skype até os 05:14min
Entrevistador: Assim, tem alguém que ajude a sra a ir pro médico?
Ana Paula: Pro médico?
Entrevistador: Sim, quando a sra precisa ou seus filhos?
- 95 Ana Paula: Não, a gente, eu vou pra emergência da Jaqueira ou passa lá, lá pra baixo rsrsrs lá pra baixo.
Entrevistador: rsrs
Ana Paula: e tem aí do, do, do posto do João Sampaio também, que eu pego ficha po pediatra.
Entrevistador: A sra tem família por aqui, perto?

- 100 Ana Paula: Tenho uma irmã que mora no bom parto e tenho outra irmã que mora no clima bom
Entrevistador: Menina e a sua família é assim né, internacional né?
Ana Paula: espaiada, é espaiada
Entrevistador: rsrs
- 105 Ana Paula: Não só ele que tá na, na, na Alemanha
Entrevistador: E o seu ex marido que tá na Espanha rsrsrs
Ana Paula: E tem uma sobrinha minha que mora na Itália.
Entrevistador: Menina, é tudo internacional nessa casa, Jesus
Ana Paula: É rsrs
- 110 Entrevistador: Só tu que ficasse foi?
Interrupção aos 06:00min para conversa no skype até os 06:10min
Ana Paula: Aqui as pessoa aqui, não tudo assim não se ajunta, não se ajuda não.
Quem tens pessoas que que só fai alguma coisa se se a pessoa pagar.
Entrevistador: Entendi
- 115 Ana Paula: De construção da casa mermo
Entrevistador: Mas a sra tem muitas amigas por aqui?
Ana Paula: Mais ou menos
Entrevistador: E é? Rsrsrs Quem é que é tua **amiga** por aqui?
Ana paula: Minha **mãe** rsrsrs
- 120 Entrevistador: Mulher, todo mundo dizendo que é sua amiga aqui!
Ana paula: Quem?
Entrevistador: Óie, dona josilene disse que era sua amiga, a dona Marlene também.
Ana paula: Ela é minha amiga também, oxi...
Entrevistador: rsrsrs é que a sra falou...
- 125 Ana paula: Todo mundo é meu amigo pronto
Entrevistador: Mas ninguém ajuda muito não é, aqui?
Ana paula: Assim, **ajuda** sabe, assim, quando um tá doente, assim um faz um **chá**, uma arru, um arruma **um remédio**. Ou se tem que levar uma **cede o carro** pra fazer **emergência**.
- 130 Voz de fora: Paula? Paula?
Ana Paula: Oi, pode entrar mãe! A minha **mãe** mesmo ela **passou mal** a semana passada, ela **teve o começo de um infarto**
Entrevistador: Foi nada?
Ana Paula: Eu corri chamei o, chamei **um vizinho ali, levou ela pra emergência**,
135 ela, ela tomou oxigênio
Entrevistador: Como é o nome da vizinha?
Mãe da entrevistada: Boa tarde!
Entrevistador: Oi, tudo joia?
Ana Paula: É o... esposo da Fabiana
- 140 Entrevistador: o nome dele?
Ana Paula: Sei o nome dele não
Entrevistador: Ai ele socorreu foi?
Ana Paula: Foi
Interrupção aos 07:22min 07:29 até ... E conversa ao fundo entre a mãe e irmão da
145 entrevistada
Entrevistador: Quantos filhos a sua mãe tem?
Ana Paula: Ela teve 8 filhos, ai é, perdeu um na barriga e uma irmãzinha minha morreu com 6 meses de vida
Entrevistador: Eita, poxa, morreu?

- 150 Ana Paula: Ai ficou, ficaram 6. Tem 3 mulher e 3 homens
Entrevistador: Menina, acertou direitinho.
Ana Paula: Ela tem uns 14 neto
Entrevistador: 14 netos?
Ana Paula: É
- 155 Entrevistador: Misericórdia. E ela veio com essa comida da onde, mulher?
Ana Paula: É pras galinhas, que ela cria galinha ai no quintal
Entrevistador: Mas ela arruma essa comida onde?
Ana Paula: Na casa dela
Entrevistador: rsrsrs, ah ela mora aqui perto também?
- 160 Ana Paula: Passa, 5 casa
Irmão e mãe falam alguma coisa
Entrevistador: Quê?
Ana paula: 5 casa
Entrevistador: Ah, 5 casas! Ah, como é o nome da sua mãe?
- 165 Ana paula: É verdura menino (respondendo ao irmão). Maria de Lourdes
Interrupção de conversa do skype entre os 08:09min até a próxima gravação
Início de nova gravação
Entrevistador: Quando eu não tô gravando você fala! Rsrs
Entrevistador: Ai você fez, faz a costura pra quem? Faz pro pessoal daqui também?
- 170 Ana Paula: Todo tipo de **conserto de roupa, é pra todo mundo**.
Entrevistador: Todo mundo compra, é tsc... Faz o conserto de roupa aqui com a sra?
Ana Paula: É
Entrevistador: Só tem a sra aqui de costureira? No **Conjunto**?
Ana Paula: Só
- 175 Entrevistador: Ah, que joia, mulher! Tu nem me conta essas coisas!
Ana Paula: Eu fabricava roupa de praia já há mais de 15 anos.
Entrevistador: E era?
Ana Paula: Os vestidinho de praia. Só que eu deixei de ir pra praia, porque o, o sol tara...
- 180 Entrevistador: Queimando, né?
Ana Paula: Muito. Prejudiando muito a minha cabeça
Entrevistador: É... entendi
Ana Paula: Uma enchaqueca forte que eu tenho. Então a gente vive assim
Entrevistador: E o pessoal paga direitinho aqui também quando faz um serviço
- 185 Ana Paula: Paga, mas porque é pra **comunidade**, você sabe consertar roupa, é pá pessoas assim **mais carente, num pode cobrar muito**, né?
Entrevistador: É, com certeza.
Ana Paula: 3 reais, 4, 5
Entrevistador: Mas o pessoal...
- 190 Ana Paula: É. Porque minha **mãe ajuda com a renda**, é... o que, faz esses doces caseiros
Entrevistador: E vende aqui mesmo né, na porta?
Ana Paula: É. Ela também de vez enquanto é a é o, as amigas dela, as vizinha, se ajunta latinha pra ela.
- 195 Entrevistador: Ah, que joia
Ana Paula: Então ela junta 3, 4 saco e vende
Entrevistador: Ah, mulher que bom e o pessoal...
Ana Paula: Até próximo ano que é pra ela se aposentar, né?

- Entrevistador: Mas ela vai conseguir com fé em Deus, é pelo LOA né, que você tava falando? É, tem uma irmãzinha lá na igreja também que tô doida pra aposentar ela, mulher, pelo LOA
- Ana Paula: E a gente tem problema na mão, a tem inflamação nos tendões
- Entrevistador: Eita
- Ana Paula: E tem cisto. E tem cisto, no no nos tendões, já fui operada da mão eu.
- 205 Entrevistador: Eita poxa
- Ana Paula: Então a gente vive como Deus...
- Entrevistador: E quem junta latinha pra sua mãe?
- Ana Paula: As vizinha daqui, eu **também** quando eu passo se eu ver alguma **latinha**
- Entrevistador: E ela vende onde?
- 210 Ana Paula: Vende aí no seu Manoel
- Entrevistador: É a onde, lá na frente é?
- Ana Paula: É
- Entrevistador: Seu Manoel, ele tem o que, uma, um comércio é?
- Ana Paula: Ele tem ali um ferro veiozinho, ali
- 215 Entrevistador: Ah, sim, entendi...
- Ana Paula: Ai a gente já vai lá e vende já dá pro que, pra comprar o pão, o café, uma mistura
- Entrevistador: Entendi, que joia, Graças a Deus
- Ana Paula: E tira esse bolsa família de 70 reais, 76
- 220 Entrevistador: Aí tu vive com seus dois filhos e a tua mãe mora só, é?
- Ana Paula: Minha **mãe mora só**. Meu filho de desse de, meu **filho de 14 anos vai dormir com ela**, pra ela num, companhia
- Entrevistador: Ah entendi, ah sim, com certeza
- Ana Paula: **Pra ela não dormir sozinha** lá, é bom
- 225 Entrevistador: E aí mulher, quando alguém adoece por aqui cê ajuda também?
- Ana Paula: Hum?
- Entrevistador: Cê socorre? Alguém quando alguém adoece por aqui?
- Ana Paula: Socorro sim!
- Entrevistador: Mas tá, mas tem muito problema assim de pessoal passando mal aqui? Cê falou que a sua mãe teve quase um infarto não foi?
- 230 Ana Paula: Muito não
- Interrupção para conversa com sua mãe entre 02:16 até 2:30 e começa a falar sobre o irmão
- Ana Paula: Esse meu irmão também é uma ótima pessoa, tá trazendo duas malas só pra doar coisas pra família
- 235 Entrevistador: Olha que benção, Graças a Deus
- Ana Paula: Roupas, tudo. Pense, esse aí, esquece dele e só se lembra do próximo.
- Entrevistador: Ele mora sozinho lá, é?
- Ana Paula: Ele mora com o sócio dele da pizzeria, divide o apartamento, é solteiro.
- 240 O que você imaginar de coisa ele vai meter nessa mala.
- Entrevistador: Misericórdia
- Ana Paula: Pra trazer pra mãe.... Pras zirmã.
- Entrevistador: Graças a Deus, né? E ele manda dinheiro pra vocês também?
- Ana Paula: Manda, pra ela.
- 245 (Interrupção de conversa com o irmão aos 3:06min até 3:20)
- Ana Paula: Paga aluguel, faz feira...
- Entrevistador: E ela mora de aluguel aqui, é, tua mãe? Num é não mulher!
- Ana Paula: Tem um terreninho em Recife ela, mas as condições...

- Entrevistador: E vocês são daqui mesmo, de Maceió?
- 250 Ana Paula: Pernambuco
- Entrevistador: Vocês são do Recife é?
- Ana Paula: Pernambuco, interior de Garanhuns.
- Entrevistador: sim...
- (Interrupção de conversa com a mãe aos 3:39min até 3:53)
- 255 Entrevistador: Escute, e os teus filhos tão na escola?
- Ana Paula: Tão estudando
- Entrevistador: Pra conseguir vaga é fácil por aqui?
- Ana Paula: Mais ou menos, mais ou menos... Porque tem que dormir pra pegar uma vaga.
- 260 Entrevistador: É nada! E vai muita gente daqui? Pra lá, assim, precisa...
- Ana Paula: Vai.
- Entrevistador: Vocês vão todas juntas, né?
- Ana Paula: A minha filha estuda aqui, depois de uma quadra.
- Entrevistador: Hum...
- 265 Ana Paula: E meu filho estuda em Bebedouro, no Bom Concelho.
- Entrevistador: E como é que ele vai, vai só?
- Ana Paula: Vai de ônibus
- Entrevistador: Vai sozinho, né?
- Ana Paula: É
- 270 Entrevistador: E a sua menina também?
- Ana Paula: É ali na outra rua, ela vai cas amiguinha, quando vai passando, acompanhando, ela vai.
- Entrevistador: Ô Jesus, que jóia!
- Ana Paula: Ela quer estudar pra ser veterinária.
- 275 Entrevistador: Ô, minha mãe é veterinária.
- Ana Paula: Não pode ver um gatinho, mulher, na rua que traz pra dentro de casa pra cuidar.
- Entrevistador: Ô Jesus...
- Ana Paula: Outro dia trouxe, lá da rua da escola, uma caixa.
- 280 Entrevistador: Ham...
- Ana Paula: Com uma gata, com quatro gatinho, de resguardo
- Entrevistador: Meu Deus! E tu fizesse o que?
- Ana Paula: E ela cuidou. Cuidei!
- Entrevistador: Olha, tem **alguém** te chamando
- 285 Ana Paula: Aí no outro dia botaram veneno aqui pra matar a gata!
- Entrevistador: Foi não!
- Ana Paula: Aí eu fiquei dando de mamar na mamadeira os gatinhos!
- Entrevistador: Mataram a gata?
- (interrupção para conversar com vizinha que batia a porta aos 4:54min até 5:01)
- 290 Entrevistador: Sim, aí veio.... **Avon** é mulher?
- Ana Paula: É, uns cremes pá depilar os pelo.
- Entrevistador: Ixe Jesus, quem foi que trouxe, foi a dona...
- Ana Paula: Foi. Passar barbeador eu fico irritada. Pelo grosso.
- Entrevistador: Aí tu **compra a ela** é?
- 295 Ana Paula: **É**, e ele tira também das pernas.
- Entrevistador: Mentira!?
- (Barulho de um burro relinchando e conversa com o irmão aos 5:16 até 5:50)

Entrevistador: Escuta, aí o seu Marcos ajudou vocês aqui a construir não foi, assim, pagando, né?

300 Ana Paula: Assim, eu contratei ele, né? E Paguei, ele fez.

Entrevistador: E demorou muito pra ele fazer tudo?

Ana Paula: Quase trinta dias, não foi, mãe? Porque, aqui não tinha. Era daqui pra lá, as paredes já caindo. Ele que... Ele como veio da outra vez da Alemanha, comprou essa cerâmica e botou aqui.

305 Entrevistador: Hunrum...

Ana Paula: Falta botar na área, porque a casa aqui é grandona.

Entrevistador: Peraí, deixa eu ir com o celular.

Ana Paula: A casa é grande, ainda falta muita coisa pra ajeitar aqui

Entrevistador: Hunrum...

310 Ana Paula: Minha mãe **cria as galinhazinha** aqui.

Entrevistador: Sim, aí ela... É pra comer ou é pra vender?

Ana Paula: A gente come **ovos**

Entrevistador: Sim.

315 Ana Paula: **De vez em quando ela mata uma**, pra gente fazer... um guisadinho. Aí vai...

Entrevistador: Escuta, alguém olha a sua casa, quando você...

Ana Paula: **Pega uns mamão pra fazer doce** de mamão.

Entrevistador: Ah, que ela vende doce né? Ela vende doce de mamão também?

Ana Paula: Doce de mamão com coco.

320 Entrevistador: Alguém, alguém olha a sua casa, assim, quando você viaja, quando você sai, você deixa alguém olhando?

Ana Paula: Quando eu, quando eu viajo ela que **fica** com meus **filhos e olhando a casa**

Entrevistador: Sim.

325 Ana Paula: E quando ela viaja eu que fico tomando conta das duas casas

Entrevistador: Ô Jesus.

Ana Paula: É, a minha **mãe é pra tudo!**

Entrevistador: É, mulher, mãe é assim, né?

Ana Paula: É uma ajudando a outra.

330 Entrevistador: Graças a Deus, ainda bem que vocês moram perto né?

Ana Paula: É

Entrevistador: Graças a Deus

Ana Paula: Aqui é o quartinho da menina, teve que desarmar a cama, porque a cama quebrou.

335 Entrevistador: Eita!

Ana Paula: Aqui é o quarto deles. Já me doaram a cama, mulé.

Entrevistador: Quem te deu a cama?

Ana Paula: A cama quem me doou, foi **um home do o to lado**, que eu vou **limpar a casa dele, fazer faxina**.

340 Entrevistador: Sim!

Ana Paula: Aí ele me deu uma cama de madeira

Entrevistador: Aqui mesmo do conjunto, ne?

Ana Paula: É do outro lado.

Entrevistador: Como é o nome dele, tu sabe?

345 Ana Paula: Seu Zé.

Entrevistador: Sim...

Ana Paula: Aí ele me doou a cama, me doou aquele móvi ali.

Entrevistador: Sim...

Ana Paula: Me doou, duas televisão.

350 Entrevistador: Foi nada!

Ana Paula: Aí a cama, eu acho que bateram prego, que ela é de madeira, só que aí rachou...

Entrevistador: Eita! Mas escute, ele, ele paga pra você fazer a faxina ou ele...

Ana Paula: **Paga**. Rachou aqui, eu juntei com arame, mas eu tirei isso aqui...

355 Entrevistador: Entendi. E você faz faxina pra mais alguém aqui?

Ana Paula: Não, só pra ele

Entrevistador: Que Jóia e ele mora só, é?

Ana Paula: Mora, ele me dá uma ajuda

Entrevistador: Entendi.

360 Ana Paula: Eu lavo a roupa dele, já ajuda na...

Entrevistador: Oxi, menina, só esses presentinhos também que ele dá, né...

Ana Paula: É...

Entrevistador: De vez em quando é joia também, né?

Ana Paula: É, a gente vai levando a vida. Deu essa estante aí.

365 Entrevistador: Aí você trabalha com o que, só com a costura né?

Ana Paula: Só com o meu ateliê de costura aí mesmo.

Entrevistador: E a sua mãe fazendo doce?

Ana Paula: Doce caseiro e juntando as latinhas dela.

Entrevistador: Graças a Deus

370 Ana Paula: Dá pra gente ir vivendo.

Entrevistador: E faz muito tempo que a sua mãe tá aqui?

Ana Paula: Aqui?

Entrevistador: No conjunto, É!

375 Ana Paula: Dois ano, né mãe, que a sra tá aqui? É dois anos! Passei dois anos aqui morando só. Aí, ela, ela morava ali embaixo e subiu praqui. Mas vive nós duas junta.

Entrevistador: Mas vocês não são da época que a polícia veio aqui tentar tirar todo mundo não, né?

Ana Paula: Não

Entrevistador: Graças a Deus, né?

380 Ana Paula: É

Entrevistador: Não passaram por isso. Tá joia, Paula. Qualquer coisa que eu precisar mais eu volto.

(Fim de gravação)

APENDICE D – ENTREVISTA DOMICÍLIO 43D

ENTREVISTA REALIZADA EM: 05.09.14

INFORMANTE: JOSÉ LUIZ GUEDES DOS SANTOS

5 CONTATO: 8828-3898/9995-8156

CASA: 43D

Entrevistador: É um pouquinho a respeito da história do Conjunto Vitória de como foi que começou. Como foi que o senhor chegou aqui? Quem chegou junto como o

10 senhor.

Sr. Guedes: Essa história do conjunto vitória, é assim eu não sou um camarada, assim que tenho uma história totalmente completa. Eu cheguei quase no início, só que é assim.

Entrevistador: Sei.

15 Sr. Guedes: Quando começou o prof. Augusto tava vindo aqui era muita gente não gosta que eu usasse esse termo que eu comprei na verdade. Só que a gente estava na luta, Ainda estamos na luta, porque eu ainda não tenho uma decisão judicial por completa na minha mão, uma conclusão judicial no caso é só a história de que está arquivado o processo, que alguém ta batalhando e foi ele mesmo um dos tais que

20 me deu a notícia que a CEAL lavou as mãos né que é quem luta contra a gente.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Foi, foi.

Sr. Guedes: A história foi assim o pessoal tomou posse da terreno, tomou posse, aí foro retirado do terreno, depois tive um apoio me parece do Dr. Cícero Almeida e

25 voltaram e quando voltaram construíram e daí não saíram mais.

Entrevistador: Como o senhor ficou sabendo desse local, quem foi que informo o sr.?

Sr. Guedes: Eu morava aqui perto aí o que aconteceu quando voltaram o pessoal começou a construir aí o meu filho comprou esse terreno já de outro que tomou

30 posse.

Entrevistador: Entendi, entendi.

Sr. Guedes: Inclusive na conversa quando a gente tava na luta mesmo fervendo eles não gostava nem que eu falasse dessa forma assim que eu comprei ele dizia que todo mundo se empossou.

35 Entrevistador: Com certeza de um jeito ou de outro o senhor tomou posse.

Sr. Guedes: Aí meu filho comprou esse terreno já de outro que se empossou.

Comprou assim no chão mesmo, no mato, eu acompanhei o cavamento do alicerce da minha casa, da dele, essa aqui foi primeiro que a dele, a do irmão Evaristo já tava feita, mas cheguei aqui no início. Cheguei aqui o Antônio já estava. Entendeu?

40 Entrevistador: Entendi, como é o seu nome, desculpe?

Sr. Antônio: Antonio Alves.

Entrevistador: Antonio Alves. Ou seu Guedes, alguém ajudou o senhor a construir a casa?

Sr. Guedes: Quem iniciou a construção foi meu filho né.

45 Entrevistador: Como é o nome do seu filho?

Sr. Guedes: É Jadson Guedes dos santos.

Entrevistador: E ele mora aqui também no conjunto?

Sr. Guedes: Não ele não reside por aqui em Maceió não, ele tá no sul do país.

Entrevistador: O Senhor construiu com recursos próprios foi?

- 50 Sr. Guedes: Não. Ele deu início as paredes e foi embora e aí quando foi embora ele mandou eu vender aí eu fiquei pra vender e não conseguia vender e como a casa se você olhar a casa é bem ampla.
Entrevistador: É ótima a sua casa.
- 55 Sr. Guedes: É né a casa bem ampla eu fiquei interessado, mas nessa ocasião eu trabalhava e com o meu salário que ganhava eu não tinha condições de pagar o dinheiro a ele aí eu fiquei pedindo a Deus, que eu sou evangélico...
Entrevistador: Amém, eu também, a paz.
- 60 Sr. Guedes: Graças a Deus, desculpe ter me pego aqui de shorte.
Entrevistador: Imagina eu que cheguei sem avisar não é não.
- 65 Sr. Guedes: Ai o que acontece eu fiquei sempre sem querer vender a casa você sabe a gente que é evangélico a gente tem aquela fé em Deus firme e eu não queria vender e eu tinha outra casa e era num local meio difícil e a gente assim, a minha esposa achou que a casa ia cair porque a gente viu casas que era bem mais reforçada do que a nossa cair e ela tinha medo da nossa cair, mas nunca caiu, a que era nossa, no caso.
Entrevistador: Glória a Deus, eu sei.
- 70 Sr. Guedes: Dai ela tomou por decisão de sair, eu fui trabalhar e quando cheguei em casa ela tinha saído e praticamente eu fiquei sem casa aí eu fiquei aqui cuidando, ele no sul do país, e eu aqui cuidando, vinha aqui o mato crescia e ficava da altura da parede, o **irmão Evaristo limpava** e assim foi...aí a casa dele aqui que ele não é o primeiro dono já .o terceiro foi construída, todinha rapidinho,inclusive a casa dele ta toda no acabamento...até pondo a cerâmica.
Entrevistador: Tá linda a sua casa.
- 75 Sr. Guedes: ..O rapaz aí era bonzinho de bolso aí construiu rapidinho e eu fiquei nessa situação sem casa e fiquei aqui e orando a Deus e dizendo Deus se o sr. fizer algo por mim que era a minha aposentadoria eu não vendo a ninguém.
Entrevistador: Glória a Deus.
- 80 Sr. Guedes:Eu fico com essa casa e assim foi aí eu comprei as paredes e construí o resto todinho e como vc tá vendo ainda está em fase de acabamento.
Entrevistador: É o professor augusto também tá informando a vocês que eles vão dá assessoria não é na questão da construção agora vai entrar uma outra equipe que a gente tá vendo a história de como vocês tinham chegado com essa questão da construção também, assim dá outras dicas, outras formas de ver as coisas porque vocês tem a vivência de saber como faz e tudo e lá na universidade a gente tem
- 85 outra visão não é? De como é que as coisas podem ser feitas, as vezes a gente dar uma ideia ou outra que o negócio sai né, eita, aí ele vai dar essas ideias pra vcs daqui a poquinho, na verdade era pra ter vindo comigo hoje mas não consegui contato com eles aí eu disse vou assim mesmo, risos.
- 90 Sr. Guedes: Hoje a gente não vai medir nada né, não vai olhar nada hoje né porque tá tudo meio até eu tô incorreto a posição que eu tô hoje.
Sr. Guedes: Pra conversar a gente conversa até..é bom pra saúde.
Entrevistador: Ai o senhor veio então com a sua família.
- 95 Sr. Guedes: Sim aí foi aí eu fiquei nessa pendencia de Deus primeiramente foi ele e ao chegava aqui o mato grande eu olhava pra casa com a extensão boa, ainda tem mais um quintão lá atrás, inclusive quando as meninas veio ver dissero Seu Guedes o sr. ficou com a **melhor casa** daqui..
Entrevistador: É grande mesmo, muito boa a sua casa graças a Deus.

Sr. Guedes: Ai quando aconteceu oxe o senhor agora vai pegar um brinco, as meninas quando vieram não era nem rebocada, era tudo assim nem rebocada nem nada e os banheiros não era feito nem nada, hoje o banheiro já tá todo

Entrevistador: Glória a Deus, ele tá honrando.

Sr. Guedes: Ai quando eu vim pra cá com o poder de Deus ele me aposentou e aí eu falei com ele e comprei a casa e quando eu fui pegar o dinheiro de aposentado no banco chega fica rindo aí o sorriso chega fica aqui...chega lá o gerente chega.

Entrevistador: Querendo beijar os pés né?

Sr. Guedes: Daí eu trouxe o irmão que ele é foi pedreiro que cobriu e fez quase todas as coisas aqui, aqui tem a mão de dois pedreiro depois quer..minha só.

Entrevistador: Sei, sei e esse pessoal é daqui também daqui conjunto também não?

Sr. Guedes: Que pessoal vc fala?

Entrevistador: Os pedreiros

Sr. Guedes: Não, não, eu trouxe de lá de onde eu morava, eu morava aqui na mesma área sendo que mais embaixo.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ai eu trouxe aí quando a gente chegou aqui a gente pegou em um tijolo depois em outro ele pegou num tijolo aí ele disse irmão velho, que ele é crente, a gente tem que construir logo essa casa que os tijolos estão começando a perder a durabilidade, a resistência no caso aí eu disse rapaz aqui mesmo esses pedaços desmanchou quase todo.

Entrevistador: Foi mesmo.

Sr. Guedes: E o outro pedreiro eu não sei se foi com mal vontade que meu filho não tava presente eu também não podia tá, ele deixou a parede toda troncha aí eu fui olhar daí de cima aonde é essa casa aí quando eu olhei e vi que tava toda troncha nos desmanchamo, não dar pra gente consertar mais, vamos tirar o resto do reboco e tirou tudo aqui, ali falta uns tijolos que tinha caído lá em cima, um restinho faltava bota e a gente saiu pegando os tijolo assim as vezes os tijolos desmanchava, aí tem muito tijolo assim, temos que construir rápido, aí eu liguei para o meu filho novamente e disse oi se preocupe não que o seu pai vai pagar a sua casa, a casa é sua, foi você que comprou, que construiu, mas deixe eu pegar um empréstimo no banco primeiro preu construir a casa e depois eu pego...se eu morrer a sua mãe paga, do jeito que você vai receber, agora se morrer os dois complica..

Sr. Antonio: É.

Sr. Guedes:... Ai casa fica pelo menos pra você e suas irmãs, a minha parte vc divide com as suas irmãs que são duas no caso, aí ele disse tá certo e concordou e assim foi. So que Deus me deu uma graça e eu dei um cala a boca agora ele fez uma coisa boa que eu criei uma filha dele desde novinha que ele arrumou aí nas baladas, que ele nunca foi crente, aí deixou esse presente pra mim, já tá uma mocinha já..

Entrevistador: Glória a Deus.

Sr. Guedes: Ai ele fez um acordo comigo que uma parte fica com a filha e a mulher de lá, do restante, que eu dei um cala boca a ele, e a outra parte fica pra ela eu faço uma poupança pra ela, e comigo que no dia que eu fizer tá feito, ele disse, tá certo, mas eu quero fazer pra não morrer com essa culpa.

Entrevistador: Eu sei a sua consciência, é justamente.

Sr. Guedes: ...aí eu construí tudo rápido, e todo mundo ficou achando que eu era rico oia, isso tudo assim rápido só não o reboco, a parte do reboco, aí fiz aqui fiz o contrapiso rápido assim e ficou o quintal, o quintal ainda morei um bocadinho de tempo, os banheiros, tudo aí, aí é assim cada ano abre um espaço preu pegar mais um

pedacinho de dinheiro, eu moro aqui há dois anos e durante desses dois anos eu fiz tudo que você tá vendo agora que as outras não viro.

150 Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Todo mundo diz se vim alguém daquele pessoal, que não vem mais que ta se formando né.

Entrevistador: Oh Jesus, é ah, se formaro.

Sr. Guedes: Vai ficar assim eita rapaz seu Guedes.

155 Entrevistador: Que bom.

Sr. Guedes: Ficaro torcendo, assim, uma turma que eu gostei que só que tava aqui, quase todos tavam aqui..os dias era bom.

Entrevistador: A Gabriela, A Livia não era? era muito menino.

Sr. Guedes: Era sim.

160 Entrevistador: Uns bem novinho e uns mais veinho. Ou seu Guedes,

Sr. Guedes: O professor Augusto adoeceu.

Entrevistador: foi. Na verdade foram muitas tribulações que a gente sofreu.

Sr. Guedes: Eu preciso conversar com ele nós dois porque assim ainda existe um processo aqui vc sabe disso ne?

165 Entrevistador: É eu sei.

Sr. Guedes: Só que ele ligou pra mim, eu tenho essa lembrança essa semana que ele ligou pra mim, que veio um deputado aqui, inclusive esse deputado tem até o nome dele ai e esse camarada eu nunca tinha falado com ele eu não conhecia o camarada nem nada e ele deu um advogado pra trabalhar em benefício da gente

170 aqui sobre esse processo...

Entrevistador: Que bom.

Sr. Guedes:... E esse processo parou, inclusive hoje ta arquivado esse processo definitivamente só que poucos dias eu puxei aqui esse processo.

Entrevistador: Na verdade o que o professor Augusto me informou é que a

175 Eletrobrás disse que já conscientizou vocês de um certo risco que tem nas casas que passam, embaixo realmente do fio, que ela fez a parte dela, que ela não vai tirar ninguém, não é intenção dela de tirar ninguém, mas que ela avisou, ela deu um aviso, ta ruim ai a situação de vocês.

Sr Guedes: Inclusive o juiz movimentou o processo dessa natureza junto os

180 movimentos do processo o juiz movimentou dessa forma ele deu um prazo a ela de 30 dias para ela vim remidir..

Entrevistador: Entendi.

Sr Guedes: E onde ela batesse o martelo que era pra sair era pra sair.

Entrevistador: hun hun.

185 Sr Guedes: E nois sabemos que na verdade que é pra sair que ela queria que tirasse de qualquer jeito são umas quatro casas lá embaixo que não tem como ficar, ela bateu o prego encima disso ai...

Entrevistador: Sei, sei.

Sr. Guedes: Só que nesses 30 dias ela não apareceu pra remidir e o juiz não brinca

190 ne.

Entrevistador: Não.

Sr. Guedes:...Ai depois ele já deu mais 30 dias ela não apareceu, ele deu mais trinta ela não apareceu, ele extinguiu o processo, depois que extinguiu o processo ele arquivou o processo definitivamente, eu não sei até onde você conhece, vc

195 conhece mais do que eu, o que é um processo arquivado né.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Principalmente definitivamente, com esse processo ela não tira mais a gente daqui a senhora sabe disso ne.

Entrevistador: É justamente.

200 Sr. Guedes: Ela já não tira mais.

Entrevistador: A situação de vocês ficou boa ne?

Sr. Guedes: Até agora pouco hoje saiu uma notícia muito triste agora de manhã, nós fumo sabedor eu tava junto com ele junto aqui, que uma área ali e não sabe se é no 2 ou se é no 1 foi reintegrada, agora a pouco depois de 20 anos.

205 Entrevistador: Foi mesmo a posse, aonde foi isso, desculpe.

Sr. Guedes: No jardim petrópolis, só não sabe se no 1 ou no 2, porque aquele é o dois e lá é no 1.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ai ninguém sabe vou entrar na internet depois pra conferir isso ai.

210 Entrevistador: Vou perguntar ao professor Augusto também.

Sr. Guedes: Ai a gente fica assim, meio assim ne, só que eu tava explicando aqui a ele que com certeza que esse processo de lá, ele chegou a terceira instância e na terceira instância é o seguinte quem ganhar, ganhou, ai não tem negócio de joguinho não é.

215 Entrevistador: Não tem como recorrer mais né?

Sr. Guedes: Não. Quem ganhou, ganhou. Então foi o que aconteceu lá, por isso que tem 20 anos, eu soube que tem a média de 20 anos passou no AL TV, passou agora de manha

Entrevistador: Sei.

220 Sr. Guedes: Com certeza tá em todos os jornais de Alagoas porque quando derruba assim chama atenção é constrangimento pra um lado pra outro.

Entrevistador: Eh. Eh verdade também.

225 Sr. Guedes: Daqui a pouco eu vou olhar na internet, vou ver se eu baixo isso aqui dele, o documento do carro dele mas vamos ganhar essa sua história ai, só que aqui ele fica meio assim que ele é novo...tá novo na área, ele tem só uns seis mês que mora, eu tenho medo nada.....

Entrevistador: Oxe, precisa não, Deus é mais..

Sr. Guedes: Ele ia me dar a casa.

Entrevistador: Quem?

230 Sr. Guedes: Se fosse pra me tirar depois..Deus.

Entrevistador: Ah não, ia não.

Sr. Guedes: Aqui foi preço de oração, orei aqui com lágrimas, eu disse senhor se o senhor me aposentar eu fico com isso aqui.

Entrevistador: Glória a Deus.

235 Sr. Guedes: Pronto ele, e ele me aposentou e foi rápido, lingeiro.

Entrevistador: Oi tá vendo.

Sr. Antônio: Mistério ne.

Entrevistador: É mistério. Pois é eu também creio que a situação de vocês melhorou bastante com essa questão do arquivamento do processo ...

240 Sr. Guedes: É.

Entrevistador: A Eletrobrás na verdade não tem a intenção de tirar vocês daqui mais. O que ela tinha de fazer ela já fez, ela lavou as mãos dizendo assim eu já informei que eles estavam numa situação de risco, porque é obrigação dela também e ai ela informou e...

245 Sr. Guedes: E só é a única pessoa que luta contra a gente só é ela.

Entrevistador: Eh. Entao.

Sr. Guedes: É a única pessoa que luta contra a gente só é ela, a dona CEAL.

Entrevistador: É A dona CEAL é? Não é a ELETROBRAS não?

250 Sr. Guedes: É, ela que tomou posse agora só é a única pessoa que luta contra a gente aqui só é ela a dona CEAL, porque ainda é CEAL no nome do processo...

Entrevistador: É dona CEAL é, não é ELETROBRÁS não

Sr. Guedes: É. Ela quem tomou posse agora.

Entrevistador: Foi.

255 Sr. Guedes: Só que ainda o processo foi aberto com a antiga CEAL né, inclusive nós ainda puxa assim..não, ainda não mudou não é antiga CEAL.

Entrevistador: E é?

Sr. Guedes: É. Ainda mudou não é.

Entrevistador: No processo é?

260 Sr. Guedes: Vou... se a minha esposa não tirou daqui, que ela guarda faz as arrumações ..agora eu tenho uma página até nova que eu puxei agora pouco, mas parece que ela nas arrumação dela, deixe eu ver aqui..

Entrevistador: Ou Sr. Guedes aí e o senhor conhece o Viola?

265 Sr. Guedes: Conheço... não quando elas vieram fazer a primeira vez ela aquela...você trabalham muito em cima de ser tudo unido os vizinhos, que isso tem uma influência muito grande..

Entrevistador: Isso.

Sr. Guedes: Para gente adquirir o melhor pra gente, quando vocês chegaram aqui eu era novato..

Entrevistador: sei.

270 Sr. Guedes: Eu só tô com 2 anos aqui..

Entrevistador: Eu sei.

Sr. Guedes: Só que eu já conhecia desde o início o Viola. O viola é um marco aqui.

Entrevistador: O viola é uma figura.

Sr. Guedes: Porque aqui assim..ele sabe tudo aqui, tem um outro rapaz..

275 Entrevistador: HE..He.

Sr. Guedes: E tem outras pessoas que sabe. Se você me perguntar e aí seu Guedes como o sr. tá hoje? Eu conheço lá do início até o final...todo mundo.

Entrevistador: Conhece todo mundo.

280 Sr. Guedes: Não porque assim..o professor Augusto e a Sueli juntos eles quiseram que a gente fizesse uma associação aqui.

Entrevistador: Eu sei.

Sr. Guedes: E nessa associação foi votado e eu fui eleito como presidente.

Entrevistador: Foi mesmo?

285 Sr. Guedes: Aí o que aconteceu...eu vi que não ia funcionar que as pessoas daqui são pessoas de um nível, tem algumas pessoas que chegaram como eu, mas a maioria dos que chegaram a gente sabe que dentro da nossa vida pessoal há nível..

Entrevistador: Hun..hun.

Sr. Guedes: O meu nível não é igual ao seu.

Entrevistador: Oia.

290 Sr. Guedes: Porque você é superior..

Entrevistador: Ou Jesus..

Sr. Guedes: O meu é médio.

Entrevistador:.. Mas rapaz somos todos iguais perante o SENHOR não é?

Sr. Guedes: É. Não. Mas só perante a Deus, mas perante os homens tem diferença.

295 Entrevistador: É.

Sr. Guedes: Até foi construída até pelo próprio Deus da gente.

Entrevistador: Eu entendi.

Sr. Guedes: Tem gente que não quer entender, mas foi o Deus que construiu.

Entrevistador: O senhor tá falando do nível de escolaridade?

300 Sr. Guedes: Ai o que acontece eu vi que não ia funcionar..

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: ..as pessoas não era ainda engajada mesmo assim, ai eu fiquei sendo na associação **sozinho**.

Entrevistador: Eita.

305 Sr. Guedes: Eu saio vou atrás de recursos, agora mesmo a gente trouxe esse **deputado** ai.

Entrevistador: É difícil é do senhor conversar com eles, explicar as coisas... como é que o senhor tá dizendo?

310 Sr. Guedes: Não. É porque é assim eu sou um sujeito que tento me formar em psicologia, porque é assim eu tento entender as pessoas, eu observo que é assim...eu converso uma coisa interessante e, e que é importante pra gente, eu tento explicar, tem uns dois ai inclusive do primeiro andar ai.

Entrevistador: Como é o nome dela, o senhor pode falar?

315 Sr. Guedes: A irmã Taura ou Tal, um irmão que ele aqui, até que ele vende negócio de reciclagem aqui..

Entrevistador: Como é o nome dele?

Sr. Guedes: Eu fiquei muito alegre, essa semana, apesar de que o bichinho depois que eu entrei pra dentro de casa ele foi parar no pronto socorro..

Entrevistador: Eita Jesus.

320 Sr. Guedes: Mas eu fiquei feliz com o que ele disse..

Entrevistador: Como é o nome dele?

Sr. Guedes: Irmão Manoel.

Entrevistador: Manoel.

325 Sr. Guedes: ..ele disse irmão Guedes, disse pra mim na minha presença assim.. depois que o senhor chegou aqui a **paz** reinou nesse lugar. Isso ai deixa a gente feliz. Então eu não cobro **gasolina** de ninguém, eu vou atrás, vou na prefeitura inclusive tem, se olhar no meu face lá, vai ver lá dentro de uma mesa da prefeitura lá metendo malha, porque é comigo mesmo.

Entrevistador: Risos.

330 Sr. Guedes: Correio, fui pro correio enfrentei uma discussão lá no correio.

Entrevistador: Pra poder ter a carta né pra poder chegar carta né?

Sr. Guedes: Não. Ainda não tá chegando não.

Entrevistador: Não tá não?

335 Sr. Guedes: Ai procurei o chefe mais alto da história do correio daqui da nossa área, o cara prometeu, mandou recado até pelo **padre** aqui que **tem uma comunidade católica** agora..

Entrevistador: Ah é? Tem um padre aqui nessa comunidade.

340 Sr. Guedes: Tem. Só que vem de vez em quando. Ai nunca chegou as catas aqui até agora. Um deputado veio a semana passada e garantiu duas coisas a mim pro outro dia.

Entrevistador: Sei.

Sr. Guedes: ..que era que nós não tenha mais medo de ficar aqui de jeito nenhum que ia acabar com esse negócio de uma vez da CEAL.

Entrevistador: Sei. Hun, hun.

345 Sr. Guedes: E que o correio ia entrar. Só que eu coloquei a Sueli como minha representante porque eu tenho um trabalhinho que eu não posso porque 10 horas

quando dar 10 horas eu já to aperriado de onde eu tiver eu vou nem no centro, eu transporto criança de escola.

Entrevistador: Ah, entendi.

350 Sr. Guedes: Ai eu, como a Sueli é uma pessoa de confiança e foi ela o mentor de hoje a gente tá aqui mais tranquilo, ela veio com a ONG que hoje ela tá uma ONG sozinha igual a mim..

Entrevistador: Hu, hu, eita.

Sr. Guedes: Eu aqui e ela lá porque deixaro ela sozinha, os amigos dela da ONG

355 Entrevistador: Sei.

Sr. Guedes: Mas ela não para de lutar e agora a gente adquiriu mais uma mulher que eu respeito muito ela aqui dentro do estado de alagoas e ela é muito respeitada mesmo, a Cicinha da cheche, já ouviu falar dessa mulher?

Entrevistador: Não.

360 Sr. Guedes: Rapaz essa mulher veio ai, ah eu gostei da mulher.

Entrevistador: E foi?

Sr. Guedes: É mulher, mulher e mulher e tem mais num sei quanto de home, de home na atitude.

Entrevistador: Eu sei.

365 Sr. Guedes: Sabe. E é?

Sr. Guedes: Risos. É... a mulher é alta também, mas é....

Entrevistador: A bicha é guerreira né?

Sr. Guedes: Agora já está com vocês já abracei a causa e pode contar e a Sueli já ligou pra mim dizendo que ela foi também na infraestrutura também que é pra ajeitar aqui...ai ele deu essa segurança a gente e o professor Augusto disse que procurou saber..ele que ligou dizendo a CEAL lavou as mãos.

370 Entrevistador: Foi. Graças a Deus. Oh seu Guedes, o senhor acha que só o senhor é assim mais envolvido por conta dessa questão é desse níveis, porque as pessoas não conseguem entender é?

375 Sr. Guedes: Não. Porque tem essa questão assim... há dias que eu venho assim conscientizando o povo de dar um voto a esse camarada que eu sou observador de político que trabalha e eu venho acompanhando o trabalho dele no sertão, porque esse ano eu ainda vou dar um voto a Rosinha da ADEFAL porque esse ano eu sou um camarada que me comovo com a coisa.

380 Entrevistador: Hum hum.

Sr. Guedes: O trabalho da ADEFAL é um trabalho excelente, você chega lá você chora, eu mesmo choro.

Entrevistador: É.

385 Sr. Guedes: É aquilo não é só restrito ao pessoal da capital, é restrito a todo o estado de alagoas, tá entendendo?

Entrevistador: Hum..hum.

Sr. Guedes: E a gente ainda que tem as duas pernas boas e os dois braços bom e chega lá ainda uma vaguinha dar pra pegar um médico lá.

Entrevistador: Entendi

390 Sr. Guedes: Consultasse lá. Então eu sou admirador desse político. Se um político chegar para mim e disser tome 500 conto preu botar o negócio no seu carro eu digo quero não nem me venha com esse dinheiro então o que é que acontece. Esse dr. Esse Ronaldo Medeiros ai.

Entrevistador: Ele é o que deputado o que?

395 Sr. Guedes: Deputado estadual. Ele num tá dando um tijolo a gente ele deu um um **advogado** para lutar por uma causa que eu não poderia lutar, ele tá me dando uma

casa completa porque a CEAL mandou o mandado, porque foi eu que li o mandado, porque não sei porque o oficial de justiça se agradou de mim que mim chamou a parte pra conversar comigo e eu nem **morava aqui**.

400 Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Eu vinha chegando com o meu **carro** na hora que tava a confusão.

Entrevistador: Foi mesmo?

Sr. Guedes: Eu tava decidido a vim morar no dia que eu decidi a vim morar, quando eu chego ali na esquina gente e poliça.

405 Entrevistador: Eita Jesus.

Sr. Guedes: Ai eu alcancei essa graça de Deus primeiro e deles ai, mas é assim mas o fato assim dizer de nível de escolaridade que dificulta a gente sabe que dificulta , não é tanto por causa disso ai não, mas porque é assim eu sempre fui um sujeito destemido de ire fiquei de benefício há muito tempo uns três anos hoje eu tenho mais de 6 aposentado. Eu aprendi um bocado de coisa nessa jornada eu aprendi ir em busca dos meus direitos e também porque assim eu fiquei uma época, desempregado em Maceió e eu vendia doce e um colega meu disse ..eu tinha um processo contra uma empresa ai um colega meu disse pra mim assim na beira da praia Guedes tu já foi lá saber do teu processo...eu disse, ai eu era um dos tais que

415 tava enquadrado nesse..

Entrevistador: Entendi

Sr. Guedes: ...turma de gente que tem por aqui ai eu disse não rapaz e eu sou doido de ir la rapaz ai ele disse não não é assim não la no tribunal você entra é um direito seu que lhe assiste você entrar e você saber do seu processo, ai eu disse então eu vou agora..

420

Entrevistador: Ha, ha.

Sr. Guedes: ...não contei história na mesma hora eu sai da jatiúca vendendo doce e fui parar em jaraguá de pés..

Entrevistador: eita.

425 Sr. Guedes: Foi vendendo doce e diretamente lá no **tribunal** quando cheguei lá, diz quem foi a primeira pessoa que eu vendi um a lata de doce la no tribunal?..a **Rosinha da ADEFAL** que é candidata deputada federal e quer se reeleger..

Entrevistador: Sei

430 Sr. Guedes: Ai com ela eu já fui conversando e mais mulher foi o canal e fui entrando, entrando, chegou uma época que eu não vendia doce mais em canto nenhum só lá.

Entrevistador: Foi mesmo, há , há?

Sr. Guedes: Passei, uma época eu não era evangélico, eu passei a jogar pelo time de lá, depois me deram um birou preu tomar conta, recepcionar as pessoas que

435 entravam por tras...

Entrevistador: Foi mesmo, que joia, quando a pessoa se esforça Deus honra.

Sr. Guedes: Ai fiz um conhecimento com um juiz e com tudo, agora fui decepcionado.

Entrevistador: Foi mesmo foi?

440 Sr. Guedes: Foi bom que eu conheci, num tem o Maurício Quintela né que é deputado federal ele era muito meu amigo, mas depois de federal ai eu num cheguei mais perto não dele não sei nem se, ele pode me reconhecer que eu vou contar a história né ai ele vai lembrar.

Entrevistador: É.

445 Sr. Guedes: *ai era amigo de todo mundo, de juiz, ia pra fazenda de juiz jogar ia num sei o que.

Entrevistador:... ai o senhor ficou trabalhando lá foi?

Sr. Guedes: Eu passei um tempo que ficava no birou lá atrás e ganhava uma gorjeta deles lá sabe..

450 Entrevistador:...oia que jóia.

Sr. Guedes: Ai quando foi naquele tempo de concursar todo mundo só era concursado ai eu perdi.

Entrevistador: Entendi.

455 Sr. Guedes:mas fiquei vendendo doce, ai o que é que acontece ai eu fui desenrolando em entender o que é coisa judicial.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Eu tenho amigo que hoje cobra porque eu não apareço que tá lá no fórum federal,

Entrevistador: Ha, ha.

460 Sr. Guedes: Eu não apareço lá, eu apareci uma vez sá, foi uma cobrança tão grande venha aqui, venha aqui, ai eu fui aprendendo que é coisa judicial, ai isso foi a parte que me levou a lutar pela causa aqui, porque sabe o que aconteceu..

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: O oficial de justiça trazia o mandado.

465 Entrevistador: Sei.

Sr. Guedes:...o ofício no caso que ainda era ofício, porque mandato é quando vem pra derrubar, era só ofício..

Entrevistador: Sim.

Sr. Guedes: Povo jogava fora lá no início.

470 Entrevistador: Quem era que jogava sabe o nome?

Sr. Guedes:...rapaz, naquelas oficinas pra lá, sem lá quem jogava, sei que chegava lá e jogavam fora, não tinham conhecimento e foi Deus que livrou a gente que quando o camarada veio num espaço bem pequenininho pra agir tão tal que o oficial de justiça disse eu vim aqui pra derrubar umas casas mas tem uma cidade ai me

475 chamou e disse fogo na rua.

Sr. Guedes: Entendi.

Sr. Guedes:...ainda discuti com repórter com uma série de coisas.

Entrevistador: Foi mesmo foi?

480 Sr. Guedes: Uma série de coisas foi, depois daí por diante eu comecei aí o que é que acontece por que o Paulo.

Entrevistador: ... e alguém ajuda aqui de dentro.

Sr. Guedes: Não por causa desse termo de assim né eu cheguei a um ponto que eu fiquei só com eles ao lado mas só pra resolver..

Entrevistador: ...Entendi e botaram nas suas costas.

485 Sr. Guedes: Não é que botaram é que eu vi que.

Entrevistador: Não ia.

Sr. Guedes: Não ia e um certo cidadão daqui mesmo, um cidadão um poquinho mais assim, ele disse pra mim uma coisa assim interessante, isso serve pra nossa vida ..

Entrevistador: Han, han.

490 Sr. Guedes: Cuidado pra não levar alguém pra não se contradizer com você na hora de falar e o primeiro que foi no gabinete desse deputado mesmo ai na frente do advogado se contradizendo, na prefeitura do mesmo jeito foi obrigado alguém beliscar o camarada.

Entrevistador: Como é o nome dele?

495 Sr. Guedes: Ele mora é conhecido como Moreira, eu chamo de Moura e mas mora na outra rua de lá.

Entrevistador: Sei.

Sr. Guedes: Dai por diante eu fui ficando desgostoso em querer fazer as reuniões..ele era o meu vice.

500 Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: ...e o próprio Viola, o próprio viola ele é meio assim, parece que é meio adoentado sabe, era um dos mais próximos e de frente da associação.

Sr. Guedes: Ai quando eu fui vendo isso ai eu não fui dando força.

Entrevistador: Adoentado de que? O senhor acha que ele é.

505 Sr. Guedes: Rapaz ele tem problema psicológico eu acho, sei lá, ele foi cobrador de ônibus, foi assaltado, aquele negócio todo....

Entrevistador: Sei.

Sr. Guedes: Negocio todo...ai vc encontra ele ele todo meio assim, ele passa aqui eu digo José Roberto, que o nome dele é José Roberto, ele ai ele Dr. Mario Guedes, aquele negócio todo sabe, só que é assim ligeiro, já vai passando, sabe.

510

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: De vez em quando assim a gente começa a conversar com ele parece aqueles camaradas assim que lombrado..

Entrevistador: Eita Jesus.

515 Sr. Guedes: É vive assim não sei se é sedado de remédio.

Entrevistador: Entendi, pode ser né?

Sr. Guedes: Ai essas coisas foi me distanciando e eu fiquei, hoje, eu faço parte do conselho de associações todinhas da região, através de um amigo meu que ele é o presidente.

520 Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ele é muito meu amigo, ele também era da igreja, mas ta meio frio e tudo mundo..

Entrevistador: qual é a igreja que o senhor frequenta?

Sr. Guedes: Assembléia.

525 Entrevistador: É aqui mesmo no.....?

Sr. Guedes: Não. Eu frequento lá onde eu morava lá na, hoje é outro bairro chã de jaqueira e outro bairro..

Entrevistador: Qual é o bairro? chã da jaqueira.

Sr. Guedes: Aqui é um bairro totalmente diferente. Chã de jaqueira é outro bairro.

530 Entrevistador: Muita gente veio, nun foi da chã, da jaqueira pra...

Sr. Guedes: Quase todos. Só que esse pessoal alguma que viero era aquele pessoal que ficava mais nas grotas.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ai por isso que é assim eu aprendi..

535 Entrevistador: A maioria das pessoas que vieram foi da chã da jaqueira num foi?

Sr. Guedes: Foi.

Entrevistador: E os outros vieram de onde, o senhor sabe?

Sr. Guedes: Não porque hoje na verdade aqui a maioria das pessoas quase tudo são que comprou, vem do interior, de todo lugar.

540 Entrevistador: E foi? E tem pouca gente é que invadiu?

Sr. Guedes: Quase ninguém mais da invasão.

Entrevistador: O viola é da invasão né?

Sr. Guedes: O viola, tem o Genilso aqui que é meu vizinho aqui que agora lá na frente, logo no início, pronto ele é o bom pra conversar isso ai....

545 Entrevistador: E é? Eu vou conversar com ele vou até anotar o nome dele aqui.

Sr. Guedes: Agora se você me perguntar aonde é eu não sei não mas parece que é a terceira ou quarta casa, vindo de lá pra cá contando com o prédio grandão.

Entrevistador: Outro dia o senhor me leva lá.

Sr. Guedes: Levo.

550 Entrevistador: He, he , he, ai o Genilso também foi da invasão né seu Guedes?

Sr. Guedes: Foi, foi da invasão o Genilso foi do início, tem a foto do jornal que ele com a cama na cabeça assim oia, risos.

Entrevistador: Eita Jesus amado.

555 Sr. Guedes: Diz que na hora que foi derrubar assim ele ficou na frente do bope assim e ficou de joelho, não é crente não, mas ficou lá de joelho lá, e chorava que nem uma criança lá e disse que foi o canal pra parar oia.

Entrevistador: Foi mesmo foi? Ai tem muita gente hoje que já não é daquela época?

Sr. Guedes: Tem quase todos, ele mesmo só tem 6 meses que mora aqui.

Entrevistador: Eita, novinho, risos.

560 Sr. Antônio: É.

Sr. Guedes: Muita gente, tem o irmão Evaristo né.

Entrevistador: O irmão Evaristo é da invasão é?

Sr. Guedes: É.

Entrevistador: Vou até copiar o nome dele.

565 Sr. Guedes: É da invasão o irmão Evaristo só que ele não participou do pega pega não, assim que ele já ganhou depois o terreno sabe.

Entrevistador: Ah, entendi.

Sr. Guedes: O camarada que era o chefe aqui, o líder..

Entrevistador: Como é o nome desse homem?

570 Sr. Guedes: Foi assim o irmão Evaristo convive....com a mãe dele muitos anos..

Entrevistador: Como é o nome dele?

Sr. Guedes: Josélito, inclusive ele é o réu no processo.

Entrevistador: E é?

575 Sr. Guedes: É. Ele foi candidato a vereador e tudo, mas hoje ele quis teve uns dias que ele, quando eu já ganhei pra ser presidente ai ele não aceitou não.

Entrevistador: Por que?

580 Sr. Guedes: Ai a esposa veio até falar comigo eu disse oia eu não tô preocupado em ser presidente de nada não eu só quero garantir a minha moradia que é a única coisa que eu tenho hoje eu quero me juntar a qualquer um. Ainda torceu o olho, mas ele não tem comunicação com as pessoas.

Entrevistador: Entendi.

585 Sr. Guedes: Teve uma época que a gente foi arrumar um dinheiro ai pra um advogado ai ele comeu esse dinheiro todo mundo sabe que ele comeu o dinheiro e não deu o advogado e ainda ficou maltratando as pessoas quem desse menos que a quantia que ele queria era pra botar não sei aonde ele disse.

Entrevistador: Esse Evaristo foi quem fez essa invasão foi? Como foi isso?

Sr. Guedes: Não. Esse Zelito.

Entrevistador: Zelito, desculpe..

Sr. Guedes: Ah, tem muita gente, tem polícia, tem tudo nesse meio ai.

590 Entrevistador: Da invasão?

Sr. Guedes: Invadiro.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ta entendendo?

Entrevistador: Esse Zelito é o que?

- 595 Sr. Guedes: Esse Zelito, esse Zelito é rico minha filha. No início eu pensei que ele era bom, mas parece que ele entendeu agora e abriu mão deixou eu de frente e dando graças a Deus. É assim quem invade não pode ser bom. No início da caminhada eu achava que era bom estava ao lado dele, depois aí descobri que não era bom. Quando construiu aquela igreja ali, da quadrangular eu fiquei tão alegre
- 600 pensei que era bom, mas depois eu descobri que não é bom.
Entrevistador: E de quem é a quadrangular?
Sr. Guedes: É do João Luiz.
Entrevistador: Não conheço não.
Sr. Guedes: Oxe, o pastor João Luiz não conhece não que ele é vereador o homi.
- 605 Entrevistador: Eita, sei não, oia.
Sr. Guedes: Sabe não é?
Entrevistador: Sei não. Ele é o pastor dessa quadrangular é?
Sr. Guedes: Ele é o presidente aqui no estado de Alagoas.
Entrevistador: Ah, sim. Não eu tô perguntando de quem é essa quadrangular?
- 610 Sr. Guedes: Ele. A quadrangular é um ministério.
Entrevistador: E quem é que gere esse ministério?
Sr. Guedes: Nessa ai é o Ademir.
Entrevistador: Ele mora aqui também?
Sr. Guedes: Mora não.
- 615 Entrevistador: Mora não?
Sr. Guedes: Mora não. Ai eu achava que essas coisas era boa, mas não é até porque quem atrapalhou mais com a questão da CEAL brigar com essas pessoas que morava desse lado de lá que invadiu mais pra cá sabe, aqui a gente tá legalizado pela CEAL na distância do fio.
- 620 Entrevistador: Entendi.
Sr. Guedes: Ai, é uma série de coisas ai com esse pessoal que invadiu. Eu sou do início, mas não sou o contador da história daqui mesmo completa não.
Entrevistador: Sei. Ai esse Zelito foi o que..foi o que ele fez, ele tem o que aqui?
Sr. Guedes: A primeira casa que lá você ver lá que é uma galeria.
- 625 Entrevistador: É dele é? Ele não mora aqui não também?
Sr. Guedes: Não.
Entrevistador: Ai ele é bem de vida é?
Sr. Guedes: Ai você vem mais pra cá e ver uma oficina com o nome RETOCAR um prédio bem grandão.
- 630 Entrevistador: Ai ele é bem de vida esse Zelito é?
Sr. Guedes: Oxe, risos.
Entrevistador: Ele mora aonde, me conte (risos).
Sr. Guedes: Ele mora no bairro do chã de jaqueira.
Entrevistador: Na chã de Jaqueira também..
- 635 Sr. Guedes: Não, já pertence ao bairro aqui, só que mais abaixo..
Entrevistador: Ah, sim, é perto de chã de jaqueira, então a casa dele....
Sr. Guedes: Ai isso ai atrapalha sabe, eu não sabia no início.
Entrevistador: Ai foi ele que chamou o povo pra vir pra cá?
Sr. Guedes: Eu não sei não, essa história ai, só quem sabe o Viola, o Genilso sabe.
- 640 Entrevistador: Vou conversar com o Viola.
Sr. Guedes: Sempre. O Viola não é bom ir não, era bom se a gente pegasse o Genilso ali, antes dele tomar umas duas.
Entrevistador: Eita Jesus. Tem muita gente é que bebe aqui.
Sr. Guedes: Tem, risos, tem, mas tem muitos crentes graças a Deus.

- 645 Entrevistador: Amem.
 Sr. Guedes: Agora mesmo tá construindo outra igreja ali da assembléia de Deus...
 Entrevistador: Da missão é?
 Sr. Guedes: É. A Tua é missão é?
 Entrevistador: Não sou não.
- 650 Sr. Guedes: Tu é o que?
 Entrevistador: Eu sou comunidade evangélica Deus Vivo, é uma vertente que veio da nova vida, não sei se o senhor conhece a nova vida.
 Sr. Guedes: Conheço. É do pastor Nairo.
 Entrevistador: É pastor nairo é.
- 655 Sr. Guedes: Eu encontro ele quase todos os dias ai no colégio.
 Entrevistador: E é? Que jóia. Pronto, a minha pastora...
 Sr. Guedes: Só que ele não tem mais na nova vida e não tá com vocês está?
 Entrevistador: Não. O pastor Nairo tá na nova vida.
 Sr. Guedes: Ainda?
- 660 Entrevistador: Ta. A minha pastora veio da nova vida na época que a nova vida sobreviveu.
 Sr. Guedes: É. Aonde que fizeram? Mais já se escondia um pouquinho mais. Ai é uma congregação só.
 Entrevistador: A minha igreja? A minha igreja tem uma congregação no clima bom e uma no Rio Largo.
- 665 Sr. Guedes: É?
 Entrevistador: É.
 Sr. Guedes: Tu é do Rio Largo ou do clima bom?
 Entrevistador: Não. Eu sou aqui do farol, ali perto da casa vieira que é a sede né, ai eu congrego lá, ai a gente faz uns trabalhos no clima bom e no Rio Largo também.
- 670 Sr. Guedes: É. O pastor Nairo é um home, eu admiro o pastor Nairo.
 Entrevistador: É. É uma ótima pessoa.
 Sr. Guedes: Ele, por falta de condições ele perdeu aquele programa que ele fazia toda de manhãzinha né?
- 675 Entrevistador: E foi? E por que? Na verdade eu tenho 6 anos de crente daí eu não conheço.
 Sr. Guedes: Ele fazia um programa, fazia um programa, um programa que eu assistia toda de manhãzinha eu acordava...
 Entrevistador: E era na farol era?
- 680 Sr. Guedes: Não, não, farol não, na televisão.
 Entrevistador: E era na TV?
 Sr. Guedes: Na globo mais.
 Entrevistador: Rapaz, nunca eu soubesse, nunca que eu soubesse disso e o pastor Nairo vai direto lá na igreja.
- 685 Sr. Guedes: Meu Deus era na Globo? Bom, não me pergunte em qual era dos canais, eu sei que era nos canais atuais da nossa televisão.
 Entrevistador: sei.
 Sr. Guedes: Da nossa televisão alagoana.
 Entrevistador: Era na farol? Na farol não desculpa. Eita meu Deus como era o nome daquela TV..Rede....lembro não. Era uma que era de crente, toda de crene não?
- 690 Sr. Guedes: Não. Era uma das atuais nossa aqui do estado de alagoas. De crente o que?
 Entrevistador: E era. TNH1 não?

- Sr. Guedes: Não. Oh, oh mulher esse TNH1 é coisa nova. Essa coisa lá do início da
 695 minha fé que era apaixonado.
 Entrevistador: Entendi. Tem quantos anos que o senhor é evangélico?
 Sr. Guedes: Rapaz eu tô caminhando pra 17 anos agora em novembro.
 Entrevistador: Glória a Deus.
 Sr. Guedes: É.
- 700 Entrevistador: Ou seu Guedes ai teve esse Zelito que ajudou aqui foi, Ajudou no
 comecinho?
 Sr. Guedes: Não. Ele no início assim ele por ser um representante assim, inclusive o
 processo é no nome dele.
 Entrevistador: E é?
- 705 Sr. Guedes: É. Ele é o réu.
 Entrevistador: Só ele é o réu é?
 Sr. Guedes: É. porque eu tô procurando aqui os papéis e não tô encontrando pra
 você dar uma olhada.
 Entrevistador: Ele nem aqui mora né?
- 710 Um pessoa que chegou: Antônio,
 Antônio: Oi. Eu tã aqui resolvendo um negócio.
 Sr. Guedes: Diga a ele ai que tá me ajudando, diga a ele ai. Diga a ela assim qua
 aqui é também interessante também, diga a ela.
 Sr. Antônio: Eu chego já lá.
- 715 Sr. Guedes: Rapaz cadê aqueles papéis agora aqui rapaz a gente agora tá sofrendo
 muito é com a poeira tá sabendo né, como é que é..
 Entrevistador: É.
 Sr. Guedes: Achei.
 Sr. Antônio: Ele tá resolvendo ai um negócio.
- 720 Entrevistador: Tudo jóia?
 Sr. Guedes: Vou puxar, eu vou puxar o documento dele, dele ai, mas tã vendo logo
 uma coisa aqui junto com ela. Vou se isso aqui já é o que tá arquivado
 definitivamente.
 Entrevistador: Ah, sim.
- 725 Sr. Guedes: Deixe eu ver aqui, deixe-me ver.
 Sr. Antônio: Ah é. Diga a ele que eu chego já lá. Daqui a pouco.
 Entrevistador: Ou seu Guedes agora foi o senhor agora que tomou a frente nessas
 questões agora com esse político?
- 730 Sr. Guedes: A Sueli, essa Sueli sabe tem sido uma pessoa muito importante pra
 gente aqui.
 Entrevistador: Como foi que o senhor conheceu ela?
 Sr. Guedes: Não. Foi assim, quando ela soube dessa situação, a situação chamou a
 atenção ..
 Entrevistador: Entendi.
- 735 Sr. Guedes: Por televisão e tudo.
 Entrevistador: Entendi.
 Sr. Guedes: Ai chega chaga ai com os dias contados, ai chamou a atenção né, ai o
 que aconteceu ai ele é meio.., homi, deixe eu dar um termo pra ele, um adjetivo pra
 ele.
- 740 Entrevistador: Para a Sueli ou para o Zelito ou?
 Sr. Guedes: Para o Zelito, ele é meio cabeça dura que esse é o nosso linguajar
 nordestino popular para esse tipo de gente.
 Entrevistador: Hum, hum.

- 745 Sr. Guedes: Até hoje ele não nunca quis se aliar, mas se não fosse a turma da Sueli
nóis tinha, por ele a gente tinha fogo não, as atitudes era o contrário, a atitude dele
era essa era a gente não botava fogo na rua e a gente ir lá na CEAL amanhecer o
dia lá derrubar o portão dela e amanhecer o dia lá, repara só, que ideia dele. Ele
falava algumas palavras que sai fora assim... chegava lá o pessoal fazer cocô lá por
750 pra fazer cocô lá dentro mesmo assim, sujar as paredes, tudo, num sei o que...ele já
achava que ele por se um cabra assim mais fortinho que eu ele achava que ia ser
um Hércules da vida.
Entrevistador: Entendi.
- 755 Sr. Guedes: Mas não é assim a coisa. Aí a Sueli viu esse pessoal vir, a Sueli é assim
ela pega uma notícia no face ela cai em cima na hora, esse camarada ai ela
conseguiu pelo face, esse deputado.
Entrevistador: Essa Sueli é o que?
- Sr. Guedes: Ela fazia parte duma ai de uma ONG de uma ONG, forte ai, no Rio de
Janeiro, todo canto ai.
- 760 Entrevistador: A respeito de moradia é?
- Sr. Guedes: Tudo o que você imaginar que for contra o ser humano.
Entrevistador: Ah, entendi.
- Sr. Guedes: Se for uma coisa desumana elas entravam em ação..
Entrevistador: Entendi.
- 765 Sr. Guedes: Foi assim que aconteceu. Quando ela viu que soube ai ela entrou em
ação e ela quem ajudou parar. É porque tá meio apagado aqui, mas aqui ainda tem
o nome dele, aqui, oi, como réu.
Entrevistador: O Zelito é?
- Sr. Guedes: O réu do processo Zelito.
- 770 Entrevistador: Entendi.
- Sr. Guedes: Ai.
- Entrevistador: Joselito da Silva.
- Sr. Guedes: É. O que acontece ai ela entrou em ação.
- Entrevistador: Ai o Zelito nem aqui mora né?
- 775 Sr. Antônio: Risos.
- Sr. Guedes: Ai quando chegou lá ele não souberam se pronunciar, se não fosse
esse povo que vieram dessa ONG que entrou uma mulher que disse quem a mulher
era e um camarada lá, inclusive eu vi ai vinha da ditadura já ele.
Entrevistador: Eita.
- 780 Sr. Guedes: Ai.
- [Suprimido pelo autor a pedido do entrevistado]
- Entrevistador: E esse pessoal também mora aqui né?
- Sr. Guedes: Esse negócio da invasão eu não acompanhei não.
- Entrevistador: Entendi. Mas esse pessoal que veio com o Zelito também não mora
785 mais aqui não né?
- Sr. Guedes: Não. A maioria não.
- Entrevistador: Eles lotearam e venderam foi, os terrenos?
- Sr. Guedes: Foi. Alguns conseguiram fazer alicerce e foi vender depois.
- Entrevistador: Entendi.
- 790 Sr. Guedes: Ele mesmo construiu, não ele ainda continua sendo o dono la.
- Entrevistador: Das galerias né, ele aluga é?
- Sr. Guedes: Agora eu tinha uma casa vizinho aqui com a dele ele vendeu.
- Entrevistador: Ele aluga as galerias é?

Sr. Guedes: É.

795 Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Viu ainda ontem eu fui dar uma olhada legal no negócio..

Entrevistador: E é?

Sr. Guedes: É. Ai sei que eu não acompanhei bem isso não, eu não tinha noção disso não, eu ainda tava muito pacato aqui em Maceió, tinha vindo do interior.

800 Entrevistador: E foi? O senhor veio de que interior?

Sr. Guedes: Eu vim lá de São Miguel dos Campos mas me criei mesmo dentro de uma usina lá.

Entrevistador: E como é o nome da usina?

Sr. Guedes: Usina sinibu.

805 Entrevistador: Sinibu. Meu sogro trabalhou lá na sinibu.

Sr. Guedes: Repara só que coincidência.as coisas.

Entrevistador: Já pensou.

Sr. Guedes: As coisas vai se encaixando.

Entrevistador: Meu sogro ele é...

810 Sr. Guedes: Quem é o seu sogro?

Entrevistador: Ele é engenheiro agrônomo.

Sr. Guedes: Mas como é o nome dele?

Entrevistador:Gonçalves. Ele trabalhou já em um bocado de usina.

Sr. Guedes: Mas acho que ele já foi lá.

815 Entrevistador: Mas hoje ele não trabalha mais não.

Sr. Guedes: Mas acho que ele não foi do meu tempo não.

Entrevistador: Ele trabalhou na laginha. Trabalhou na Coruripe, em um bocado de usina.

Sr. Guedes: Gonçalves, Gonçalves, tem assim um nomezinho?

820 Entrevistador: Gonçalves Correia. Ele trabalhava mais com a parte de gado, vende de, ele trabalhava com gado.

Sr. Guedes: Quando eu sai da sinibu, a sinibu tava com aquele negócio de gado, tava bem extinto.

Entrevistador: Ah, não. Ele já devia ta em outra.

825 Sr. Guedes: Não, mas pere ai deixe eu dizer tem 24 anos que eu sai de lá, eu não sei se...

Entrevistador: Eu acho que ele não devia tá lá ainda não, já devia estar em outra. Acho que ele é recente.

Sr. Guedes: Ele foi depois no caso..

830 Entrevistador: Acho que sim, que ele veio de Pernambuco também..

Sr. Guedes: E eu num...

Entrevistador: Ou, seu Guedes, ai o senhor veio da sinibu foi, o senhor foi criado na sinibu?

Sr. Guedes: Sai de lá com 28 anos pra aqui.

835 Entrevistador: Ai vinhesse pra cá pra onde em?

Sr. Guedes: Pra jaqueira.

Entrevistador: Vinhesse atrás de que rapaz?

Sr. Guedes: Não eu...

Entrevistador: Vinhesse mais quem?

840 Sr. Guedes: Eu e minha esposa e meus filhos.

Entrevistador: Ah, o senhor já tava casado foi?

Sr. Guedes: Oxe, assim que eu, em, com 17 anos, 18 e meio a minha mais velha já tava nascendo.

Entrevistador: Oia, ai o senhor veio atrás de emprego foi. Como foi?

845 Sr. Guedes: Não. Assim, eu trabalhava lá e tinha uma profissão, a mesma profissão do presidente **Lula** né? ainda vou ser presidente também viu.

Entrevistador: Ah, é, é?

Sr. Guedes: É. Por isso que eu to com esse negócio de comunidade aqui porque vou ser presidente.

850 Entrevistador: Risos. Ah, é? Muito bem bote quente.

Sr. Guedes: A mesma profissão do presidente Lula, eu trabalhava de torneiro mecânico na época.

Entrevistador: Sei.

855 Sr. Guedes: E como eu trabalhava numa usina, eu sempre assim , com esse espírito curioso, eu tinha um chefe que é assim, eu sou um tipo de camarada que defende as duas teses e teórica e a prática.

Entrevistador: Certo.

Sr. Guedes: E como você falou você ta fazendo a teórica mas você não tem o conhecimento de...

860 Entrevistador: É.

Sr. Guedes:...de causa.

Entrevistador: Sim.

865 Sr. Guedes: Ai é assim, eu sempre fui um sujeito que defende as duas teses, ai eu tinha um chefe que conhecia os dois lados da moeda, ai ele mesmo se interessou de me ensinar, porque eu dizia a ele eu não vou morrer aqui, eu quero conhecer outro lugar, só que quando eu cheguei aqui em Maceió queria conhecer outros lugares e não sai mais.

Entrevistador: * ah, entendi.

870 SR. GUEDES: *ai quando eu cheguei aqui.. ele começou dizer ai quando ele me preparou ele disse agora você trabalha em qualquer empresa que você for agora, mecânica pesada. Foi de jeito que eu só queria trabalhar nessas grandonas.

Entrevistador: Entendo.

Sr. Guedes: Queria pequena não, trabalhei em algumas pequena porque fui forçado.

Entrevistador: Risos.

875 Sr. Guedes: Ai eu disse ta certo. Trabalhei na ENCOPEÇA que na época tava no auge, só era 3 que era potente mesmo eu consegui trabalhar ai, primeiro eu comecei na ENCOPEÇA , da ENCOPEÇA, depois fui pra mecânica pesada quase todo o meu tempo de trabalho foi lá, trabalhei 3 vezes...

Entrevistador: E foi? que bom!

880 Sr. Guedes: Queria encerrar a carreira com o POLO, com a SALGEMA e consegui.

Entrevistador: E foi seu Guedes, que jóia não é?

Sr. Guedes: Foi. Ai eu tinha essa profissão por causa disso. Então que pena que essa profissão tenha acabado.

Entrevistador: É verdade.

885 Sr. Guedes: Ela tá ficando extinta. É na empresa mesmo que eu fui umas duas semanas atrás na empresa eu fiquei meio triste porque a profissão que eu me orgulho muito da minha profissão.

Entrevistador: Ai hoje o senhor faz transporte de crianças é?

890 Sr. Guedes: Transporte de crianças, formato computador, dou manutenção em computador, ai aparece dinheiro para comprar um pão e assim vai.

Sr. Antônio: Hun, Hun,

Entrevistador: E a sua senhora trabalha só em casa mesmo?

- Sr. Guedes: A minha senhora eu, assim, ela não conquistou **espaço melhor**, ficou trabalhando só em casa e nem gosto, nunca gostei, que ela trabalhasse fora que ela... para trabalhar na cozinha de alguém, eu disse é melhor trabalhar na sua.
- 895 Entrevistador: É verdade. Como o nome da sua senhora. Patrícia é?
- Sr. Guedes: É a dona Maria da Glória e a Fátima é a dele.
- Entrevistador: Patrícia é a sua? Como é?
- Sr. Guedes: Não. Fátima é a dele.
- 900 Entrevistador: Fátima. Sim. Como é o nome?
- Sr. Guedes: A minha é a Dona Maria da Glória.
- Entrevistador: Maria da Glória.
- Sr. Guedes: Ela não quis se especializar em alguma coisa, aí eu disse então fique só cuidando dos meninos mesmo.
- 905 Entrevistador: Já é um trabalhão. HI, HI.
- Sr. Guedes: Risos, e é né?
- Entrevistador: Trabalho grande. Pois tá certo seu Guedes.
- Sr. Guedes: Mas tem uma coisa que a gente conversou tanto e tu não disse o teu nome.
- 910 Entrevistador: Sofia.
- Sr. Guedes: Sofia, e é? Sofia tã com débito com a Sofia, uma menininha que tem na igreja...
- Entrevistador: Oh Jesus.
- Sr. Guedes: ...a minha esposa inventa de ir pra praia e levar ela. Como tá chegando o verão aí chega a cobrança o senhor ainda tá me devendo pra levar pra praia outra vez.
- 915 Entrevistador: Ah, meu Deus.
- Sr. Guedes: Risos.
- Sr. Antônio: Risos.
- 920 Entrevistador: Ah, o senhor tá devendo uma menina. Da próxima vez eu vou lhe cobrar também em favor de outra Sofia. Ou seu Guedes.
- Sr. Guedes: Oi.
- Entrevistador: Deixe eu ver se eu tenho mais alguma pergunta pra fazer pro senhor. Sim, aí a Sueli o senhor ainda não disse como conheceu ela.
- 925 Sr. Guedes: Quem?
- Entrevistador: A Sueli.
- Sr. Guedes: Sim, rapaz, através da ONG.
- Entrevistador: Ela que chegou aqui foi atrás do senhor?
- Sr. Guedes: Ela chegou, eu não cheguei a conhecer não. Ela chegou, aí eu fui informado, quando eu cheguei... eu cheguei na confusão.
- 930 Entrevistador: Entendi.
- Sr. Guedes: Ai. A minha esposa quando você sair daí ela vai me dar um carão tá compreendendo.
- Entrevistador: Essa confusão faz quanto tempo?
- 935 Sr. Guedes: Ah, eu já tenho 2 anos que moro aqui, foi na minha chegada.
- Entrevistador: Entendi.
- Sr. Guedes: Tenho 2 anos e alguns meses.
- Entrevistador: Entendi.
- Sr. Guedes: Aqui morava uma menina que namorava com o meu irmão.
- 940 Entrevistador: Hum.
- Sr. Guedes: Aí, a gente, eu tava..pagava aluguel, aí a minha filha mais velha...aí a gente chamava a minha esposa, também a pessoa mulher, a gente nunca morou

numa casa para construir..ai assim... a gente fica acomodado não tem aquela idéia, a casa não tava pronta...eu acho que ela também sentia dificuldade de sair da casa que tava pronta pra vir pra uma casa que tava assim. Ai ela ficava não. Ai depois a minha filha junto comigo ...aconteceu um lance la do camarada que alugava a casa la, ai ela tomou a decisão..não.. vamos embora pra casa mesmo. Quando eu vim pedir a casa a minha cunhada..não, a minha cunhada não..ela só namorou só com o meu irmão, hoje nem namora mais.

Entrevistador: Hum.

Sr. Guedes: Ai o que acontece..no dia que eu tomei a decisão de vir pedir a casa, primeiro eu fui no Bompreço, passei direto ao Bompreço pagar o extrato do Bompreço, ai de volta que eu vinha certo pra pedir a casa a ela..ai quando eu cheguei eu encontrei a confusão.

Entrevistador: Mas, essa casa era da sua cunhada, do seu irmão?

Sr. Guedes: Não. A casa era do meu filho que eu comprei a ele.

Entrevistador: E essa casa da cunhada é outra é?

Sr. Guedes: Não. Ela morava aqui. Ela, ela. O meu irmão falou comigo pra ela passar uns dias aqui, assim, parece que a mãe dela parece que faleceu, ai ele pediu assim pra ela passar uns dias aqui..ela pagava aluguel.

Entrevistador: Ah, entendi.

Sr. Guedes: Eu estava pagando aluguel também. O aluguel dela não cobria o meu e o camarada queria aumentar aí quando ele aumentou, ele veio com uma ideia, nós morava há 6 anos na casa, e ele veio com a ideia.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: No contrato lá pra assinar..uma série de coisas.

Entrevistador: Lá na Jaqueira foi?

Sr. Guedes: Sim. Ai eu não ...não sei se foi porque a gente reivindicou umas portas dos quartos que não tava bem, tava aqueles buracos lá e juntando barata que só e tal, ai nessa hora ele veio com a ideia lá e ninguém gostou em casa ai a gente tomou a decisão ai quando eu vim, foi nessa história, foi confusão.

Entrevistador: Foi no dia da confusão foi?

Sr. Guedes: Foi. Eu passei para o Bompreço e não tinha nada, por volta dessas horas mesmo, quando eu volto de lá que o carro....que eu vim com o carro, cheio de gente e polícia ai disse que é isso..

Entrevistador: Vige Jesus.

Sr. Guedes: Curioso, eu parei o carro aqui ligeiro aqui, ai fui pronto, ai foi o Moura eu já tinha conhecimento com o Moura antigo, a gente trabalhou pro lado da ponta verde lá, a gente andava se conhecemo no ônibus.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Eu disse: Moura, Moura quer isso ai? Ele disse: oxe, oi ai o oficial de justiça ai com uma ordem pra derrubar. Ai...

Entrevistador: Entendi. Esse Moura foi da invasão não?

Sr. Guedes: Quem?

Entrevistador: O Moura.

Sr. Guedes: Não, não. Ele é recente também aqui, mas ele chegou primeiro do que eu.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ai eu disse : o que rapaz? Ele disse: serio. Ai o camarada conversando eu fui me aproximando, deu vontade, ai ele olhou assim, eu não sei se ele me reconheceu durante o período que eu passei no ministério, só sei que quando ele olhou assim deu aquele...fez ar de riso e saiu do meio das pessoas e me chamou.

Entrevistador: Quer isso em?

995 Sr. Guedes: Ai pronto ai começou a história, o fogo, o fogo, o fogo chamou atenção, você sabe disso.

Entrevistador: É sim.

Sr. Guedes: Ai vem televisão, vem rádio, vem tudo ai começa o comentário... a televisão, aquele negócio todo e ai.

Entrevistador: E o senhor nem morava aqui ainda né seu Guedes na época do fogo.

1000 Sr. Guedes: Não. No dia mulher, no dia que eu vim, no outro dia, eu orientei o povo em botar fogo .

Entrevistador: No dia que o Senhor já veio de vez. Entendi. Foi.

Sr. Guedes: Tá entendendo? Ai chega derruba hoje, derruba amanhã, ai sempre deu o prazo.

1005 Entrevistador: E o Zelito que ia lá pra CEAL?

Sr. Guedes: Não. Porque é assim. é ..não tinha botado fogo ele tinha prazo pra derrubar.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Guedes: Ai depois do fogo teve outro prazo, num terminou não.

1010 Entrevistador: E foi?

Sr. Guedes: Teve outro prazo.

Entrevistador: Entendi.

1015 Sr. Guedes: Ai foi ai que rolou uma série de histórias ai que tem hora né sai da minha mente. Ai aconteceu botou o fogo e parou foi então ai, através de reportagens e tanta coisa ai que apareceu a Sueli com essa história que eu falei dessa ONG.

Entrevistador: Ah, entendi.

Sr. Guedes: Que trabalhava em benefício de pessoas que eles viam que tava faltando com o respeito viu.

Entrevistador: Entendi, entendi.

1020 Sr. Guedes: Ai ela apareceu e quando ela apareceu ai..

Entrevistador: E ela foi?

Sr. Guedes: Ela foi pra CEAL na confusão ela foi logo..e quando chegou lá ...ai não fui não por causa desse trabalho, as vezes eu não vou, eu não pude ir, ai foi o Viola, foi uma turma, o Zelito foi, a Sueli foi, ela veio aqui, entrou na grota e tudo eu nem vi..

1025 Entrevistador: E foi?

Sr. Guedes: Eu sei que foi. Ai quem era essa irmã aqui que era o pivô.

Entrevistador: Como é o nome dela?

Sr. Guedes: A irmã Talma, Talma ou Telma..

1030 Entrevistador: A que querem tirar ela né?

Sr. Guedes: Não. É um grandão ai que tem um sítio nesse casarão logo aqui.

Entrevistador: E ela era o pivô de que o senhor tá dizendo?

1035 Sr. Guedes: Ela era um dos pivôs..assim.. ao lado do Zelito e tudo e quando chegou lá o povo querendo ajudar e o Zelito não quis e tudo, mas se não fosse...o Viola sabe..agora essa história ai o Viola sabe contar.

Entrevistador: Hun, hun.

Sr. Guedes: Ai se não fosse esse pessoal ai da ONG que entrasse que tivesse..

Entrevistador: Entendi.

1040 Sr. Guedes: Um diálogo bem melhor, com o pessoal lá não tinha parado não. O Zelito queria na força achava que ele resolvia e não queria e foi ai, foi quando esse pessoal começou a vim visitar a gente, prof. Augusto, todo mundo.

Entrevistador: Entendi, entendi.

Sr. Guedes: Sugeriu que tem que fazer uma associação urgente, tem que ter não sei o que, ai aquele negócio vai não vai e chega e pensaram que não juntaram ...ai
1045 disse quem é o líder? Quem é o líder, ai ninguém se prontificava e eu lá calado assim...ai um dizia rapaz aqui só tem uma pessoa que deveria ser o líder ai seu Guedes, seu Guedes, seu Guedes e eu negando. Ai foi que a Sueli com a turma dela conversou comigo convenceu, ai me convenceu, ai eu disse ta certo faça a eleição, ai eu ganhei, eu ganhei. Ai dai surgiu essa história deu ser o representante
1050 daqui. Aqui o pessoal pergunta, alguns ainda que entende perguntando em quem deveria votar, esse negócio todo, mas tem outros que não entende a gente ta conversando aqui agora...ai tem pessoas ai.....eu ia arrumar uma máquina para arrumar a rua enquanto a prefeitura dar um jeito ai.....parado ai, ai é meio complicado assim, agora eu me dou com todo mundo sabe, levo tudo direitinho
1055 assim..não desisto.
Entrevistador: Hum, hum.
Sr. Guedes: Sempre eu vou lutar pela melhora disso aqui, não vou desistir nunca.
Entrevistador: Amem. Seu Guedes, obrigada viu pela sua história, han, ham. Outro dia eu venho ai pra gente conversar mais. Eu atrapalhei muito vocês não foi?
1060 (Fim de gravação)

APENDICE E – ENTREVISTA DOMICÍLIO 27B

ENTREVISTA REALIZADA EM: 05.09.14

INFORMANTE: ARNALDO VIEIRA DOS SANTOS

5 CONTATO: 8867-4963

CASA: 27B

Entrevistador: Deixe eu perguntar aqui.

Cidadão 1: Quer saber da vida dos outros é?

10 Entrevistador: Oi misericórdia. Deixe eu perguntar as coisas o seu Arnaldo a respeito do da invasão.

Cidadão 1: Pode perguntar minha filha, fique à vontade, fique à vontade. Oia eu vou ai no banheiro.

Sr. Evaristo: Risos. Pode entrar as direita.

15 Entrevistador: Risos. Ta certo. Ou seu Arnaldo. Seu Arnaldo né?

Cidadão 1: Pode descasca-lo ai que ele é bom.

Entrevistador: Vou descasca-lo aqui se Deus quiser. Risos.

Sr. Arnaldo: Oi o Michel, Michel.

Entrevistador: Oh, Jesus é o gato é? Ou seu Arnaldo ai o senhor já tava aqui antes da invasão nera?

20 Sr. Arnaldo: Antes da invasão. Tava com mais ou menos uma ano ou um ano e meio por ai.

Entrevistador: Antes da primeira

Sr. Arnaldo: Antes de todas as invasão daqui.

25 Entrevistador: Certo. Ai ou seu Arnaldo ai..

Sr. Guedes: Viu que foi no começo.

Entrevistador: Foi verdade. Ai o senhor decidiu sair quando casou foi?

Sr. Arnaldo: Foi.

Entrevistador: Ai o senhor foi morar com a sua esposa lá no Juca Sampaio?

30 Sr. Arnaldo: Foi. Poruqe eu morava e trabalhava aqui.

Entrevistador: Entendi.

Sr. Arnaldo: Ai ela queria vim morar aqui e tinha uma casa no Juca Sampaio eu fui pra lá.

Entrevistador: Entendi. Pro senhor o que o senhor achou da invasão? O senhor achou boa?

35 Sr. Arnaldo: Foi boa, porque todo processo de invasão tem o seguinte: tanto vem gente que presta como vem o que não presta também. É que nem enxorrada.

Entrevistador: Risos. Entendi.

Sr. Arnaldo: Trás água boa e trás a também lama que vai passando por ela. Mesmo assim a invasão..

40 Entrevistador: Entendi.

Sr. Arnaldo: mas graças a Deus os meu vizinho são...

Entrevistador: Eles tem lhe ajudado a no seu negocio?

Sr. Arnaldo: Olha, não me incomodar já ajuda muito.

45 Entrevistador: Risos.

Sr. Arnaldo: É. Eu penso dessa forma.

Entrevistador: Amém. Não tem ninguém lhe incomodando não então.

Sr. Arnaldo: Não. E não me incomodar já me ajuda muito porque as vezes as pessoas tem aquele tipo de vizinho também que qualquer coisa que a gente vai construir tem gente que se mete né. Não fazendo isso pra mim já ta bom demais.

50

Cidadão 1: Tem um aqui que abusa muito mas só ele, a pessoa dele, a mulher dele.

Entrevistador: Como é o nome dele?

Sr. Arnaldo: Ah, é o Tonho. É.

Cidadão 1: É.

55 Arnaldo: O ah, mas...

Sr. Guedes: Ah, não. Esse aí não me abusa não não, eu tenho eu muitas, as vezes eu fico ali detrás da porta pedindo a Deus misericórdia. É uma casa que não incomoda tanto a gente.

Cidadão 1: É eu converso com ele por aí, quando ele tá bom.

60 Sr. Arnaldo: Aí é perdido.

Entrevistador: Ou Seu Arnaldo e aí quando quando invadiram a primeira vez veio bastante gente pra cá ou como foi?

Sr. Arnaldo: Veio, veio bastante gente.

Entrevistador: Aí, também demoliram foi as casas deles?

65 Sr. Arnaldo: Aí chegaram a demolir algumas porque tinha umas que tavam cadastrada, como eu te disse, na prefeitura.

Entrevistador: Sei. Entendi.

Sr. Arnaldo: Aí, demoliram umas e outras não.

Sr. Guedes: Já vai irmão?

70 Cidadão 2: Deus lhe abençoe minha irmã.

Entrevistador: Amém, em nome de Jesus. Aí a do senhor nunca pensaram em demolir não foi?

Sr. Arnaldo: Não. Porque na época era um sitiozinho aqui a minha era...

Entrevistador: Sei.

75 Sr. Arnaldo: ...só um salãozinho que eu fiz pra trabalhar.

Entrevistador: Sei.

Sr. Arnaldo: Aí o rapaz, que vem do do..., como é que se diz, de é do, o juiz, como é?

Sr. Guedes: Ele ainda precisa contar essa história todinha a mim, ele já contou mais do que eu sei.

80 Sr. Arnaldo: ...do juiz.

Sr. Guedes: O oficial.

Sr. Arnaldo: O oficial de justiça. Aí ele disse o sitiozinho não é pra mexer em nada não..

Entrevistador: Sim.

85 Sr. Arnaldo: Aí já tava com medo porque eu pensei que iam derrubar. O cabra constrói como pobre, constrói a coisa com sacrifício né.

Entrevistador: É.

Sr. Arnaldo: Aí ele disse o sitiozinho não. Aí só derrubar nessa área daqui detrás nessa área que tava construída.

90 Entrevistador: Entendi. E como foi que o senhor ficou sabendo daqui? Quem foi que lhe falou?

Sr. Arnaldo: O que?

Entrevistador: Que tinha esse sitiozinho, como foi que o senhor chegou aqui?

Sr. Arnaldo: Não. Quando eu cheguei era sítio aqui..

95 Entrevistador: Ah, era sítio de quem?

Sr. Arnaldo: Quem tomava de conta era a Lima Araujo que era cercado, era tudo cercado..

Sr. Guedes: Interessante que...

Entrevistador: Entendi.

- 100 Sr. Arnaldo: Ai a gente não adiantou a casa porque a Lima Araujo não permitia não .
Ai depois que ele vendeu ai foi quando ele disse adiante sua cerca pra ca porque a
gente vendeu que aqui é área verde. Mas quem tomava de conta era a Lima Araujo
e tinha vigia todo dia aqui.
Entrevistador: Entendi.
- 105 Sr. Guedes: Eu queria interromper um pouquinho ai porque me interessa. Arnaldo,
quando derrubaro a primeira vez essa rede já existia não era?
Sr. Arnaldo: Já, já.
Sr. Guedes: Porque essa rede é nova. Essa rede já existia.
Sr. Arnaldo: Não. Essa rede já existia só que era mais pra lá, era por cima da minha
110 casa, do outro lado, não era isso irmão Evaristo?
Sr. Evaristo: Era, era.
Sr. Guedes: Porque ela era nova, era bem pra baixo.
Sr. Arnaldo: Essa rede era nova, era não , é nova, essa rede é nova.
Entrevistador: Ah, entendi. Essa rede era em outro lugar, mais na frente.
- 115 Sr. Arnaldo: Era mais na frente do outro lado.
Entrevistador: Entendi. Dava quantos metros mais ou menos daqui pra lá?
Sr. Arnaldo: Uns 30 metros.
Sr. Guedes: Outra pergunta que agora eu tô...nesse caso isso aqui não foi
derrubado por causa dessa rede não né?
- 120 Sr. Arnaldo: Não. Entrou a petrocinese e a caixa
Sr. Guedes: Ah é isso ai.
Entrevistador: É?
Sr. Arnaldo: Entrou a petrocinese e a caixa. Foi quando..
Sr. Guedes: ta vendo ai, agora tudo se esclarece.
- 125 Sr. Arnaldo: A caixa, o gerente da caixa entrou dizendo porque pensou que ia fazer
uma favela de barraco de lona.
Sr. Evaristo: Foi ai.
Entrevistador: Entendi.
Sr. Arnaldo: Entendeu? Ai depois ficou.. Ai, ai, era a CEAL, a Patrocinese e a caixa,
130 os três órgãos contra a gente aqui.
Entrevistador: Entendi.
Sr. Arnaldo: Ai conseguiram derrubar. Ai saiu a Petrocinese e saiu a caixa..
Entrevistador: A caixa..
Sr. Arnaldo: Ficou só a CEAL, ai ta só a CEAL.
- 135 Entrevistador: Mas saiu também não foi a CEAL?
Sr. Arnaldo: É.
Sr. Guedes: Ta levando é tromba. Risos.
Entrevistador: Glória a Deus.
Sr. Arnaldo: pronto, ai a gente venceu.
- 140 Entrevistador: Entendi.
Sr. Guedes: Derrubaram aquelas duas casas lá do outro lado.
Entrevistador: É o senhor construiu muitas amizades aqui...!?
Sr. Arnaldo: Construi. **Amizade** também a gente também arruma **inimizade** também,
que sempre arruma.
- 145 Entrevistador: É. É claro.
Sr. Arnaldo: Ninguém é perfeito.
Entrevistador: Com certeza. Risos.
Sr. Arnaldo: Eu tenho e **tento sempre ajudar** né. Eu fico eu..
Entrevistador: Como é que o senhor tenta ajudar as pessoas aqui?

- 150 Sr. Arnaldo: Eu fico,eu fico triste..porque as vezes a gente um vizinho vai limpar ou ta rebocando ou ta só...
- Sr. Guedes: Ai, nem devolvi a picareta dele que eu pedi essa semana. Risos.
- Entrevistador: Risos.
- Sr. Arnaldo:...É o vizinho ta só, as vezes eu vejo que ele não tem o ferramenta ai eu
- 155 digo: oh rapaz né, ajudar não, mas a **ferramenta** de você trabalhar eu tenho aqui venha pegar.
- Entrevistador: Sei. Sei. E muita gente lhe ajuda também?
- Sr. Arnaldo: Ajuda...assim deigamos né quecomo eu lhe digo uma coisa as vezes sobra uma massa, que nem o menino **vizinho de frente**, **sobra massa** e diz você
- 160 **precisa** da massa? Dai eu aproveito, entendeu?
- Sr. Guedes: Deus mais tranquilidade a gente.
- Entrevistador: Entendi.
- Sr. Arnaldo: è uma ajuda né. As vezes a gente pede uma **bicicleta** um vizinho pra ir ali comprar um negócio, como eu empresto muito a minha também.
- 165 Entrevistador: Sei.
- Sr. Arnaldo: Só não gosto de emprestar a criança porque perde e o cabra não tem direito nem de reclamar porque emprestou a criança já ta errado.
- Entrevistador: Risos.
- Conversa paralela entre a SOFIA e o GUEDES
- 170 Sr. Guedes: Toda vez que chega assim, tem uma parte assim que eu m...é que eu tive mais contato...quem era meu Deus familiar...
- Entrevistador: A Gabriela?
- Sr. Evaristo: Emprestar o que?
- Sr. Arnaldo: A bicicleta a criança.
- 175 Sr. Evaristo: Quem é?
- Sr. Arnaldo: a criança.
- Sr. Evaristo: Sim. A criança.
- Sr. Arnaldo: Porque as vezes você tem um filho, é de menor, mas e manda pegar a bicicleta la e vai ali no coisa e ai levam, ai eu chego ao senhor....ai você diz quem
- 180 mandou você emprestar e ai pedi.
- Sr. Guedes: Acho que foi.
- Entrevistador: A Gabriela? Acho que era a Gabriela , Mateus, Alisson, Reuel.
- Sr. Arnaldo: Perdi né? não assume o papel.
- Sr. Evaristo: É.
- 185 Sr. Guedes: Acho que era o Matheus . Por esse termo de ajudar...
- Sr. Arnaldo: Porque se for uma filha minha e ela pediu a bicicleta do senhor emprestado e chega la na frente os cabra roubarem ela, se preocupe não que a bicicleta do senhor eu vou lhe dar.
- Sr. Evaristo: É.
- 190 Sr. Guedes: Nesse termo de ajudar a gente se ajuda assim né. Nesses termos assim que ele ta falando. O Evaristo aqui 70 e tantos anos, mas eu não chego nem perto com 50. Ele consegue fazer não sei quantos serviços braçal, então ele é um camarada aqui que ele se ajuda muito.
- Sr. Arnaldo: Ele é abençoado. Ele é um camarada abençoado por Deus porque uma
- 195 pessoa que tem o organismo que ele tem.
- Sr. Guedes: É
- Entrevistador: Risos. Glória a Deus.
- Sr. Guedes: Agora é assim....em termos de ajudar, em termos assim varias pessoas fala e se olha logo pro lado financeiro..

- 200 Entrevistador: Não.
 Sr. Guedes: mas na verdade em termos financeiros a gente não tem como ajudar porque a gente vem de uma classe pobre e pobre não tem.
 Sr. Arnaldo: É não. É.
 Sr. Guedes: Recursos a mais em termos financeiros.
- 205 Entrevistador: Han, Han.
 Sr. Evaristo: A única ajuda que a gente pode dar ao outro é com uma mão de obra.
 Sr. Guedes: Agora em termos de ajuda assim é essa mesmo.
 Sr. Arnaldo: Dar pra receber uma ajuda né. Risos. É
 Sr. Guedes: Agora em termos de mão de obra aqui, o irmão Evaristo é o campeão.
- 210 Risos.
 Sr. Arnaldo: E não é. Ele nunca negou a ninguém não.
 Entrevistador: É mesmo é. Glória a Deus.
 Sr. Guedes: Toda vez que tem uma uma parte que eu era o que tive mais contato. Meu Deus quem era mais familiar.
- 215 Sr. Arnaldo: Assim eu não tenho o que dizer de ninguém não, a única coisa que eu posso de ajuda que me pedem muito...
 Sr. Guedes: É
 Sr. Arnaldo: É as minhas ferramentas porque sabem que eu to lá todos os dias e me pedem e eu não nego.
- 220 Sr. Evaristo: E eu to devendo uma brocazinha que quebrou.
 Entrevistador: Risos.
 Sr. Guedes: Risos. E eu uma picareta.
 Sr. Arnaldo: Agora que eu fico invocado porque muitas vezes eu empresto ferramenta minha de trabalho e o pessoal pra me poder me devolver eu tenho que ir
- 225 na casa dele pedir.
 Entrevistador: Risos. Ai é triste.
 Sr. Arnaldo: Ai eu não gosto que quando eu peço a de alguém eu vou...é o tempo.
 Sr. Evaristo: Se serve e entrega né.
 Sr. Arnaldo: Né. Se sirvo e entrego que é o certo mesmo porque evita já do cara
- 230 ficar com conversinha.
 Entrevistador: Então foi bom né ter esse bocado de gente aqui perto do Senhor né?
 Sr. Arnaldo: Não...foi bom.
 Entrevistador: Porque um ajuda ou outro, o outro.
 Sr. Arnaldo: Ajuda. Sempre olha..
- 235 Sr. Guedes: Ajuda, que é o iniciante no negócio...parece que tem mais outros aí mais lá embaixo.
 Entrevistador: Ah. Porque o Senhor não mora aqui aí o pessoal olha a sua....ah? a sua.
 Sr. Arnaldo: As vezes olha.
- 240 Sr. Guedes: Risos.
 Sr. Arnaldo: As vezes eu saio e deixei os passarinhos lá e as vezes a **vizinha** que passou agora aqui fica dando uma olhada.
 Entrevistador: Han, han. Como é o nome dela?
 Sr. Arnaldo: É eita..Sandra.
- 245 Sr. Guedes: A. A Sandra.
 Entrevistador: Sandra.
 Sr. Arnaldo: Fica dando uma olhada pra mim, tendo isso já é uma ajuda né...
 Entrevistador: Ah, com certeza.

- Sr. Arnaldo: ...já pra mim não guardar os passarinhos pra quando eu chegar e voltar e botar pra fora de novo.
- 250 Entrevistador: Entendi. E os passarinhos é de quem?
- Sr. Arnaldo: É meu.
- Entrevistador: Ah, entendi.
- Sr. Arnaldo: Ai já é uma ajuda né.
- 255 Cidadã 1/ Senhora passando na rua: A paz do Senhor.
- Entrevistador e Sr. Guedes: A paz do Senhor
- Sr. Arnaldo: Tudo isso já é uma ajuda né.
- Entrevistador: E o Senhor trabalha com o que seu...
- Sr. Guedes: **Gaiolas.**
- 260 Entrevistador: O senhor constrói a gaiola?
- Sr. Arnaldo: Construo gaiola.
- Sr. Guedes: E bonita.
- Entrevistador: Tem passarinho também?
- Sr. Arnaldo: Tenho também.
- 265 Sr. Guedes: E bonita.
- Entrevistador: Ai que jóia.
- Sr. Arnaldo: Ai eu...
- Sr. Guedes: Esse é um artista esse ai é um mestre da arte.
- Sr. Arnaldo: Ai.
- 270 Entrevistador: E muita gente aqui compra as suas gaiolas também?
- Sr. Arnaldo: Comp. Aqui, aqui, praticamente, quase ninguém porque as minhas gaiolas **são caras** né, praticamente quase ninguém.
- Sr. Evaristo: Aqui nesse pedaço quase todo mundo é crente.
- Sr. Arnaldo: Aqui esse pessoal os **custos de vida** deles aqui são baixo né.
- 275 Entrevistador: Entendi. E o senhor vende aonde essas gaiolas?
- Sr. Arnaldo: Eu vendo, geralmente, eu entreguei uma hoje la no clima bom, um amigo meu, ele já encomendou mais duas.
- Entrevistador: Entendi.
- Sr. Evaristo: Ta pronto lá o negocio.
- 280 Sr. Arnaldo: Já tem um rapaz que é dono de um negocio da oi uma operadora da oi la no shopping, um cliente meu...
- Entrevistador: Entendi.
- Sr. Arnaldo: De vez em quando ele liga querendo uma gaiola.
- Entrevistador: Entendi.
- 285 Sr. Arnaldo: Ai tudo a pessoa que ..
- Sr. Guedes: Aqui na verdade aqui é assim...eu tinha um comerciozinho.
- Sr. Arnaldo: Uma gaiola de 20, 250 conto não é todo mundo que pode comprar.
- Entrevistador: Oxe, misericórdia.
- Sr. Arnaldo: Risos.
- 290 Sr. Guedes: Eu tinha um comerciozinho que eu falei também isso ai, que era um empresazinha meio fantasma que foi que sustentou também eu pegar um emprestimozinho maior para construir também essa outra parte.
- Entrevistador: E era aonde a sua empresa seu Guedes?
- Sr. Guedes: Era quando eu morava la.
- 295 Entrevistador: Na jaqueira nera?
- Sr. Guedes: Eu formatava computador..
- Entrevistador: Ah, sei.
- Sr. Guedes: Quando eu fiz isso ai eu tava morando ainda não, eu fiz...

Entrevistador: Entendi. Sim

300 Sr. Guedes: Ai o Bando do Brasil ele fez isso pra mim o direito de pegar...

Sr. Arnaldo: Faça mais poeira ai não viu..

Sr. Guedes: Me deu o direito de pegar um computador top de linha la no Extra.

Sr. Arnaldo: Você (com o seu Antônio) é novato aqui. Não sabe se fica não.

Entrevistador: Oia, misericórdia.

305 Sr. Guedes: E o dinheiro, e o dinheiro preu construir.

Entrevistador: Seu Arnaldo, coitado do seu Antônio.

Sr. Guedes: Ainda hoje to pagando esse dinheiro.

Entrevistador: Ou, é mesmo?

310 Sr. Guedes: Ai aqui faliu porque aqui realmente, como eu falei, é um pouco meia que da cultura.

Sr. Arnaldo: É.

Sr. Guedes: Não. O Evaristo é o braço forte da gente aqui em termo de mão de obra, ele pra subir numa casa, qualquer coisa é ele.

Entrevistador: É mesmo?

315 Sr. Guedes: É.

Sr. Arnaldo: Eu sei minha filha que eu..

Sr. Guedes: Eu tenho vontade e não posso.

Sr. Arnaldo: Eu tenho pena de uma pessoa que tenta prejudicar o semelhante sem motivo nenhum.

320 Entrevistador: É triste.

Sr. Arnaldo: Sem motivo nenhum. Tô mais pra ser amigo do que ser inimigo.

Sr. Guedes: (com outra pessoa) Assistiu o negócio?

Outra pessoa: Eu chorei. Ela.

Sr. Arnaldo: Tem coisa que a gente não tem nem como escolher,

325 Entrevistador: É verdade seu Arnaldo.

Sr. Arnaldo: Quer dizer é atacado e tem que reagir não tem como não, mas as vezes tem amiga tudo e diz que gosta muito de você, mas, de repente, você recebe um coice.

Entrevistador: E acontece isso aqui com o senhor é?

330 Sr. Arnaldo: Muito. Acontece muito com todo mundo, não é só comigo não.

Entrevistador: Ah, com certeza.

Sr. Arnaldo: A gente recebe o coice e olhe que num... rapaz eu não pensei nunca que desse cabra ta falando assim de mim. Felizmente ninguém engana.

Entrevistador: É.

335 Sr. Arnaldo: A pessoa consegue enganar um ser.....eu, você consegue enganar porque a gente somos falhos e não temos o poder de perceber, mas Deus ninguém engana, que nem o rapaz disse.

Entrevistador: É. O Viola chegou aqui na época...

Sr. Arnaldo: O Viola também é velhinho aqui. É um amigão.

340 Entrevistador: E é? Tu se lembra dele na época que ele chegou?

Sr. Arnaldo: Lembro. Ele é..foi um dos primeiros também a chegar aqui e invadiu.

Sr. Evaristo: Irmã, faça um lanche ai.

Entrevistador: Obrigada.

Sr. Arnaldo: Ele invadiu, ele invadiu aqui.

345 Sr. Evaristo: Quer um café?

Entrevistador: Foi mesmo?

Sr. Arnaldo: Aqui é assim, como é ruim. Risos.

Sr. Guedes: Não quero não. Eu quero um pouquinho pra mim.

Entrevistador: Amém seu Evaristo, é uma benção não é não?

350 Sr. Arnaldo: *Risos.

Sr. Guedes: Eu ia me reunir aqui na casa dele ai ele construiu essa parede....e eu quero café, eu quero também.

Entrevistador: Tome esse daqui que eu não tomo café não seu Evaristo.

Sr. Arnaldo: Divida.

355 Sr. Evaristo: O copo topado.

Entrevistador: E eu que não bebo café, se eu tomar café eu não durmo.

Sr. Evaristo: É?

Entrevistador: Durmo não.

Sr. Arnaldo: E eu só durmo de tomar café.

360 Entrevistador: Pois eu não durmo não.

Sr. Guedes: Ele assistiu e ela assistiu também e tranquilizou mais ainda né?

Entrevistador: Foi, foi jóia né seu Guedes?

Sr. Guedes: Tem umas pessoas lá que tem uns 20 anos ...tem um processo tramitando na justiça. Você pode mandar levar. Risos.

365 Entrevistador: Risos.

Sr. Guedes: Eu fiquei tão alegre que eles botaram assim...

Entrevistador: Eles falaram que tão construindo agora não foi?

Sr. Guedes: Agora é cada casa!

Entrevistador: É grande?

370 Sr. Arnaldo: Já foi avisado que não era pra construir.

Entrevistador: Foi.

Sr. Guedes: Agora esses dois processos..

Entrevistador: Ai sim me diga do Viola. O senhor se lembra de quando o Viola chegou?

375 Sr. Arnaldo: O Viola chegou...

Sr. Guedes: Ai agora ele sabe a história dele. Agora que eu to alegre ele tinha me contado, mas eu tinha me esquecido.

Sr. Arnaldo: Ele foi um dos primeiros a construir a casa dele. Entendeu? Foi um dos primeiros que quando derrubaro, não derrubaro a dele não que estava cadastrada.

380 Entrevistador: Ah, entendi.

Sr. Arnaldo: O Viola, e ele, e ele.

Entrevistador: E o Viola é amigo do senhor também?

Sr. Arnaldo: É amigo o Viola e a mulher dele.

Entrevistador: Ajuda o senhor ele?

385 Sr. Guedes: Eu cheguei ontem Sofia. Eu ajudo a todo mundo da rua toda.

Entrevistador: Foi mesmo? Risos. Seu Guedes é muito bem relacionado não é?

Sr. Arnaldo: É. Ajuda a gente ajuda dessa forma, como eu disse. A gente precisa de uma bicicleta, uma ferramenta de trabalho. Já é uma grande ajuda, quando o cara libera pro cara uma ferramenta de trabalho, entende? É uma grande ajuda.

390 Entrevistador: Graças a Deus.

Sr. Arnaldo: O irmão aqui tem um carrinho. O cara passa mal..chega irmão, mesmo que depois o cara dê a gasolina, mas ele já se dispôs em ir levar a pessoa.

Entrevistador: Pro hospital é?

Sr. Arnaldo: É.

395 Sr. Guedes: Mas eu vou na hora. Tô doente por causa de um lance que aconteceu ai.

Entrevistador: O que foi?

Sr. Guedes: Um rapaz ele veio..é assim, eu, eu estudo né, eu dei uma parada agora.

Entrevistador: O senhor estuda o que?

400 Sr. Guedes: Não. Eu estudava, mas é outra pergunta.

Entrevistador: Risos.

Sr. Guedes: Só que agora eu parei porque eu tô estudando em casa mesmo pro ENEM...nem curso nem nada, em casa mesmo, quero passar no ENEM.

Entrevistador: Ah, entendi. Se Deus quiser.

405 Sr. Arnaldo: Né nenen não?

Sr. Guedes: Não. ENEM.

Entrevistador: Nenen não.

Sr. Guedes: Agora eu já sei como fazer a bendita redação, que derruba todo o jovem do Brasil, mas quem não se interessa pelos detalhes dela. Eu tirei dela nos últimos 2
410 anos que eu fiz tirei nove e dez e não sabia o que era redação. Agora eu sei o que é redação.

Sr. Arnaldo: É porque jove é apressado pra resolver as coisas.

Entrevistador: Glória a Deus. Ai, quem é que que é mais assim?

Sr. Arnaldo: Seu Raimundo, ele entrou agora a pouco..ta com pouco tempo aqui.

415 Sr. Guedes: É mais novo do que eu.

Sr. Arnaldo: É mais novo do que você.

Sr. Guedes: Não. Parece que não. De moradia é, mas parece que a casa já era dele.

Sr. Arnaldo: Não. Ele comprou a casa.

420 Sr. Guedes: Foi.

Sr. Evaristo: Era Alex.

Sr. Guedes: É. Na verdade eu sou do início. Eu sou do início, só não morava aqui.

Sr. Arnaldo: Só não morava aqui. A casa tua era do início, proque eu sempre
425 perguntava a menina que morava aqui. Ela até alugou a minha casinha ali, ai deve ..Josenir, Josenir, oh Josenir.

Sr. Guedes: Josenir. Ela namorava o meu irmão aquela menina.

Sr. Arnaldo: Namorava?

Sr. Guedes: Namorava.

Sr. Arnaldo: E foi? Deixou?

430 Entrevistador: Risos.

Sr. Guedes: Risos.

Sr. Arnaldo: Ai ela perguntou ...ai ela disse não eu, eu ..essaz casa é do Guedes e eu sabia la quem era Guedes. Eu não lhe conhecia, eu disse: ah, não sei não, cheguei a conhecer não. E agora quer dizer é boa pessoa né. É o que vale da, da,
435 da vizinhança é isso.

Sr. Guedes: Apesar que eu tô com a picareta dele pguei...

Entrevistador: É ainda não devolveu não foi?

Sr. Arnaldo: Se ele ainda ocupar o picareta tem problema não, é uma ferramenta do meu trabalho não.

440 Entrevistador: Entendi

Sr. Guedes: Hoje eu já cavei um, ele me emprestou a colher.

Sr. Arnaldo: Agora a minha furação que eu preciso muito pra tal lugar

Entrevistador: Quem te emprestou a colher? O Seu evristo?

Sr. Guedes: Evaristo emprestou a colhr de pedreiro ai eu já arrumei uma parte, ai eu
445 inventei de fazer um chuveiro la atrás..ai tem um engocio que eu vou fazer do picarete ai foi na medida ele.

Entrevistador: risos.

- Sr. Arnaldo: Porque minha furação, minhas brocas eu empresto a você porque é amigo, mas ferramenta minha de trabalho usar me devolve logo porque eu posso
450 precisar na hora e não vou ficar esperando que ele venha devolver.
Entrevistador: Entendi. É complicado né?
Sr. Guedes: Mas olhe, ele é o que mais entende de tulinho agora.
Entrevistador: Seu Evaristo é?
Sr. Guedes: Não...ele converse um pouco mais sobre isso aí com ele aí.
455 Entrevistador: O seu Arnaldo?
Sr. Guedes: ..ele é que mais entende, ele chegou antes de tudo.
Sr. Arnaldo: Eu cheguei antes da invasão aqui, por eu já tava com 2 anos quando surgiu a invasão e na realidade..
Entrevistador: É. Eu tenho que conversar mais com o seu Arnaldo.
460 Sr. Arnaldo: E na realidade quando eu cheguei o Peu já morava. O Peu, o Peu é mais velho do que eu.
Entrevistador: E quem é o Peu?
Sr. Arnaldo: O Peu é um cidadão que morava aí nessa última casa agora do outro lado né.
465 Entrevistador: Depois o Senhor me mostra.
Sr. Arnaldo: A casa dele é essa de cá vizinha e..
Sr. Guedes: Tu lembra dele é?
Sr. Arnaldo: É. Ele é mais velho do que eu aqui.
Sr. Evaristo: É.
470 Sr. Guedes: Agora eu lembro que quando eu vinha pra aqui que tava cavando o alicerce já tinha essas cазinhas aí mesmo, tinha muita bananeira tinha aqui.
Sr. Arnaldo: Ele vendeu o terreno dele né.
Entrevistador: E era?
Sr. Evaristo: Ou Arnaldo, quem tu acha que é mais velho o Viola, o menino ou o
475 menino ali da oficina?
Sr. Arnaldo: É o meninoO
Sr. Evaristo: Quêl
Sr. Arnaldo: O Quêl.
Conversa paralela entre o Entrevistador e o Sr. Guedes:
480 Sr. Guedes: Aqui era um campo aqui
Entrevistador: Entendi.
Sr. Evaristo: Que não derrubaro né.
Sr. Arnaldo: Tinha um Amigo
Entrevistador: É. Eles disseram que...era um campo de futebol?
485 Sr. Guedes: Eu Joguei ainda aqui.
Sr. Arnaldo: O amigo também
Sr. Evaristo: Era o Amigo não?
Sr. Arnaldo: O Amigo não invadiu também.
Sr. Evaristo: O Amigo não é daquele tempo não, o Amigo já igual com as meninas
490 fizeram..é a do menino lá.
Sr. Guedes: Porque é uma história longa.
Entrevistador: É.
Sr. Guedes: Tem um pedaço lá que ainda faz parte da história que eu não conheço...nunca fui lá.
495 Entrevistador: Risos.
Sr. Arnaldo: Quando eu vim morar aqui não existia essa invasão não aqui era um sítio nessas cазinhas aqui era um sítio.

Sr. Evaristo: Là atrás era um campo.

Sr. Arnaldo: Aqui era um campo como o seu Evaristo disse.

500 Sr. Evaristo: Eu que derrubei as bananeiras todinho.

Sr. Arnaldo: E lá a gente na frente era só mato não existia nada não, era só mato.

Sr. Evaristo: Nós que derrubemo tudo.

Sr. Arnaldo: É. Para a passagem tinha que ir com a escopeta para passar pros bandido num num...

505 Entrevistador: Misericórdia. E tinha bandido era?

Sr. Guedes: Risos.

Sr. Evaristo: Risos.

Entrevistador: Risos.

Sr. Arnaldo: E falta bandido é?

510 Sr. Guedes: Agora não falta não. Tu mora aonde mesmo?

Entrevistador: Eu moro aqui na feirinha. Perto da feirinha.

Sr. Guedes: Eu pensei que mroava no farol que eu ia dizer la no farol e na jatiuca ainda bandido.

Entrevistador: É.

515 Sr. Arnaldo: Ai e era uma cerca aqui. A Lima Araujo quem tomava de conta. Nessa área aqui era da Lima Araujo ai vendeu para a Caixa Econômica.

Entrevistador: Sim.

Sr. Arnaldo: Ai foi quando ela chegou e disse: adiante sua cerquinha que a gente vendeu aqui o terreno pra Caixa pode adiantar que é área verde. Quando eu adiantei..quando foi no ano....antes do carnaval tinha uns cara na..

520 Entrevistador: Risos. Tinha um cidadão ocupando o seu terreno?

Sr. Arnaldo: Eu disse: oxe meu patrão o que você tá fazendo aí? Ele disse: eu invadi.

Sr. Arnaldo: Eu digo e você vai invadir o que é dos outros é?

525 Entrevistador: E cadê esse cidadão? já foi embora?

Sr. Arnaldo: Eu num sei.

Sr. Guedes: Risos.

Sr. Arnaldo: Foi. Ele só..só esses...a maioria pegaro para vender. A maioria pegaro pra vender na realidade é assim mesmo.

530 Sr. Guedes: Quase tdo mundo aqui não é da invasão.

Sr. Arnaldo: É. É não.

Entrevistador: Tem pouca gente é?

Sr. Guedes: Ele conhece bem.

Sr. Arnaldo: Conheço. Ai ele, ai eu digo: quem é..quem é o líder, quem é o cabeça aqui:? Pra que você quer saber?

535 Sr. Guedes: Eu sou do início e não sei...

Sr. Arnaldo: Eu quero saber pra procurar os meu direito, é para isso que eu quero quero saber. Eu não sei não quem é o líder.

Sr. Arnaldo: Ai o rapaz disse: é aquele cidadão ali. Ai eu chamei ele cá e digo: oh, va lá e tire o rapaz lá dos fundos do meu quintal porque se você não tirar eu vou ligar pra polícia agora pra ela vim. O líder disse: Oxe. Pelo amor de Deus eu não quero polícia aqui não. Foi lá ..não sei o que e....

540 Entrevistador: Risos.

Sr. Arnaldo:...conversou com o cara. O cara saiu brabo. E eu não quero que demore pra tirar ele não, quero que tire logo.

545 Sr. Guedes: Converse com ele sobre o que eu disse que quando ..que o Zelito...que tem polícia no meio.

Entrevistador: Foi. Ele já falou já.

Sr. Arnaldo: Já falou já. Já falou. Porque o Zelito...

550 Entrevistador: Já conversou oia.

Sr. Arnaldo: É..

Entrevistador: Bastante não foi não seu Arnaldo?

Sr. Arnaldo: É. Porque o Zelito é o seguinte: Ele tem esse negócio de moto.

Entrevistador: Ele é o que? O quer que é esse negócio de moto dele?

555 Sr. Arnaldo: Ele vende, conserta moto. Ele tem uma oficina de moto.

Entrevistador: Aonde é essa oficina de moto dele?

Sr. Arnaldo: É lá num.. na brejal. Num sei se ainda é. E esses caras sempre é envolvido com alguma coisa. Não tem como não. O cabra crescer de repente assim, de um dia pra noite.

560 Entrevistador: Entendi.

Sr. Arnaldo: Sempre é envolvido com alguma coisa.

Entrevistador: Ai foi ele que...

Sr. Arnaldo: É. Os pecados dele quem vai pagar é ele, não quero nem saber.

Entrevistador: É. É ele. Risos.

565 Sr. Arnaldo: Não é isso? Ai ele...

Entrevistador: O Senhor não é amigo do Zelito não né?

Sr. Arnaldo: Amigo entre aspa, assim... eu falo com ele, ele fala comigo..eu num ..não tenho né.. no tenho nada contra ele.

Entrevistador: Rum, Rum.

570 Sr. Arnaldo: Ai ele fala, ele mexe, assanha o vespeiro, mas não quero assumir...

Entrevistador: Corre.

Sr. Arnaldo: É como uma abelha rainha.

Entrevistador: Se.

575 Sr. Arnaldo: Ele não quer ser a abelha rainha, ele assanha, dar força, mas na hora de dizer assim: quem é o líder, se disser que é ele, ele abandona à sorte.

Sr. Guedes: È aquela história ele não tire o dele da raia não, proque ele é o reu no processo..é o nome dele..eu msotrei pra ela.

Entrevistador: É. Ele me mostrou.

Sr. Arnaldo: Tomando café.

580 Entrevistador: Tome o meu também.

Sr. Guedes: Ele gosta.

Entrevistador: Ele botou café como a fera pra mim, num foi, oia com tanto café menino

Sr. Arnaldo: Eu gosto.

585 Sr. Guedes: O copo topado.

Entrevistador: Foi. Quando ele chegou eu disse isso é café ou é coca. Risos.

Sr. Guedes: Risos.

Sr. Arnaldo: A bichinha pensou que era coca seu Evaristo.

Sr. Evaristo: Risos.

590 Entrevistador: Era tanto café, que eu disse misericórdia só pode ser coca isso seu evaristo.

Sr. Arnaldo: E foi irmã?

Entrevistador: Foi tanto café. Risos.

Sr. Guedes: Risos.

595 Entrevistador: Talvez a pessoa...

Sr. Guedes: O Evaristo é assim, agora ai tem pareia não.

Entrevistador: Eu não posso tomar não seu Evaristo café.

Sr. Evaristo: E é?

Sr. Arnaldo: Seu Evaristo brinca demais.

600 Entrevistador: Menino, se eu tomar café eu não durmo a noite todinha.

Sr. Arnaldo: E ele trouxe dois pacote de bolacha e um litro de café.

Sr. Guedes: Interessante que ele é assim. Oia tudo ele é ser hoje. Ele acha um pedaço da galinha assim deste tamanho assim ai ele toma cachorrinho tome o pedaço da galinha.

605 Sr. Evaristo: Tira sono.

Entrevistador: Coca também.

Sr. Arnaldo: Sabe aquele aquele rapaz do cabelinho é o chefe dos vocês é?

Entrevistador: É. O professor Augusto.

Sr. Guedes: Professor Augusto. Aquele professor Augusto é....

610 Sr. Arnaldo: Professor Augusto é.

Entrevistador: É ele que me ajuda.

Sr. Arnaldo: Cidadão de bem danado aquele.

Sr. Guedes: Ali é um homem.

(Fim de gravação)

APENDICE F – ENTREVISTA DOMICÍLIO 52D

ENTREVISTA REALIZADA EM: 01.09.14

INFORMANTE: MARLENE LIMA DE FARIAS

5 CONTATO: 8717-7199

CASA: 52D

Entrevistador: Então, Dona Marlene, como a gente tava conversando com a sra, a gente queria que a sra contasse mais ou menos pra gente como foi que a sra
10 chegou aqui, como foi que a sra se instalou neste lugar, quem veio junto com a sra, como foi esse processo?

Orientador: Como foi que a sra ficou sabendo deste lugar?

Marlene: Eu fiquei sabendo pelo, **um amigo** que morava vizinho da minha casa **que foi quem invadiu isso aqui.**

15 Orientador: Hã...

Entrevistador: Como é o nome dele?

Marlene: **Zé Lito**

Entrevistador: Zé Lito?!

Marlene: É

20 Orientador: E a sra morava onde antes?

Marlene: Eu morava encostado a casa dele numa casa de aluguel com o Viola. O Viola não bebia não se amostrava.

(Risos)

Marlene: Inclusive que ele nem veio quem veio foi eu e mor minino a noite.

25 Orientador: Certo.

Marlene: Aí ele me amostrou o mo local, que eu ia ficar aqui. Aí eu só tinha doir, era um lavado de roupa, eu vivia só com um lavado de roupa.

Orientador: Nossa

Marlene: E uma pensão que o pai do mirnino me dava, noventa reias.

30 Orientador: Hã...

Marlene: Aí a gente pagava aluguel, fazia a feira e o bujão

Orientador: Mas em que bairro era?

Marlene: Era aqui, Jardim Petrópolis.

Orientador: Jardim Petrópolis, mas mais embaixo, mais pra lá, né?

35 Marlene: Mais embaixo um pouquinho

Orientador: Sei... Aí seu vizinho...

Marlene: Me falou a noite, aí perguntou se eu podia vir, eu digo vou. Aí, chamei or minino e viemos. No oto dia de manhã ele amostrou onde era o local a gente ficamos, aí fui fazer um empréstimo no banco.

40 Orientador: Hã...

Marlene: De marisqueira

Orientador: (Risos)

Marlene: Ganhei..

Orientador: Que ótimo.

45 Marlene: Tirei 3mil reais

Orientador: Hã...

Marlene: O viola encapiou

Orientador: (Risos)

50 Marlene: Fizemo um pedacinho que não deu pra fazer todo, aí o Zé Lito ainda me **emprestou o cartão** dele pra mim **comprar os tijolo**, a mulé do lavado lá da ponta verde, ela me adiantou 6 meses, aí eu comprei cimento

Orientador: hunrum.

Marlene: Aí fumo fazendo assim, de pedacinho e de pedacinho.

Orientador: Mas, mas Viola não veio?

55 Marlene: Viola não veio não, deu uma disenteria nele quando ele disse ...

Orientador: (risos)

Marlene: Oia tem um um, a gente invadiu lá e vai querer um pedacinho, como você mora de aluguel Marlene, tem seis filho (Na época eu tinha os seis)

Entrevistador: Hã...

60 Marlene: Aí você vai? Eu digo: eu vou! Chame o Viola. Chamei ele disse: ah, eu tô com dor de barriga. Com medo de vim, né?

Orientador: Hã...

Marlene: Porque ele não gosta.

Orientador: Hã...

65 Marlene: Aí nós vimo, mas era tanta puliça no mundo. Aí passemos os três dia de carnaval, num veio ninguém. Aí depois dos três dia, aí começou a chegar. Aí foi gente, muita gente da imprensa.

Orientador: Meu Deus.

70 Marlene: Aí num foi, aí quando a casa tava toda levantada, só no ponto... Tava só coberta

Orientador: Hum...

Marlene: Mas não era rebocada nada!

Orientador: Sim...

Marlene: Aí foi quando eles vieram derrubar, tinha bastante... Só o, assim, sapata...

75 Orientador: Hunrum

Marlene: e os barraquinho bem pequenininho feitos de lona, a minha já tara feita, a minha essa vizinha aqui ao lado e a outra do outro lado aqui

Orientador: Hum...

Entrevistador: Quem é que mora aqui vizinho?

80 Marlene: É a dona Iza, mas já tá indo embora já, já foi pra oto...

Entrevistador: E aqui?

Marlene: Aí mora as mesma pessoa, pegaram e tá morando ainda.

Orientador: Hã...

Entrevistador: Como é o nome deles?

85 Marlene: É Marcos.

Entrevistador: Marcos?

Marlene: Quem pegou foi a mãe dele

Entrevistadores: Hum...

Marlene: Aí ela faleceu

90 Orientador: Sim...

Marlene: Aí ele veio morar na casa.

Orientador: Hum...

95 Marlene: Mas derrubaram a casa dela, derrubaram dessa outra vizinha, a minha não derrubaram, porque eu fiquei dentro com o menino, aí veio bastante puliça, foi quando veio aquele bastante mesmo. Quando foi seis zora da manhã que eu fui abrindo a porta, não foi seis não eu minto, foi cinco hora da manhã quando eu fui abrindo a porta da cozinha, tava cercado de puliça, cavalaria, bombeiro, mas tanta gente, oia foi o dia todinho.

Orientador: Em que ano foi isso? Em que ano foi isso?

100 Marlene: Agora o ano eu não vou saber, oia.

Orientador: Não, tranquilo só porque eu queria saber era de que de que prefeitura foi da prefeitura isso?

Entrevistador: Acho que é do governo.

Orientador: Governo do Estado?

105 Nora: Não, esse daqui é da CEAL.

Orientador: Sim

Nora: Esse terreno aqui todinho é da CEAL. A CEAL queria pegar o terreno de volta, porque invadiu.

Orientador: Não, Justo! A coisa dos fios, etc.

110 Marlene: É

Orientador: É, entendi!

Nora: Ai botaro a puliça pra ver se tirava o povo daqui, mas não adiantou em nada.

Orientador: Anham.

Nora: Ficaro tá tudinho aqui.

115 Entrevistador: A sra não lembra não quem era o governo nessa época?

Marlene: Eu não sei, oia, o prefeito era o Cicero Almeida, pronto, foi do Cicero Almeida.

Orientador: Ah, então tudo certo! Anham.

120 Marlene: Que, arente, aí até falo do Cicero Almeida num vinha e tudo e ele não veio nesse dia ele não veio, mas no outro dia essa hora ele chegou

Orientador: Foi, hum... Sim, Hunrum

Marlene: Que, que, aí falo inté no tele, aí falou no telefone com quem queria tirar a gente daqui...

Orientador: hum...

125 Marlene: Era uma adevogada que mora alí, que num queria que dixe que era barraco de lona e era, esse povo não prestava aqui

Orientador: Meu Deus!

Marlene: E o Cícero Almeida falou com a, com um um um rapaz da prefeitura, que agora eu tô esquecida

130 Orientador: Sim e como foi, a sra, sra, só pra gente saber mais ou menos como era, mas a sua História tava....

Marlene: Aí ele falou que aqui não era, não era, que dissero que era bastante barraco de lona, ele dixe que não era barraco de lona quando a gente fez com os esforço da gente com os nossos dinheiro né?!

135 Entrevistadores: hunrum

Marlene: E ele viero derrubá e não tinha nada feio, era um casarão quem tinha ao lado que não queria que nós que era pobre pra num ficar aqui

Orientador: Sim, sei.

Nora: Que tavam dizendo que ia virar uma favela.

140 Marlene: Foi

Orientador: Repara

Entrevistador: E esse senhor, que chamou a sra pra vir pra cá, ele mora aqui?

Marlene: Ah, minha fia o **Zé Lito Moto**, ele tem um **loja lá no centro**.

Entrevistadores: Ah

145 Marlene: O meu **filho trabalha** lá, de moto.

Orientador: Ah...

Entrevistador: Entendi.

Orientador: Hum...

- Marlene: É, Zé Lito Moto, é um moreno
- 150 Orientador: Sei. Mas, mas...
- Entrevistador: Ai ele não mora aqui não?
- Orientador: Ele não mora aqui mais não
- Nora: Ele não mora aqui não.
- Marlene: Ele não mora, mas tem aqueles terrenos ali da frente.
- 155 Nora: Ele tem uma galeria lá na frente
- Marlene: **aquela galeria do começo** é dele.
- Orientador: ah, entendi, entendi!
- Marlene: E tem mais, tem mais casa por aqui.
- Entrevistador: Ele nunca morou aqui?
- 160 Marlene: **Não, né?! Que ele tem a casa dele.**
- Entrevistador: Entendi...
- Marlene: **Nós que num tinha...**
- Entrevistador: A sra só conhecia ele na época que a sra veio pra cá?
- Marlene: Era, só conhecia ele, mor menino era tudo pequeno, mia fia.
- 165 Entrevistador: E foi, mulher?
- Orientador: Imagino...
- Marlene: Era um turmento da vida!
- Entrevistador: E tu vinhesse sem conhecer ninguém pra cá?
- Marlene: Vim, porque eu num tinha, eu vim té de noite pela grotá
- 170 Entrevistador: Oia, já pensou?
- Marlene: Num escuro triste, mas eu deixei as minhas pequenininhas...
- Orientador: Mas veio só com os menino?
- Marlene: Não eu vim só mais o fio do Zé Lito pra olhar onde era, aí no outro dia eu trouxe os menino.
- 175 Orientador: Sei... Anham
- Marlene: Aí aqui nós fiquemos, aqui.
- Orientador: Entendi, Entendi!
- Marlene: Aí foi quando viero derruba a minha casa, eu dixe que num podia, se derrubasse a minha casa nós ia morar aonde? Porque já estava com o empréstimo
- 180 feito
- Orientador: É...
- Marlene: Que eu tinha feito aquilo, não ia mais fazer em canto nenhum mais que nem sequer eu paguei, to suja inté hoje no banco do brasil
- Orientador: Hum... (risos)
- 185 Marlene: Nunca mais me alimpei.
- Orientador: Hunrum...
- Marlene: Aí, derrubando isso aqui, aí eu ia voltar pro aluguel? Eu ia viver de que? Aí num dá... Aí eu disse inté a ele, se for pra derrubar aqui, então eu tô, eu dô veneno ao meus seis fio e bebo pro derradeiro e pronto.
- 190 Marlene: Porque eu não tinha...
- Entrevistador: Misericórdia!
- Marlene: não mas eu não tinha pronde ficar
- Orientador: hum...
- Marlene: Oxi, foi um tumento triste.
- 195 Orientador: Foi, foi mesmo.
- Entrevistador: E quem foi que ajudou a sra a fazer aqui a casa?
- Marlene: Deus, o mo lavado e Deus.
- Entrevistador: Não, mas...

Marlene: E o Zé Lito que me emprestou o cartão.

200 Entrevistador: A sra contratou foi, gente pra fazer?

Marlene: Ah, foi! Era mei mundo de gente fazer isso aqui, só aqueles peio

Nora: Ajudando ela

Marlene: É porque eu pagava pouquinho

Orientador: Uns, uns aju

205 Marlene: Não

Orientador: Não

Marlene: Aí eu pagava pouquinho

Orientador: Sim...

Entrevistador: hunrum!

210 Marlene: Não pagava o tanto, né?! Necessário...

Entrevistador: Entendi

Marlene: Eu pagara menos e eles fizeram o alicerce inteiro, inclusive que ela é muito baixa.

Entrevistadores: Hunrum

215 Marlene: Era pra ser mais alta, mar num pude mandar o alicerce que eu não tinha como fazer ela alta

Orientador: hum

Entrevistador: Entendi, mas tá bom...

Marlene: Aí fizemo assim, não, mas se chover, minha fia, entra água.

220 Orientador: Aí entra água né?

Marlene: É que é muito baixa, passar calcamento não vai entrar água? Vai entrar água.

Orientador: Deixa, deixa eu dizer uma coisa, pra sra, porque a gente tá tentando ver se os nossos colegas, da nossa equipe, vem pra ajudar na coisa da casa, tá certo?

225 Se vierem aqui, eu vou tá talvez, já sugeri, pra eles pensarem numa solução pra essa coisa da água, tá certo? Lembrar quando eles vierem.

Marlene: Tá

Orientador: Pra vê se a gente encontra uma solução de como tá, fazer com que, pelo menos num entre tanto,

230 Entrevistador: Não entre água, não é?

Orientador: se num...

Marlene: Se chover bastante e for fazer, se fizer o calcamento aqui a minha casa bem...

Orientador: Sim, aí depois a gente conversa...

235 Marlene: Né?

Entrevistadores: É

Orientador: Aí por enquanto a gente tenta dá uma solução

Marlene: Aí fiz essa casa minha fia, aí foi fazendo de pouquinho, só fiz só ela, só era essa área, o quarto da menina e esses dois quarto dor menino que foi feito com o

240 dinheiro que eu tirei.

Entrevistador: Lá em cima?

Marlene: É, sim

Orientador: Hum...

Marlene: Que eu, como o Viola não é pai deles

245 Orientador: Sim...

Marlene: Aí era um confronto triste, Zé Roberto bebia, eu não queria abandonar meus fio que é do mermo sangue.

Entrevistadores: Hunrum

Marlene: Aí não tenho pai, não tenho mãe, não tenho irmão...

250 Orientador: Hum...

Marlene: Aí só tinha esses mos filho.

Orientador: Sim...

Marlene: Aí fiz a casinha aqui em cima, com o quartinho, aí botei as... ói a gente veio morar aqui não tinha cama, eu não tinha nada, inté uma, veio inté uma policial pm aqui, não queria nem tomar água no copo, porque era um copo de prastico, ela perguntou se eu tinha oto. (risos)

255 Orientador: Meu Deus.

Marlene: Ela não queria nem tomar água, porque o copo era de prastico.

Orientador: Meu Deus.

260 Marlene: Foi

Orientador: Anham

Marlene: Aí veio os capitão, veio tanto gente no mundo aqui. Preu sair de dentro de casa, pra, pra prefeitura, ela pagava um aluguel seis mese, eu se não fosse pra casa de parente, mas se eu não tinha parente? Seis meses elas pagava e depois de seis meses eu ia viver de que? Aí foi como eu disse se derrubasse eu ia tomar veneno, dara aor menino e tumava também, porque...

265 Entrevistador: Seus filhos eram novinhos, era?

Marlene: Era pequeno na época

Orientador: Qual era a idade deles?

270 Marlene: O mair veio tinha quinze ano

Orientador: Ham... E o mais novinho?

Marlene: O mais novinho aqui, era a menina, que era deficiente, é a Ana Célia, ela tinha uns dois anos...

Orientador: Nossa

275 Entrevistador: Muito novinha

Marlene: Mar ela chorava tanto, quando via já as puliça e os farma...

Entrevistador: Ô bixinha...

Marlene: E era todo dia, viu?

Nora: Todo dia...

280 Marlene: Todo dia.... quando dava, eu lavava os lavado do povo e perdi os lavado, quando eles vieram derrubar a casa eu perdi os lavado, inda era prum médico, perdi o da dona Iza e perdi o...

Entrevistador: A dona Iza que mora aqui do lado?

Orientador e Marlene: Não

285 Entrevistador: Outra, né?

Orientador: A da ponta verde que adiantou seis meses.

Entrevistador: Entendi!

Marlene: Isso! Aí eu perdi os lavado, porque como derrubaram ela pensou: se derrubarem e minha roupa tiver lá aí embola e minhas roupa?

290 Orientador: É...

Marlene: Aí perdi os lavado...

Entrevistador: Eita

Marlene: Só fiquei com um.

Orientador: Hunrum, Meu Deus

295 Marlene: Por causa desse confronto todo. Aí sim, não vivia não, vegetava aqui nessa casa.

Orientador: Mas me diga uma coisa

Marlene: Era um turmento terrive

- Orientador: Vocês, vocês nessa agonia toda, né? A polícia derrubando as casa etc, vocês é, não se ajudavam não aos outros, como é que era isso? Um ajudava a fazer alguma coisa ou como ver as criança, num tinha, os vizinho?
- Marlene: Não, cada qual com por si
- Orientador: Cada qual por si...
- Marlene: É
- 305 Entrevistador: No começo foi assim né?
- Marlene: Foi, porque se saísse das casa deles eles derrubava as dele, aí.. né..
- Nora: Eles derrubava as dele.
- Marlene: Aí pronto, fizeram intê assim tudo uma corrente de mãos no dia e la vem as maquina, foi três maquina
- 310 Orientador: Hum...
- Marlene: E os cavalo, já, ar mulé dermaiava, uma quebro o braço.
- Entrevistador: Misericórdia!
- Marlene: Eu não, eu ficava vermelha parecia uma tomate com soluço, né? A minha pressão subia
- 315 Entrevistador: Mulher!! (risos)
- Marlene: A pressão, eu era, já tara assim, já tinha a pressão alta, né?
- Entrevistador: Hunrum
- Marlene: Aí, duvido essas coisa toda, essa as **tribulação** toda, minha, tudo quanto eu tinha tava aqui
- 320 Orientador: Hunrum...
- Marlene: Aí derrubaro e eu ia voltar pra onde com esses filho?
- Orientador: Com certeza!
- Marlene: Olhe, mas foi um tormento triste!
- Orientador: E quando é que foi passando essa agonia?
- 325 Marlene: Essa agonia demoro, mais o men, mais ou meno um mês.
- Orientador: Um mês, né?
- Marlene: Isso, porque em eles dissero que voltava, derrubaro as casa tudin, ficou a minha a da vizinha foi derrubada também, só ficou a minha casa aqui nesse meio, só a minha e lá na frente ficou treze casa.
- 330 Orientador: hum...
- Marlene: Que tinha gente morando
- Orientador: Sim...
- Marlene: Aí ficou treze ainda, pra voltar pra voltar na quinta-feira, porque na quinta-feira eles vinha derruba as que ficaram as treze casa. Aí foi quando o Ciço Almeida falou com o rapaz da CEAL por telefone, que aqui era tudo feito do esforço deles, tara tudo bonitinho e não era nada da CEAL, isso aqui é área verde.
- 335 Entrevistadores: Hunrum
- Marlene: Ele falou que é área verde.
- Orientador: Sim...
- 340 Marlene: Parexi que foi o Joaquim Beltão, ele falando com o Joaquim Beltão, foi Joaquim Beltão.
- Orientador: Dá licença um minutinho, vão conversando, deixa eu atender o celular.
- Entrevistador: Tá... (risos) Sim...
- Marlene: Foi o Joaquim Beltão. Que não era nada de coisa feia.
- 345 Entrevistador: Hunrum...
- Marlene: Que dixeram que era tudo barraco de lona é uma favela
- Entrevistador: Aí eles deixaram a sra ficar?

Marlene: Deixaro, por... Aí eles dissero que vinha na sex... na, foi na terça que derrubaro, pra vim na quinta-feira derruba o resto, que era a minha casa e as ota

350 Entrevistador: Entendi.

Marlene: Aí depois o Cicero Almeida deu essa entrevista, eles não vieram, ficaram só, vindo só a polícia aqui

Entrevistador: Entendi...

355 Marlene: Menina, a polícia vinha olhando, vinha olhando, mandando sair, mandando sair e eu continuei aqui.

Entrevistador: E depois foi chegando mais gente foi?

Marlene: Ai foi, ai o povo que foro tudo pro galpão

Entrevistador: hum...

Marlene: Lá embaixo na SEMED

360 Entrevistador: A que tinha destruído a casa foi?

Marlene: Sim, foro tudo pra SEMED

Entrevistador: Hum...

Marlene: Depois foro tudo vindo de pouquinho, de um em um foro vindo, foro vindo, aí foro construindo, aqueles que tara com medo vendeu pra otas pessoa que a

365 maioria daqueles que tava naquele tempo é muito poco tá.

Entrevistador: Entendi.

Marlene: A maioria tá tudo vendido. Que essa sra aqui foi vendida mesmo

Entrevistador: hunrum

Marlene: Pra outra, a dona Iza foi quem comprou

370 Entrevistador: Entendi. Ô dona Marlene e a sra lembra das pessoas que chegaram, a sra **ajudou** essas pessoas, como foi que a sra lidou com elas?

Marlene: Minha fia, ajudar eu num ajudei não.

Entrevistador: Foi mesmo?

Marlene: É, porque eu não tinha nada já era ajudada pelos oto.

375 Entrevistador: (risos)

Marlene: Como tinha uma vizinha nessa ota rua

Entrevistador: Mas a sra dizia pra eles “olha, não tenha medo não. Que a polícia...”

Marlene: Ah, falava!

Entrevistador: Falava?

380 Marlene: Falava

Entrevistador1: A sra falava como?

Marlene: Tem muita gente que veio da, da jaqueira. Chegou um rapaz que o filho é deficiente a mulher tinha diabete e **não tinha onde morar** eu disse “oxi, moço, não seja por isso o sr fica aqui de **frente** que lá na frente tem um terreno, o sr pega lá”. E

385 ele ficou a tarde todinha, arrumou pau e fez um barraco e depois continuou a morar, aí construiu a casa dele.

Entrevistador: Foi mesmo?

Marlene: Foi.

Entrevistador: Só foi essa pessoa que a sra ajudou assim?

390 Marlene: Não, várias eu dizia isso. Quando chegava perto...

Entrevistador: A sra dizia como?

Marlene: A merma coisa que eu falava pra esse, que eu falei, eu passava pros oto tomem. Porque a gente tinha que ficar aqui, porque se saísse nós daqui fosse pra onde? Nós não tinha pra onde ir. Aí um outro dia(algo indecifrável) tudo derrubado.

395 Foi mermo que o mundo tinha acabado a tarde. Não tinha ninguém só aqueles coisa derrubado, aquela máquina lá pra trás.

Entrevistador: Só o entulho

Marlene: Tudo escuro era gambiarra.

Entrevistador: Sim...

400 Marlene: E eu sem ter nada pra comer mais que não tinha.

Entrevistador: E aí, como foi que a sra se ajeitou?

Marlene: Aí veio uma pessoa de Satuba veio trazer uma feira pra mim

Entrevistador: E a sra conhecia ela?

Marlene: Conhecia

405 Entrevistador: Como era o nome dela?

Marlene: Era Lurdi

Entrevistador: Lurdes?

Marlene: Era que tinha o Bar Sereno, antigamente era o Bar sereno. Eu passei uns tempo na casa dela

410 Entrevistador: Hunrum

Marlene: Aí quando eu arrumei o Zé Roberto, aí a gente veio pra cá pra Maceió.

Entrevistador: Ah, a sra era de Satuba?

Marlene: Não eu era de Cacimbinhas

Entrevistador: Cacimbinhas...

415 Marlene: A gente vinha pra cá sem nada. Pra ver se arrumava trabalho, ele né, com seis filho.

Entrevistador: Sim, entendi!

Marlene: Ai a gente vei, aí quando cheguei fiquei em Satuba, conheci essa mulher.

Entrevistador: Sim.

420 Marlene: Olhe, por Deus. Aí fiquei lá uns dias, aí depois vim pra cá, ele arrumo trabalho. Aí depois bebendo muito perde o trabalho

Entrevistador: É...

Marlene: Aí pronto, fiquemo naquela! Aí ela me viu passando na televisão essas confronto todo.

425 Entrevistador: Aí ela lembrou!

Marlene: Aí foi que ela veio aqui a noite mais umas filhas dela, trazer uma feira pra mim. Aí veio, depois veio uma pessoa também que era sobrinha da mulher da Flor do Bairro.

Entrevistador: Hum...

430 Marlene: Veio me trazer um quilo de farinha no outro dia.

Entrevistador: Foi mesmo?

Marlene: Umas onz, era uma onze hora do dia.

Entrevistador: E a sra conhecia a mulher da flor do bairro, era?

Marlene: Não, não conhecia

435 Entrevistador: E ela já...

Marlene: Mas o menino via, que ele me via com muito menino, e via o **sofrimento** como era aqui e da casa como foi derrubada e tudo as ota

Entrevistador: Sei...

440 Marlene: Aí ele veio olhar e trouxe. Aí depois veio outro nesse mesmo dia, chegou um rapaz que eu nunca vi e si sumiu até hoje.

Entrevistador: E foi?

Marlene: O rapaz era branco os olhos azul dizendo que vinha me trazer uma tenda pra mim ficar com or minino lá no macro, lá atrás, colocar ela, se eu não tivesse onde botar.

445 Entrevistador: Sim.

Marlene: Que se eles fossem derrubar a casa preu não ficar desamparada.

Entrevistador: Sim!

- Marlene: Aí eu falei que não adiantava eu pegar essa tenda, porque lá também era a mesma coisa, aqui é área verde e aqui era da caixa, ali era que eu não ia ficar mesmo.
- 450 Entrevistador: É
- Marlene: Aí, pra que eu ficar numa tenda?
- Entrevistador: É
- Marlene: Um dia só, aí ele conversou e me perguntou, porque aí eu falei que era aquela mulher, aquela menina alí, aquela adevogada que não queria nós aqui.
- 455 Entrevistador: Sim...
- Marlene: Aí esse homem sumiu até hoje, nunca mais vi.
- Entrevistador1: E foi?
- Marlene: Foi
- 460 Entrevistador: Muita gente então lhe ajudou nessa época, né, no começo?
- Marlene: Foi
- Entrevistador: Ela tava contando que a mulher da flor do bairro mandou um quilo de farinha, não foi?
- Marlene: É o sobrinho, o sobrinho dela que trabalhava lá.
- 465 Entrevistador: Sim...
- Marlene: Ele entregava compra
- Entrevistadores: Hunrum...
- Marlene: Aí ele vendo esse **sofrimento** todo aqui, né?! Aí quando ele me perguntou eu dizendo que não tinha nada pra comer, aí ele disse que ia trazer um quilo de farinha pra mim, aí ele trouxe, um quilo de farinha. Esse sobrinho da mulher da flor do bairro.
- 470 Orientador: Hunrum
- Marlene: Que ele, que com tempo, com um, parexi que uns seis meses, teve um acidente com ele com um carro da Petrobrás.
- 475 Entrevistador: Eita, e aí?
- Marlene: Quando ele ia saindo pra fazer as entrega, atravessando a pista
- Entrevistador: Ham
- Marlene: Aí a carreta bateu na perna, aí acabou com a perna dele.
- Orientador: Meu Deus!
- 480 Entrevistador: Eita, Jesus!
- Marlene: Aí pronto.
- Orientador: E ele mora por perto, não?
- Marlene: E acho, e eu num vi mais esse home.
- Orientador: Ô Meu Deus!
- 485 Marlene: Não vi mais ele
- Orientador: Hunrum
- Entrevistador: E muita gente aqui precisava também dessa ajuda a sra acha?
- Marlene: Muitcha
- Entrevistador: Muita gente, né?
- 490 Marlene: Muitcha, muitcha. Porque só tinha quem morava, **porque o Zé Lito ele invadiu, mas ele tinha onde morar, mas ele não vivia aqui.**
- Entrevistador: É, né?
- Orientador: Sim...
- Marlene: Ia pra lá, só ficava aqui quem não tinha,
- 495 Entrevistador: Anham
- Orientador: Sim

Marlene: Onde morar. Aí as que **não tinha são assim, pior de que eu**. Eu ainda tive sorte que inda fui pro pescador, dali da associação que tinha alí na... Alí onde passa o trem, Bebedouro, não tem?

500 Entrevistadores: Sim, sim!

Marlene: Pronto, eu fui praquela associação alí, pescador, dizendo que era pescadora também, até menti.

Orientador: (risos)

505 Marlene: E paguei trezentos reais na época, pra fazer esse empréstimo pra fazer essa casa pra não tá na rua, que era rápido demais.

Vizinha: Desculpe aí atrapalhar a conversa de vocês, Marlene, tú vai sair hoje de manhã?

Marlene: Vou

Vizinha: Vai?

510 Marlene: Vou

Vizinha: Hoje todo mundo vai sair, Graças a Deus, né?

(Risos)

Marlene: Mas a Joyce fica em casa a Joyce

Vizinha: A Joyce?

515 Marlene: É!

Vizinha: Mas ela vai ficar lá na casa dela?

Marlene: Ela fica aqui, com o Paulo

Vizinha: Fica aqui? Porque eu ia deixa, porque o meu menino, Carlinho, vem

520 almoçar aqui em casa, eu vou sair não sei que horas eu vou chegar, aí eu ia deixar minha chave com você, pode ser?

Marlene: Eu dou a Joyce

Vizinha: Viu? Tu fala pra ela, viu?

Marlene: Falo

Vizinha: Eu vou ligar pra ele e vou avisando

525 Marlene: Tá bom!

Vizinha: Desculpa gente.

Entrevistador: Nada!

Orientador: Sem problema!

Vizinha: Tchau

530 Entrevistador: Dona, Marlene, e... e aí como vocês, como é que as outras pessoas se viravam, também recebiam ajuda era de outras pessoas?

Marlene: Ajuda de ninguém só de Deus

Entrevistador: Foi mesmo? Pra construir, né?

Marlene: Isso.

535 Orientador: Mar me diga uma coisa

Marlene: Tem gente que ainda tá devendo ainda.

Orientador: Sim, sei! Mas me diga uma coisa, agora mesmo aconteceu uma coisa muito interessante aqui.

Entrevistadores: (risos)

540 Orientador: Uma vizinha, veio pedir pra **deixar a chave** com a sra.

Marlene: **Sempre** ela deixa comigo essa vizinha, não só ela, como a, essa.

Entrevistador: Como é o nome dela?

Marlene: A Lene,

Entrevistador: Sim...

545 Marlene: Eu fico com a chave da Lene

Entrevistador: Do Marcos é, não?

Marlene: É, a esposa do Marco

Entrevistador: Sim.

Marlene: Eu fico com a da Paula que é depois da casa da Lena

550 Entrevistador: Sim.

Marlene: Eu fico com a da menina, dessa menina que me entregou agora

Entrevistador: Como é o nome dela?

Marlene: Tô me isquicida. A Nil.

Entrevistadores: Hunrum...

555 Orientador: Me diga uma coisa

Marlene: E agora tô com problema de isquicimento.

(Risos)

Marlene: É

Orientador: É muita coisa no Juízo.

560 Marlene: Oxi, foi tanto sofrimento e depois disso ainda tinha uma menina que é filha, que é minha filha que é gêmea.

Entrevistador: Sim...

Marlene: É antes do Paulo, que a Ana Célia é deficiente né, que é junto com ela.

Entrevistador: Sim...

565 Marlene: A irmã de Zé Roberto, a gente veio do interior pra cá, po causo que lá no interior, em Cassimbinha é muito seco, Zé Roberto não trabalhava só bibia. Aí a irmã dele chegou lá e eu tinha ganhado as menina. Não tinha nada pra comer, sabe o que é nada? Com noventa reais pra pagar o aluguel, fazer a feira e comprar o leite NAN pessas duas menina.

570 Orientador: Meu Deus!

Marlene: Que era prematura de nove meses, era de alto risco. Olha foi uma polêmica. Aí chegou lá e disse “eu vou levar a Ana Roberta e vou, a gente vai batalhar um emprego pra Zé Roberto” Aí com seis meses...

Orientador: Zé Roberto é Viola?

575 Marlene: É meu, é... Aí com seis mese eu vim, quando cheguei cá num peguei mar a menina inté hoje. Aí juntou a minha menina, esse pobrema daqui, aí não tem nervo que aguente. Né verdade?

Orientador: Entendo

Entrevistador: A sra deixou ela lá foi em Cassimbinhas?

580 Marlene: Não, ela trouxe pra cá pra Maceió, que eu morava lá.

Entrevistador: Ah, entendi!

Marlene: Aí, ia arrumar um emprego aqui pra Zé Roberto.

Entrevistador1: Entendi

585 Marlene: Aí com, antes de seis meis arrumaro esse trabalho, a gente viemos, por causa da Ana Roberta que já tava aqui.

Orientador: Hunrum...

Marlene: Aí eu vim pra pegar a minha filha e não peguei maisi e ela é irmã de Zé Roberto. Hoje as menina fizeram, treze, tem treze ano.

Orientador: Perae, então Zé Roberto é seu, é o pai delas?

590 Marlene: É

Entrevistador: É

Marlene: É o pai das duas meninas e dele.

Orientador: Dele, certo.

Marlene: ainda tive mais esse de quebra, que eu não sei o que foi.

595 Entrevistador e Orientador: Risos.

Marlene: Pelo amor de Deus!

Entrevistador: Esse é o mais novo é?

Marlene: É o mais novo.

Entrevistador: Quanto anos você tem? 2? 3?

600 Marlene: 5, Paulo!

Entrevistador e Orientador: Risos

Marlene: Fez 5 ano agora, no mês de Agosto.

Entrevistador: E foi?

Marlene: Foi!

605 Entrevistador: Parabéns!

Marlene: Aí eu sei que foi essa polêmica toda. Ajuntou a menina, perdi, perdi a minha filha, aí sem casa pra morar, querendo derrubar, oxi, aí, ói não tem nervo que aguenta, né verdade?

Entrevistador: A senhora...

610 Marlene: Olhe, eu não vivo eu vegeto! E hoje a minha minina tá que só Deus tem piedade.

Entrevistador: A senhora tem algum parente morando aqui?

Marlene: Parente?

Entrevistador: Sim

615 Marlene: Só elas que é cunhada.

Entrevistador: Cunhada né?

Orientador: Ahhh

Entrevistador: Elas moram aqui também?

Marlene: Mora aqui na Jaqueira

620 Orientador: Em Chã da Jaqueira

Entrevistador: Como é o nome dela mesmo?

Marlene: Cícera

Orientador: Mas me diga uma coisa, essa coisa do povo entregar as chave pra senhora, significa que o povo tem **confiança** na senhora, né? (risos)

625 Marlene: É

Orientador: risos

Entrevistador: A senhora também **confia** de entregar a sua chave assim?

Marlene: **Não**.

Entrevistador: Entrega não?

630 Marlene: Eu entrego pra Lene!

Entrevistador: Entrega né?

Marlene: **Só deixo com a Lene**, a Lene deixa a dela comigo, aí quando eu saio assim.

Entrevistador: risos

635 Orientador: Então, esse relacionamento de confiança como é que foi surgindo? Quando é que começou, porque se no começo era cada um por si, pra cada um cuidar das suas casas pra não derrubarem. Quando é que começou a ter a confiança pra poder deixar a chave com o outro?

640 Marlene: Assim, porque nois era tudo vizinha então uma saia a outra saia, uma ficava com a chave da outra.

Orientador: Sim...

Marlene: Né?

Orientador: Já pra não deixar ninguém invadir.

Marlene: É

645 Orientador: E derrubar

Marlene: É

Orientador: Mas as crianças ficavam?

Marlene: Ficava

Orientador: Ficava. Aí o...

650 Marlene: No tempo que tava derrubando ninguém saía de casa.

Orientador: Sim!

Marlene: Não. Isso foi quando parou tudo!

Orientador: Não, é...

Entrevistador: Sim...

655 Orientador: Aí quando parou essa pressão da polícia

Marlene: É

Orientador: E tudo

Marlene: É

660 Orientador: Aí as pessoas podiam sair pra ir trabalhar e aí deixava as criança em casa pedia pro vizinho ficar olhando?

Marlene: Isso.

Orientador: Aí aos poucos foi construindo esse... Aí quem era esses vizinhos?

Porque, a senhora tá aqui a mais tempo.

Marlene: Oia foi tempo, porque isso já saiu, a maioria que tava aqui

665 Orientador: Sim...

Marlene: Eles saíro tudo, já passaram tudo pra outro, venderam pra outros.

Orientador: Hum... Entendi.

Marlene: Pra... Daquele tempo aqui tem poucos.

Orientador: É, né?

670 Marlene: Tem eu, tem o seu Ciço.

Entrevistador: Mas a senhora acha bom ficar com a chave assim? Dos outros?

Marlene: Eu acho, porque eu tenho certeza que ninguém vai entrar!

Orientador: Sim

Marlene: Que eu tô de frente.

675 Orientador: Anham...

Marlene: Né?

Orientador: Exato!

Marlene: Ninguém vai entrar!

680 Orientador: É. E é bom, porque de qualquer forma as pessoas né, é, é, é, é tão... Tão precisando

Entrevistador: Gosta da senhora também né pra deixar a chave?

Marlene: Os meus filhos as mesma coisa, se meus filho tiver em casa eles dão para meus filhos tamem.

Entrevistador: E é?

685 Marlene: São cinco filho, nenhum tem estudo terminado.

Orientador: Hum...

Marlene: Mas nenhum usa nada...

Orientador: Sim, sim

Marlene: Assim, droga, nem nada.

690 Entrevistador: Hunrum.

Marlene: E eu tô no pé 24 hora e eles não tem pai! Só foi criando só comigo e Deus.

Orientador: Hunrum.

Marlene: Ajuda. Deus né e eu.

Orientador: Hunrum.

695 Marlene: Nem Zé Roberto ninguém, é, oiaa eu não sei como pegaro ele hoje em casa

Orientador: Risos.

Marlene: É verdade.

Orientador: É né?

700 Marlene: É. E a minha menina ainda faço o tratamento dela na te, na no Sarah em Salvador.

Orientador: Hum... Eita, é mesmo?

Marlene: É, agora mermo ele saiu pra ir pegar as passage.

Orientador: Ah entendi!

705 Marlene: Na secretaria

Entrevistador: Ahhh.

Marlene: Eu que fui la pra arrumar. Não, eu não fui eu paguei com o meu lavado, paguei uma senhora pra arrumar essa vaga, que ela tinha já feito com o filho dela lá na secretaria

710 Entrevistador: E essa senhora é da onde?

Marlene: Essa sa, essa mulher, ela mora ali onde faz carteirinha da adepal.

Orientador: Hum...

Marlene: Na transpal ali.

Entrevistador e Orientador: Sim!!

715 Marlene: Agora eu num sei que rua é aquela, o nome dela

Orientador: Certo.

Marlene: Eu sei que é lá.

Entrevistador: Como é o nome dela, mermo, a senhora lembra?

Marlene: Lembro, Rosilda, foi quem arrumou essa vaga na adepal.

720 Entrevistador: Rosilda.

Marlene: Ela disse 'oh, Marlene, demora muito de dois, de um ano pá dois'. Mas é... Quando foi com dois meses eles ligaro.

Entrevistador: E como foi que a senhora conheceu essa mulher?

Marlene: Eu conheci essa mulher quando eu fui marcar a cirurgia do Paulo.

725 Orientador: Hum...

Entrevistador: Sim!

Marlene: Eu vi ela falando com outra lá, que lá era muito bom, que operou o filho dela e a, e aqui já tinha operado duas veizi e voltou tudo de novo, né?

Entrevistador: Sim...

730 Marlene: O pezinho não encostava no chão

Entrevistador: Sim, entendi...

Marlene: Que é o mermo problema da minha minina.

Entrevistador: Entendi...

735 Marlene: Aí ela falando aquilo, aí quando ela terminou de falar com as mulher, aí eu fui, cheguei junto dela e perguntei como era o nome dela, ela me falou, me deu o telefone dela, eu pedi, aí... Como é, eu fiz, marquei o dia deu encontrar com ela, lá perto da carajas.

Orientador: Ahn...

740 Marlene: Aí eu fui, truxe ela na minha casa, aí a gente foi conversando, aí pedi pra ela, eu num pagava a ela e tomem isso não foi pago foi um favor que ela me fez, né?

Orientador: Hunrum...

Entrevistador: Entendi.

Marlene: Porque eu ganhava 60 reais, aí os 60 eu dava a ela.

745 Orientador: Hunrum...

Marlene: Porque ela sair da casa dela pra ir na sequetaria arrumar, né?

Entrevistador: Hunrum...

Marlene: Uma vaga pra minha filha que não era nada dela, só nós era, se cunhicemo naqueles dias...

750 Entrevistador: Hunrum...

Marlene: Foi uma benção de Deus!

Orientador: Hunrum...

Entrevistador: Foi!

Marlene: Que minha filha, aqui por aqui eu não tinha como operar ela

755 Entrevistador: Entendi.

Marlene: Porque operava mais voltava ao normal e lá diz que num volta, né?

Entrevistador: Lá na, em Brasília é?

Marlene: Inté hoje ela não foi operada ainda.

Orientador: Não, em Salvador!

760 Marlene: Salvador, é!

Entrevistador: Salvador!!

Marlene: Salvador!

Orientador: Salvador, Salvador é!

765 Marlene: Aí ela já fez já todos exame, mas como não tinha menstruado ainda, era pequena na época, ela tinha onze ano.

Entrevistador: Hum...

Marlene: Não tinha menstruado ainda

Entrevistador: Hum...

Marlene: Aí só pode me, operar depois que menstrua

770 Entrevistador: Entendi.

Marlene: Que para de

Entrevistador: De crescer né?

Marlene: De crescer um pouquinho aí é quando opera, que eles falaro lá que quando opera assim volta tudo de novo por causa que...

775 Entrevistador: Cresce, né?

Orientador: Crecimento

Marlene: Crescendo aí os nervo a tendência é ir encuiendo, né?

Orientador: É verdade.

Entrevistador: É, risos...

780 Marlene: Aí tá marcado pra o dia 17 agora de outubro.

Orientador: Certo!

Entrevistador: Aí vai ela e o Viola é?

Marlene: Não, só vai eu e ela.

Entrevistador: Só vai a senhora e ela?

785 Marlene: Nó dorme na rodoviara.

Entrevistador: E é?

Marlene: É um **trumento** da vida! Porque ele dão a passage inté no aeroporto, do aeroporto...

Entrevistador: Se vire, né?

790 Marlene: Pra lá se vira, oitenta reais aí eu tenho que me virar. Aí lá no Sarah não dorme só quem for internado lá.

Entrevistador: Entendi.

Orientador: Hunrum

Marlene: Mas quem tiver só fazendo tratamento...

795 Entrevistador: Entendi!

Marlene: Não dorme lá no hospital.

Entrevistador: E quem fica com seus menino quando a senhora vai?

Marlene: Zé Roberto e os outros.

Entrevistador: Quem são os outros?

800 Marlene: É os meu filho mais velho, é o Manuel, o Erique, Tiago, Lucas...

Entrevistador: E eles moram aqui?

Marlene: Tudo mora aqui.

Entrevistador: Aí um cuida do oto, é?

Marlene: Aí um cuida do oto.

805 Entrevistador: E os vizinho olha também?

Marlene: Olha...

Entrevistador: Risos

Marlene: **Olha a Lene**, a menina, essa daqui não....

Entrevistador e Orientador: Risos.

810 Marlene: Chegou agora a mocinha

Entrevistador: Como é o seu, como é o nome dela?

Marlene: É Lucy.

Entrevistador: Lucy, aí a Lene olha o seu filho, é?

815 Marlene: Olha, a Lene olha que o **Zé Roberto bebe muito**, aí boto a Lena pra olhar meus minino.

Orientador: Hunrum...

Marlene: Porque eu não tenho como **deixar ele bebo com os menino**

Orientador: Sim!

Entrevistador: É!

820 Marlene: Até quando eu fui me **operar**, que eu me operei do **pâncreas**, depois dessa **tribulação** toda.

Orientador: Anham...

825 Marlene: Aí saí, aí pensei que tara com mioma, todo dia beba, aí é um mioma e eu zonga zonga quando fiz o exame, aí dixe que era um mioma. Depois era o Paulo, quando eu tive o Paulo com 15 dias, aí essa crise deu nimim, aí fui pro HGE, passei **28 dia**.

Entrevistador1: Menina...

830 Marlene: Foi, 28 dia sem comer e sem beber e dizendo que era pedra da vesícula, o pancea inflamado e o menino em casa com **15 dia** de nascido em casa, só ele e os menino.

Entrevistador: E quem ajudou?

Marlene: Só ele

Entrevistador: Só eles?

835 Marlene: Ele e meus menino. E Zé Roberto lá mais eu, ficou 3 dias no hospital, sem vir em casa e os 3 dias o menino sozinho em casa, com 15 dia de nascido.

Orientador: E os vizinhos ajudavam?

Marlene: A Lene é que ajudava

Orientador: É mesmo, né?

Entrevistador: Ela fazia o que?

840 Marlene: Ela enrolava ele, dava comida que o menino chorava bastante atrás de mamar

Orientador: Sim...

Marlene: E não queria comer e chorando

Entrevistador: Eita Jesus

845 Marlene: Ela dixe que pegou uma **roupa** minha e **enrolou o menino parou de chorar**

Orientador: Sim... Sim...

Marlene: E assim foi...

Entrevistador: Eita, foi mesmo? Ela enrolou a roupa?

850 Marlene: Ai com 15 dias.... Foi! Aí eu fiquei na UTI ainda que eu me operei no...

Entrevistador: Foi mesmo?

Marlene: Foi...

Entrevistador: E era o Pâncreas, era?

Marlene: Era o Pâncreas, abcesso tiraro dois litro de pus

855 Orientador: Meu Deus...

Marlene: Não sei como não murri, ainda fiquei 5 dia na UTI, foi o dia pior da vida

Entrevistador: Misericórdia e seus fio aqui, mulher?

Marlene: Os 5 fio. Eu passei dois mês sem vir pra casa.

Orientador: Hunrum...

860 Marlene: Aí quando cheguei em casa, tara com 15 dia que eu cheguei aí tudo de novo, voltei pro HGE é pra abrir de novo pra olhar o que foi

Entrevistador: Ahn...

Marlene: Mas quando tiro o raio x não tara inflamado, aí já era pedra na **vesícula**. Aí volta de novo operar.

865 Orientador: Hunrum...

Marlene: Aí operei e voltei pra casa com um mês fui lavar as roupa de novo pra ganhar o dinheiro se não não tinha como como

Orientador: Sim... E os menino já tão trabalhando em alguma, assim...

Marlene: Aí hoje os menino

870 Orientador: Tem um menino seu que tá trabalhando, você disse com o né...

Marlene: Tem! Tem um trabalhaindo ai agora que a esposa dele, essa que tara aqui essa morena.

Entrevistador e Orientador: Sim, sim!

Marlene: Que é o do Erique de 23 ano

875 Entrevistador: Aí ela mora aqui com a senhora é?

Marlene: Não, ela **mora aqui ao lado** agora.

Orientador: Hum...

Entrevistador: Ah, é?

Marlene: Mas alugada

880 Entrevistador: Você alugaram foi, pra ela?

Marlene: Foi.

Entrevistador: Faz tempo?

Marlene: Não. Vai fazer um mês.

Orientador: Hum...

885 Entrevistador: E foi? Que bom!

Marlene: Aí alugou.

Entrevistador: Foi a senhora que arrumou foi, pra ela?

Marlene: Foi.

Entrevistador: Como foi que a senhora arrumou esse lugar pra ela?

890 Marlene: É, foi o seu minino aqui que mora, ixe meu Jesus, é um senhor que mora aqui no primeiro andarzinho.

Entrevistador e Orientador: Sim!

Marlene: Seu Raimundo!

Entrevisador1: Sim.

895 Orientador: Hum...

Marlene: Aí ele tem, fez a casa em baixo e em cima fez dois, dois casa de aluguel, né?

Entrevistador: Sim!

900 Marlene: Que tem dois quarto, banheiro, aí todas duas tão alugada, aí tinha um que tava desocupado, aí eu fui lá falei com ele, **se dará pra ele alugar** pra meu menino que eu ia ficar. Aí ele falou que dara, aí ela olhou, gostou. Aí tá lá.

Entrevistador: E foi?

Marlene: E o Manuel que é o mais velho de 26 ano.

Entrevistador: Hum...

905 Marlene: Mora mais na frente um pouquinho, desse lado, casa de aluguel tamem.

Entrevistador: Hum...

Marlene: Eu fui lá, falei com a mulher...

Entrevistador: Faz muito tempo que ele tá morando?

Marlene: O Manuel, tudo num dia só!

910 Entrevistador: Foi mermo, tudo nesse mês aí?

Marlene: Foi! Que tara tudo aqui em cima.

Entrevistador e Orientador: Risos

Marlene: Aí não dava minha fia.

Entrevistador: Tudo aninhado, né?

915 Marlene: Tudo aqui e ele, e a menina do Manuel era meio agi, agitada ou é doença da cabeça, sei lá o que é...

Entrevistador: Sim...

Marlene: De vez em quando queria bater na Ana Célia, tinha que tirar.

Orientador: Ai meu Deus.

920 Marlene: Muita vezes ela batia nela eu puxava, né?

Entrevistador: Entendi

Marlene: Ela é de menor a menina tomem era de menor, aí fica nessa...

Entrevistador: Uma brigava com a outra?

925 Marlene: Brigava com a ota, minha fia! Aí era o fim e Zé Roberto queria entrar no meio, porque a filha era dele era doente

Entrevistador: E quem paga o aluguel dos seus filhos é a senhora é?

Marlene: Eles trabalha de oficina de moto, um trabalha na feirinha na la no Aga

Entrevistador: Sim...

Marlene: O outro **trabalha** com o Zé Lito

930 Entrevistador: Hunrum...

Marlene: E o outro trabalha na feirinha também, mas não é perto do do outro, né?

Entrevistador: Entendi.

Marlene: Que eu nem sei direito que oficina que ele trabalha.

935 Entrevistador1: Entendi. E a senhora arrumou casa assim pra muita gente aqui de aluguel ou só pros seus filhos?

Marlene: Só pros meus.

Entrevistador: Foi só por seus, né? Não tinha nenhum amigo não que a senhor disse 'oia venha pra cá, chegue'.

Marlene: Ah minha filha, tem não, não

940 Entrevistador: Não?

Marlene: De jeito nenhum... Tive que fazer isso.

Entrevistador: É, que bom.

Marlene: Porque tudo dentro de casa não dava, né?

Orientador: É

945 Entrevistador: É, é muito difícil, né?

Marlene: Depois que arruma uma mulher é cada qual no seu canto.

Entrevistador: Quem casa quer casa, né?

Marlene: É

Entrevistador: Risos

950 Marlene: Aí só ficou eu, Tiago, o Lucas e a Ana Célia e Paulo e Zé Roberto.

Orientador: Hum...

Entrevistador: E ainda é bastante.

Marlene: Era 10 pessoa, só os mô filho, sem as duas nora.

Entrevistador: Ah, sim...

955 Marlene: Aí quando as noras, aí eu tive que arrumar uns cantinho pra eles pra não ficar tudo dentro de casa.

Entrevistador e Orientador: É...

Entrevistador: E elas trabalham também, não?

Marlene: Não.

960 Entrevistador: Fica só em casa?

Marlene: Só em casa.

Entrevistador: E elas cozinham, lava, passa, tudo direitinho ou a senhora ajuda?

Marlene: Eu quem ajudo, minha filha!

Entrevistador: Risos. Me conte como é...

965 Marlene: Só Jesus na causa!

Entrevistador: Misericórdia, como é isso mulher?

Marlene: É, olhe, pense a do Manuel não faz quase nada em casa. Ela estuda de manhã, aí chega de meio dia, aí as vez não tem comida pronta, porque ela não fez em casa aí, o meu minino vem

970 Entrevistador: Almoça aqui?

Marlene: Pega aqui e leva pra lá. A galinha quem corta sou eu.

Entrevistador e Orientador: Risos.

Entrevistador: Mas, porque a senhora que corta?

Marlene: Porque ela não sabe cortar.

975 Entrevistador e Orientador: Risos.

Marlene: A mãe era essa morena que tava na porta, não ensinou, aí eu ensinei, mas agora ela já dixe que já sabe cortar.

Entrevistador: Hum...

Marlene: E essa ota...

980 Entrevistador: Não aprendeu?

Marlene: Aprendeu também

Entrevistador: Aprendeu!

Marlene: Essa me ajuda mais

Entrevistador: Sim...

985 Marlene: Essa daqui me ajuda mais eu, as vezes assim, quando eu tô assim doente, aí ela vem, barre a casa, lava prato, faz a comida e tudo e quando eu saio deixo ela com o Paulo aqui.

Entrevistador: Entendi.

Marlene: Essa morena.

990 Entrevistador: Ela cuida do Paulo, é?

Marlene: Cuida do Paulo mais eu.

Entrevistador: Que Bom!

Marlene: E fia, agora aí vão perguntar e as coisas pra adquirir pra elas morarem?

Entrevistador: Eita

995 Orientador: Hum...

Marlene: Move usado, né, pego (risos). É colchão usado do povo que eu comprei.

Entrevistador: Comprasse a quem mulher?

Marlene: Mulher, aquele povo que passa aqui catando lixo.

Entrevistador: Eita Jesus.

1000 Orientador: Ah, eles, eles conseguem... Ah...

Marlene: Ah eu, é, porque foi da ultima hora. Eles ganha 200 reais, pra pagar aluguel e fazer feira. Aí eu num, como é que eu ia comprar uma coisa pra esse menino?

Entrevistador: É...

1005 Orientador: Claro.

Marlene: Aí tinha que fazer isso.

Orientador: Hunrum...

Entrevistador: Risos

Marlene: E ajudei com as minha, lençol eu dei, as panelinha.

1010 Entrevistador: E o povo aqui tinha? Pra Ajudar...

Marlene: Hã?

Entrevistador: Não ajudaram não, ninguém? (risos)

Marlene: Hã, ajudar? Repare. Ajuda não minha fia.

Entrevistador: Cada um por si, né?

1015 Marlene: Cada um por si e Deus por todos.

Entrevistador: Amém. (risos)

Marlene: E dexemo na casa deles. Comprei uma geladeira por Erique, ele foi quem pagou, eu fiz só tirar mesmo.

Entrevistador: Hunrum.

1020 Marlene: Queria, comprou, só tem na casa dele nova só a geladeira.

Orientador: Hunrum...

Marlene: O resto são tudo usadinho.

Orientador: Hunrum...

Marlene: O Zé lito deu o fogão. Deu uma televisão.

1025 Entrevistador: O Zé lito é o da...

Marlene: O que trabalha...

Orientador: O que chamou

Marlene: É

Orientador: Pra ela poder...

1030 Entrevistador: Da moto.

Marlene: Pra gente vir morar aqui.

Entrevistador: Foi.

Marlene: Pronto. Aí ele **deu a televisão** ao meu menino.

Entrevistador: Hum...

1035 Marlene: A televisão quando chegou em casa não pegou, tá ali.

Entrevistador: Eita.

Marlene: Desse tamanho

Orientador: Eita

Marlene: (risos) Aí tá aí, mas deu **fogão**, 6 boca.

1040 Entrevistador: Mas mulher, tu conhecesse o Zé Lito como?

Marlene: O Zé Lito, quando eu cheguei aqui, pra morar aqui, ai em Maceió, aí de frente a casa do meu cunhado, ele mora, Zé Lito.

Entrevistador: Sim...

Marlene: Aí eu fui conhe..., conheci primeiro a mulher dele.

1045 Entrevistador: Sim...

Marlene: Né, ela me **ajudava**, ela me dava... quando **sobrava comida** ela me dava
Entrevistador: Hunrum...

Marlene: Final de ano, quando vinha mei mundo pra casa dela, ela me **chamava**,
ninguém me chamava, só ela que me chamava, eu num ia, porque eu tinha
1050 **vergonha, porque eu era pobre**. E como **eles eram bem de vida eu não ia**
chegar, né? Eu ficava acanhada, aí eu não ia, mas no outro dia ela **já mandava**
as coisas pra mim.

Entrevistador: Que jóia.

Marlene: E dona, e tinha uma mulher que ajudou muito a eu também, quando Zé
1055 Roberto me deixou, aí Zé Roberto me deixou, minha filha. Quando arrumou um
trabalho bom...

Orientador: Hum...

Entrevistador: Mas já pensasse...

Marlene: Oxi, aqui na Unibras, não tinha a Unibras antigamente aqui ao lado do
1060 Makro

Orientador: Sim, sim...

Marlene: Que é o Correio agora?

Entrevistador e Orientador: Sim...

Marlene: Ele era segurança, trabalhou um ano e seis mês, Zé Roberto foi embora
1065 pra São Paulo, aí eu fiquei numa casa de aluguel, não pude pagar o aluguel, aí a
Ana Célia pequeninha, aí disse 'ô tio, o senhor deixa eu vir morar aqui?'

Entrevistador: E ele não mandava dinheiro não pra senhora?

Marlene: Não. Assim que ele foi, oxi ele tirou os atrasado todinho, né, que tira? Num
tira né?

1070 Entrevistador: Ah, sim, é... É!

Marlene: Oxi ele só era bebendo, mia fia. Bebendo, fazendo festa na Jaqueira.

Entrevistador: Misericórdia.

Marlene: Aí eu fiquei nessa casa de aluguel. Depois a Ana Célia pedindo ao tio dela
pra ir morar lá, ele deixou, aí a gente fumo morar no fundo do quintal dele. Foi aonde
1075 eu conheci Zé Lito.

Entrevistador: Sim...

Marlene: Morava no fundo do quintal do irmão do Zé Roberto que se chama, é,
Rogério.

Entrevistador: Sim...

1080 Marlene: Pra gente entrar pra ir dormir a gente tinha que passar por dentro da casa.
Eu tinha os minino, a irmã dele disse que tinha medo de morrer atropelada com
meus minino, naquele, porque era um bequim pra passar também...

Entrevistador: Entendi.

Marlene: Pra entrar na casa dele.

1085 Entrevistador: Entendi.

Marlene: Aí ela dixe que tinha medo de morrer atropelada, porque era pra queles
menino, que era tanto minino no mundo que tinha medo de morrer atropelada.

Entrevistador: (risos) Dentro de Casa...

Orientador: Meu Deus.

1090 Marlene: E ainda me disse, eu nunca esqueci dessa palavra que ela disse 'bota
esses menino pra pedir esmola no mercado, uma tomate que vier serve'.

Orientador: Meu Deus.

Marlene: Pra quem já tá nessa **tribulação** toda ouvir essa voz, isso é uma dor
terrível.

1095 Entrevistador e Orientador: É.

Marlene: Mas eu não respondia, porque eu tava na casa do irmão dela, né? Aí tinha que ficar lá. Aí quando eu tava com a Ana Célia no braço 'ah, parece aquela mulher que pede esmola no mercado'. Ela foi muita coisa da vida, aí **tudo o conversava com o Zé Lito**, passava pra Zé Lito e a Mulher dele. Aí foi quando invadiu aqui, ele foi na minha casa a noite e me chamou se eu tinha coragem, eu dixe que tinha e vim.

Orientador: E Zé Lito ficou com quantos terrenos lá na frente mais ou menos?

Marlene: Zé Lito tem só a Galea, aquela galeria ali.

Orientador: Ah, é só a galeria, eu pensei que ele tivesse outras casas.

Marlene: Tinha, mas depois foi vendendo....

Orientador: Ah entendi.

Marlene: Vendendo, foi vendendo, né? Aí só tem só a galeria.

Entrevistador: Foi ele que conheceu aqui, né, o Zé Lito?

Marlene: Foi, foi eles.

Entrevistador: Quando a senhora chegou já tinha casa aqui?

Marlene: Não, não tinha casa. Só tinha aquele terreno marcado

Entrevistador: Ocupado.

Marlene: Terreno marcado.

Entrevistador: E já tinha gente morando.

Marlene: E sapatinha feita, morando só tinha o Quiel, lá na frente onde tem agora é a oficina.

Orientador: Sim...

Marlene: Pronto, só tinha aquele senhor, era um quartinho parecendo um banheiro.

Orientador: Hunrum.

Entrevistador: Era ele só ou ele tava com a família?

Marlene: Era ele a mulher e um filho.

Entrevistador: Hunrum... Só ele era, quando a senhora chegou.

Marlene: Era, foi.

Orientador: E me diga aí e o

Marlene: E bastante terreno marcado, aí foi chegando gente, fazendo barraco de lona, otos foi fazendo a sapata, deixava, passava, e vendia pra outros.

Orientador: Hunrum...

Marlene: E aí foi fazendo, foi fazendo. Aí foi quando viero derrubar, minha fia. Aí foi a **tribulação** terrível.

Entrevistador: Risos

Orientador: Ave Maria.

Marlene: Eu nunca esqueci aquele dia.

Entrevistador: Mulher, se esqueça.

Entrevistador e Orientador: Risos

Marlene: Ah, não esqueço não... Aquele dia a gente nunca esquece.

Orientador: Não. É verdade.

Entrevistador: É...

Marlene: Porque foi uma **tribulação** terrível

Entrevistador: É...

Orientador: Ave Maria.

Entrevistador: É muito sofrimento, né?

Marlene: Os minino, a menina a Ana Célia chorava tanto não podia ver mais nem um carro da polícia que ela chorava, ela se tremia toda

Orientador: Ave Maria.

Entrevistador: É muito ruim

Orientador: Me diga uma coisa, a senhora me disse, quando a senhora vai pra, pra, adoece e etc, aí tem é, sua nora fica né, etc... Mas quem não tem ou a senhora mesmo quando não tinha ainda nora?

1150 Marlene: Fica os dois minino meu com os minino né?

Orientador: Sim...

Entrevistador: Mas fica filho de alguém aqui também?

Marlene: Não.

Entrevistador: Nunca ficou não?

1155 Orientador: Ninguém ajudava a cuidar, não? Só a sua vizinha nera?

Marlene: É, a Lena ficava aqui...

Entrevistador: Quando a senhora ficou doente, não foi?

Marlene: Quando eu fiquei doente foi a Lena e uma minina que tinha 13 ano.

Entrevistador e Orientador: Hum...

1160 Entrevistador: E era fia de quem ela?

Marlene: É **fia da Sandra**

Orientador: Hum...

Entrevistador: É daqui também?

Marlene: Eu dava **20 reais** a ela.

1165 Orientador: Hum...

Entrevistador e Orientador: Entendi.

Marlene: Pra ela fica com **os meninos**.

Entrevistador: Mas a Sandra mora aqui?

Marlene: **Mora**. Entrando aqui, assim...

1170 Entrevistador: Entendi.

Marlene: Ela mora, a Sandra mora.

Entrevistador: Aí cê dava 20 reais a ela pra ela ficar aqui com seus mininos era?

Marlene: Pra ela ficar com meus minino, era.

Entrevistador: A menina dela?

1175 Marlene: Hoje a menina já é casa tem dois filho.

Entrevistador: E é e mora aqui também?

Marlene: Mora com a mãe dentro de casa.

Orientador: Hum...

Entrevistador: E é?

1180 Marlene: Na época ela tinha 13 ano, a Sandra.

Entrevistador: E alguém e a senhora nunca olhou não filho de ninguém?

Marlene: Olhei, pra ficava.

Entrevistador: Olhou?

Marlene: Olhei, ficava.

1185 Entrevistador: Ficava, né?

Orientador: É bom, né?

Marlene: Enquanto eles iam, assim, num canto. Assim, no posto.

Entrevistador: Hunrum...

Marlene: Né? Porque se consulta ali no posto João Sampaio.

1190 Entrevistador: Sim...

Marlene: Aí eu ficava.

Entrevistador: Mas a senhora também deixava os seu filhos com ele, não?

Marlene: Não.

Entrevistador: Deixava não, so ficava né?

- 1195 Marlene: Deixava or meu que tem o Tiago ficava que quando eu ia lavar roupa, que quando eu vim morar aqui não podia lavar, porque não tinha água limpa.
Entrevistador: Sim
Orientador: Hum...
- 1200 Marlene: Tinha que lavar na casa do Rogério, meu cunhado
Entrevistador: Sim, sim, sim.
Marlene: Onde eu morava no fundo do quintal.
Entrevistador: Sim
Orientador: Hum...
- 1205 Marlene: Aí, eu deixava o Tiago, Tiago, não tinha porta era o sofá, não tinha isso aqui feito ainda.
Orientador: Sim.
Marlene: Era o sofá, aí, mar a porta da cozinha que só era a metade da casa aqui, aí era aberta.
Orientador: Ahn
- 1210 Entrevistador: Sim
Marlene: Só. Veio um rapaz disse 'oh, sua mãe tá devendo lá no, no deposti e mandou eu vir pegar a televisão' Era uma televisãozinha preta de 14 veia que eu já tinha comprado. Veia já usada dos oto. Aí o menino puxa da tomada e entrega esse homi.
- 1215 Entrevistador e Orientador: Eita!
Marlene: Quando eu cheguei aqui o canto mais limpo, ai...
Entrevistador: E quem era esse homem?
Marlene: E quem sabe?
Entrevistador: Haannn...
- 1220 Marlene: Pra roubar. Acho que via eu saindo todo dia e só ficava em casa os menino, não tinha porta. Aí o menino pequeno foi e entregou.
Orientador: Eita.
Marlene: Quando eu cheguei disse 'oia, eu entreguei a... o home do depósito veio buscar a televisão'. Digo "que homem do depósito, Tiago?" Ele disse 'aquele que a
- 1225 senhora tava devendo'
Entrevistador: Eita...
Marlene: Eu digo 'meu filho pra que você entregou?' Aí, pronto.
Orientador: Vixe...
Marlene: Passei seis mês sem televisão, aí tinha a dona Bia que morava nessa ota
- 1230 rua
Entrevistador: hum...
Marlene: Aí via, que ela vinha aqui desde quando ela vinha olhar que eu bastente, tinha seis menino nera, não tinha nada dentro de casa, aí ela de vez enquanto vinha trazer umas coisinha pra mim, aí ela me deu uma televisãozinha que é rádio, deche
- 1235 tamanho assim, não tem?
Entrevistador e Orientador: Anham.
Marlene: Pronto, eu passei seis mês com uma daquela.
Entrevistador: (risos), eita! E ela mora aqui é a dona Bia?
Marlene: Mora lá perto da São Domingo agora que ela se mudô.
- 1240 Orientador: Ela se mudou
Entrevistador: Sim...
Marlene: Aí eu fui e comprei uma **televisãozinha do Zé Lito de 29**
Entervistador1: Han...
Marlene: Depois de seis meses, velha, daquelas preta. Pronto, foi, daí tá até aí.

- 1245 Orientador: Então quer dizer que a casa quando a senhora veio morar ela era menor? Depois que ajeitou?
Marlene: Quando eu vim morar só tinha só, o quarto era aqui
Entrevistador: Depois fez os dois de cima lá, né isso?
Orientador: Hã...
- 1250 Marlene: Aí o quarto era aqui, aqui era a sala e aqui era a cozinha.
Orientador: Hum...
Marlene: Era pequenininha
Orientador: E não tinha água?
Marlene: Não tinha.
- 1255 Orientador: Mas quem botou água foram vocês ou foi a?
Marlene: A gente, foi a gente, fomo pegando da outra rua, lá da outra rua
Orientador: hum...
Marlene: Uns pegava, botava um cano, aí ia, e o to e ia pega, comprava também, emendava. Aí aqui tudo era assim.
- 1260 Orientador: Certo, mas pra trazer o cano de lá pra cá, todo mundo se juntou fez uma, uma... cota?
Marlene: Foi!
Orientador: Hum...
Marlene: Foi, se ajuntemo, todos. Cada qual dava a sua
- 1265 Orientador: Então aí, certo.
Marlene: Sua peça de cano, né?
Entrevistador: Hunrum...
Orientador: Sim...
Marlene: Pedaco de cano.
- 1270 Entrevistador: Pra passar na frente da casa era?
Marlene: Primeiro eu peguei daqui da casa do homi, mas depois ficou brigando, aí eu peguei dali agora.
Orientador: Hunrum
Entrevistador: (risos) Como era esse homem, como é o nome dele?
- 1275 Marlene: É o Petrúcio esse que mora aí de frente.
Orientador: Hum...
Entrevistador: E agora a senhora tá pegando de quem?
Marlene: A gente pega desse outro lado, porque se ajuntaro tudo e puxaro da outra rua ali.
- 1280 Entrevistador: Entendi.
Marlene: Aí peguei de lá.
Orientador: Ficou mais forte?
Marlene: Era mais forte, mais, mais forte que quando dá 10 hora tá a água faltando
Entevistador1: E é?
- 1285 Marlene: Aí depois passou a Casal
Orientador: Ahhh
Entrevistador: Agora é da Casal é?
Marlene: Não!
Entrevistador: Não?
- 1290 Marlene: A Casal passou pra gente
Orientador: Pagar?
Marlene: Pra colocar água, mas nem veio o cano mestre e a gente pagava todo mês uma taxa, sem o cano. Se é gambiarra, eu não paguei não fiquei suja de novo!
Entrevistador: Eita (risos)

- 1295 Orientador: Hum
 Marlene: Fiquei suja, dois mês sem pagar!
 Entrevistador: E o povo aqui paga?
 Marlene: Temos, tem, essa vizinha que me deu a chave, ela disse que paga.
 Entrevistador: Hunrum.
- 1300 Marlene: Mas eu não pago não.
 Orientador: Hunrum...
 Marlene: Que eu não vou, que não tem cano mestre, primeiro tem que passar o cano aí depois do cano mermo não tem o relógio? Aí a gente pagava a taxa, porque tinha um cano mestre. Mas se já é uma gambiarra do outro lado, que a gente já tá pegando, já roubando do outro lado.
- 1305 Entrevistador: É, ela não fez nada, né?
 Marlene: E ela não fez nada, depois que derrubaro essas po**a todinha foi que ela passou. Aí eu digo 'Graças a Deus que agora nós vamo ficar!' Oxi!!! Que vai ter o comprovante né?
- 1310 Entrevistador e Orientador: É.
 Marlene: Da água da Luz.
 Entrevistador: Hanram.
 Marlene: Eu só pago a luz.
 Orientador: Já tá com o comprovante da luz.
- 1315 Marlene: Ah da luz.
 Orientador: Já tá com o endereço.
 Marlene: Isso, É!
 Entrevistador: Que joia.
 Marlene: Mas da água eu não vou pagar, que eu num ro pagar uma coisa que eu nem vi quando veio esse cano
- 1320 Orientador: É
 Marlene: Aí viero cortar, perguntaro onde era o cano, aí eu dixei 'vocês que que...'
 Entrevistador: Que butaro
 Entrevistador: (risos)
- 1325 Marlene: 'que botaro, aí procure aí'
 Marlene: Aí ele cortou bem no pé da calçada. Aí eu fui e puxei mais pra frente um pouquinho, pronto, botei direto.
 Orientador: Hunrum...
 Marlene: Mas se, mas meu nome tá sujo.
- 1330 Entrevistador: E é, na Casal?
 Marlene: Sujo quão, quando fiz isso aqui, não terminei de fazer minha casa ainda e não terminei ainda.
 Orientador: Sim, porque vai fazendo aos poucos, né?
 Entrevistador: E os menino não querem construir não, só querem, só vai morar de aluguel mermo é?
- 1335 Marlene: O, mas não tem como comprar não terreno aqui mais não.
 Entrevistador: E é, quanto é um terreno aqui?
 Marlene: É! 30mil, meu anjo!
 Entrevistador: Deixe disso!
- 1340 Marlene: 30mil, tem um aqui que ele não tem nem doisi, se ele tiver ele tem 4m de largura.
 Entrevistador: Hum...
 Marlene: De frente né?
 Entrevistador: E de quem é esse terreno?

- 1345 Marlene: É do fio do seu Ciço.
Entrevistador: Sim
Marlene: 30mil!
Orientador: Oxi.
Marlene: É esse aqui ao lado de frente também tem um que é, é 6 por 25, a mulé da
1350 dando 16mil, mas o menino só tem a moto.
Entrevistador: É.
Marlene: Uma moto não vai valer 16mil
Orientador: É.
Marlene: Que era pra juntar os dois, vender as duas motos e comprar o terreno pros
1355 dois, um fazia embaixo o outro fazia em cima, né?
Entrevistador: Ah, é...
Marlene: Agora quando ninguém sabe, quando Deus manda.
Entrevistador: (risos)
Marlene: Mas não tem como
1360 Orientador: Hunrum...
Marlene: É tudo caro.
Entrevistador: É, minha irmã.
Marlene: Pois sei não.
Entrevistador: Eita, Jesus.
1365 Marlene: Sufoco terrível da vida.
Entrevistador: Graças a Deus que a senhora arrumou essa casa, num foi?
Marlene: Arrumei, mas a **tribulação** triste. Zé Roberto quer, porque, venda essa casa pra dar a parte dele.
Entrevistador: E é?
1370 Marlene: Ave Maria minha fia, era dia...
Entrevistador: O marido que foi simhora?
Marlene: Esse Viola.
Entrevistador: Ah o Viola!
Orientador: Viola que é Zé Roberto?
1375 Marlene: É... Zé Roberto.
Entrevistador: E o outro que foi simhora como é o nome?
Marlene: É esse bem dito...
Entrevistador: Ahh.
Marlene: É esse bem dito, ele foi e voltou!
1380 Entrevistador: Aaahhhh...
Orientador: Ahh, agora eu entendi.
Entrevistador: Como é o nome do pai dos seus filhos?
Marlene: É Djalma
Entrevistador: E que foi que se sucedeu do Djalma?
1385 Marlene: O Djalma minha fia, isso aí é uma coisa que foi quando eu morava em Cacimbinha.
Orientador: Ham...
Entrevistador: (risos)
Marlene: Djalma morava aqui que é policial
1390 Orientador: Sim...
Marlene: Não, olhe, na verdade assim... O primeiro é o pai do Erique e do Manuel.
Entrevistador: Sim...
Marlene: Que é o policial que mora em Arapiraca, quando nós morava lá.
Entrevistador: Sim...

- 1395 Marlene: O segundo é o Djalma que eu conheci lá em...
Entrevistador: Mas a senhora não era casada com ele não?!
- Marlene: Não, nunca, com ninguém. Oia, repara mesmo... Aí o Djalma conheci lá em Cassimbinha também.
Entrevistador: Entendi.
- 1400 Marlene: Morava aqui, dizendo que era viúvo, mas era, não era não. Já morava com uma mulher, eu não sabia tive dois fio dele.
Entrevistador: Foi mesmo, foi?
- Marlene: Foi, tive dois fio dele que era o Lucas e o Tiago, e é essa pensão que eu recebo, graças a essa pensão, mas dixei que tá pá cortar, minha fia.
- 1405 Entrevistador: E é?
- Marlene: Aí quando cortar pronto, não sei o que é que vai ser da minha vida.
Entrevistador: Eita, Jesus.
- Marlene: É
- Entrevistador: E ele dá a pensão dos menino é?
- 1410 Marlene: Ele dá a pensão dos menino.
Entrevistador: E o o to não dá, não?
- Marlene: Dá não. Já tão tudo de maior
Entrevistador: E o Viola é pai de quem?
- Marlene: De Ana Célia e Ana Roberta e Paulo.
- 1415 Entrevistador: Que são as gêmeas e o mais novinho né?
- Marlene: E o mais novinho.
Entrevistador: Entendi. Aí ele quer ir simhora de novo é?
- Marlene: Não, meu amor. É assim, porque ele bebe muito, arenga com meus filho. Eu não quero que ele bata nos meus filho, nem que meus filho bati nele pra não ter confronto.
- 1420 Entrevistador: Sim...
- Marlene: Que foi que assim, olhe, nem respei, pra não, pra ter respeito dentro de casa, não é, porque se são 4 filho de o to.
- Entrevistador: Entendi.
- 1425 Marlene: Então nunca ninguém os otos nunca triscaro em Zé Roberto e Zé Roberto botara, dará nesses menino.
Entrevistador: (risos)
- Marlene: Nós oia, nós não durmia em casa, ele, olhe é um **trumento** terrível, Zé Roberto quando bebe. É um terror da vida.
- 1430 Entrevistador: E é?
- Marlene: Oxi. O Viola? Misericórdia. Aí, oia. Eu não durmia, os minino ficava pro lá, assim, lado de fora.
Entrevistador: E alguém lhe **ajuda** com ele, com o Viola?
- Marlene: Não minha fia, só eu e aqui dentro quando chamam, quando tá bem grande, o mata, mas não mata.
- 1435 Entrevistador: A bagaceira.
- Marlene: Chama o **Marquinho**, o Marquinho vem aqui. Oia, só Jesus na causa.
Entrevistador: (risos)
- Marlene: A gente vê Viola assim, mas o Viola né coisa que se cheire.
- 1440 Orientador: (risos)
- Marlene: Aí ele, eu digo 'oi, Zé Roberto...'
- Orientador: De perto né?
- Marlene: '... pra não ter confusão, os menino já tão grande. Nós já sofremo tanto com tu'

1445 Entrevistador: Hum...

Marlene: 'e eu não vejo resultado nenhum, dentro de 12 ano, 13 ano que eu moro mais tu, eu nunca recebi um real que tu dissessem assim "tome esse real pra tu comprar..."'

Entrevistador: Um leite.

1450 Marlene: pro Paulo, que é o mais novo, porque não conto nem a Ana Roberta, nem a Ana Célia.

Entrevistador: Hunrum...

1455 Marlene: 'Tu pegasse a tua filha, tu juntasse com a tua irmã, que foi junto com você mesmo, porque na hora que eu tava mais aperriada foi que ela chegou lá, num era nem pra ter deixado a menina vir. "Não, quando a rente for, leva." Mas que foi que você falou? "Não, ela vai mais minha irmã e a gente vamos na trás" E quando eu cheguei aqui eu num peguei mais a menina. A gente foi, eu fui pro conselho tutelar, não peguei, eu fui pro foro, eu não peguei a menina. Quando...'

Entrevistador: Ela não deixa não é?

1460 Marlene: Não! Primeiro a, quando eu cheguei aqui, ela se intrigou-se logo de mim, preu não ir na casa dela, já pra eu não ter o pé de pegar a menina. Aí eu fui pro conselho, no conselho eu tive toda parte na menina, que eu era a mãe, registrada no meu nome e tudo 'e eu não dei a menina como você sabe disso que eu nunca lhe dei' eu disse lá no conselho, né? Aí quando eu ia sozinha eu tinha toda a parte na
1465 menina, quando ia as duas partes eu não tinha, quem tinha era a Ciça, junto com o Zé Roberto. E eu sem saber!

Entrevistador: Eita.

1470 Marlene: Aí eu digo 'Qual foi o com tu que teve, porque o maior sonho da minha vida era ter, uma meni, uma filha mulher. Deus me deu duas' Teve os menino, separei dos pais, nunca deixei os menino passar fome, nunca deixei os menino na casa dos avô, e a minha menina, com um pai, dixe que é o primero filha, deu pra irmã, inté hoje não peguei, a menina veve nas droga.

Orientador: Meu Deus.

1475 Marlene: Com 12 ano a menina não era mais virgi. Se você vê ela agora, toda cheia de tatuagem e esse povo não vê, como ela dissero lá 'Doutora eu estou criando ela como criei a minhas filha' e hoje eu vendo a Ana Roberta desse jeito, os meu menino vê ela assim diz 'Oh mainha, a senhora sabe a senhora tem uma fia que usa droga' Quando ele disse isso, ói foi uma dor.

Entrevistador: Ela mora onde, aqui mesmo?

1480 Marlene: Na Jaquera, com essa bem dita Ciça. Aí tudo ajuntando, tudo. Aí eu fui perdendo o gosto do Zé Roberto inté hoje.

Orientador: Hunrum...

Marlene: Que a minha filha era pra tá em casa junto com a Ana Célia. Certo que a Ana Célia é duente, eu nem sabia que era quando ela nasceu, que ela era doente.

1485 Entrevistador: Hunrum...

Marlene: Depois com dois meses, comé, com dois anos que a menina quando foi andando que eu vi que ela só andava fazendo assim pra trás, não pegava a mamadeira com a mão esquerda, só era com a direita, tudo que ela fazia só era com a direita.

1490 Entrevistador: Hunrum...

Marlene: Aí ela teve paralisia cerebral no nascimento

Entrevistador: Eita.

Marlene: E num sabia

Entrevistador: Eu sei.

- 1495 Marlene: Fui pro Hu, fui pra adefal, depois agora tô no Sarah. Eu sozinha e Zé Roberto sem fazer nada e eu sem pegar a minha filha?
Entrevistador: É triste.
Marlene: Essa é uma dor terrível
Orientador: E Zé Roberto quer vender, vender a casa?
- 1500 Marlene: Aí eu digo que não quero morar mais ele, que ele fica batendo nos menino, aí quer bater na menina e eu não quero deixar, aí os menino quer dar nele, eu não quero que os menino dê, porque os menino não é filho dele, mermo que ele é assim, mas ele tem família, aí, aí, meus filho vão ficar preso por causa de Zé Roberto, de ‘uma coisa que não vale nada?’ Como eu disse a ele né? ‘Aí não adianta não meus
- 1505 filho, vocês deixe ele pra lá, quando eu tiver batendo de boca com ele, cês fique calado, vocês saí, deixe eu mais ele...’
Entrevistador: Hunrum...
Marlene: ‘... Não entre no meio não’, ”Ah, mas se eu for preso um dia eu saio”, Mas você vai ser preso por Zé Roberto, uma coisa que não vale nada? Passar o resto da
- 1510 sua vida? Faça isso não!’ Aí Zé, aí eu digo ‘Ói, **Zé Roberto**, não dá, porque tem que arrum, você não tem seu quartin’ **Comprou um quarto** pra lá, alí.
Entrevistador: Aqui **no conjunto**?
Marlene: Sim!
Entrevistador: E foi? Comprou a quem mulé?
- 1515 Marlene: A depois disso tudo vendeu!
Entrevistador: Eita.
Marlene: Aí depois **vendeu** o quarto **por 3mil reais**, eu fazendo aqui a cozinha, Zé Roberto não me deu 10 centavo, pra pagar os trabalhador que era o **Marquinho** que tava trabalhando. Fui botar a cerâmica, Zé Roberto não deu um centavo.
- 1520 Entrevistador: Marquinho é **pedreiro** é?
Marlene: É. Aí ele não me deu um centavo, aí quando eu digo que não vou mais morar mais ele, que ele tinha o barraco dele, que o dinheiro do barraco dele, ele dixe que não tinha direito que me dar o dinheiro do barraco dele não. Aí eu digo ‘e eu tenho o direito de dar o dinheiro da minha casa? “Mas eu construí, era dois pedrero
- 1525 e eu fazendo a massa”’ Aí eu digo ‘Mas o tempo que você passou dentro da casa já pagou e você tem 3 filho, a sua parte fica pro 3 filho, os 3 seu sei, 3 filho seu. E a minha parte fica pros oto meu.’ Aí ele dixe que não é assim ”Venda que eu quero a metade”’ Eu digo ‘pois eu também eu não vendo!’ Aí meu filho só Deus a gente leva assim.
- 1530 Orientador: Hunrum...
Marlene: Um confronto triste agora. Aí até a fia tá drogada (risos).
Orientador: Hunrum...
Marlene: Porque eu tenho que dizer, porque não adianta eu dizer que ela não usa, porque ela usa, eles diz que ela não usa, mas eu vejo ela usando.
- 1535 Orientador: Hunrum...
Entrevistador: Ela usa é, droga?
Marlene: Usa. É ela usa. Ela usa maconha, ela fuma cigarro, ela tem tatuagem, anda com os maloqueiro do Biu. Anda com os mala do Jacintinho e essa menina não u, não, será que esse povo não tá vendo? Ela diz que a menina não sai de casa
- 1540 Orientador: Hunrum, é parada.
Marlene: É, aí tudo eu sozinha e Deus pra resolver isso.
Orientador: É...
Marlene: Aí minha fia eu não vou ficar boa da pressão e nem do diabetes.
Orientador: ixi...

- 1545 Marlene: Cada dia mais ele sobe, a pressão sobe e só Deus por mim.
Entrevistador: E a senhora vai pro médico?
Marlene: Vou.
Entrevistador: A senhora vai mais quem?
- 1550 Marlene: De 3 em 3 mês. Vou sozinha e Deus. De 3 em 3 mês, tem mês quando eu tô muito aperrada quando eu sei dessas coisa quando vejo, cada uma tatuagem que ela bota eu passo duas semana de cama. Me dá uma febre, uma dor de cabeça.
Entrevistador: E aí, quem faz as coisa dentro de casa?
Marlene: Olha, quem faz? Ninguém. Eu começo a chorar, aí pronto passa aquele jeito, duas semana arriada mermo, aí ela ainda vem olha, vai pro médico, mulher.
- 1555 Entrevistador: Quem?
Marlene: A Ana Roberta!
Orientador: Hunrum...
Marlene: Oxi, ói, eu vivo numa vida que só Deus sabe.
Orientador: Hunrum...
- 1560 Entrevistador: E a senhora...
Marlene: E ainda sou gorda assim, acho que é o diabetes.
Orientador: Hunrum...
Entrevistador: A senhora conta essas coisas pra alguém aqui?
Marlene: Conto, pra Lena, conto pra essa vizinha que me deu a chave.
- 1565 Entrevistador: Como é o nome dela mesmo?
Marlene: Aqui?
Entrevistador: Da chave.
Marlene: Da chave é a, a, a... Meu Deus...
Entrevistador e Orientador: (risos)
- 1570 Entrevistador: Não chore não, mulher.
Marlene: Eita, num. Então agora, assim, falo uma coisa e num mesmo instante tenho pensar, que eu esqueço rápido.
Entrevistador: Anham...
Marlene: Agora tem coisa de quando eu era pequena, menina mesmo...
- 1575 Entrevistador: A senhora tem
Marlene: Quando eu comecei lá no...
Entrevistador: Que a senhora lembra melhor, ne?
Marlene: Eu lembro de tudo, agora, da coisa que eu tô falando assim, aí passa aquele branco de repente.
- 1580 Entrevistador: Entendi.
Marlene: É a Nil.
Entrevistador: A senhora tem...
Marlene: Aí depois eu lembro.
Orientador: Nil
- 1585 Marlene: É a Nil.
Entrevistador: A senhora tem muita **amiga** aqui pra senhora conversar sobre essas coisas do **Viola**?
Marlene: Não, só tem a Lena aqui que eu fui inté mais ela pro **foro**. Eu tenho a ota que chama Nelma, mas ela não tá, ta trabalhando. Que é a filha do seu Ciço, que foi quem foi pro foro mais eu. A gente foi pro adevogado, foi eu e a Lene.
- 1590 Entrevistador: Pra ver o que no adevogado?
Marlene: Sobre a minha menina.
Entrevistador: Da menina né?
Marlene: Porque só eu que, quando ela...

- 1595 Entrevistador: É a Lene e a Nel é?
 Marlene: É a Lene e a Nel
 Entrevistador: Nel?!
 Marlene: que anda comigo
 Entrevistador: Sei...
- 1600 Marlene: Aí agora eu parei, porque eu vi que não deu certo mesmo. E também o meu filho mais velho disse "Olhe, mãe, não adianta! A senhora tá vendo como é que ela tá".
 Entrevistador: E ela tem quantos anos?
 Marlene: Hum?
- 1605 Entrevistador: A sua menina?
 Marlene: Agora ela fez 13 ano agora, no dia 26.
 Entrevistador: Eita, Jesus.
 Marlene: Com 12 ano, 11 ano a menina tava virada num siri. Aí foi quando eu queria pegar ela, porque ela veio aqui me pediu pra ficar aqui.
- 1610 Entrevistador: Foi mesmo?
 Marlene: Aí eu fui arrumar a vaga pra ela, que ela queria.
 Entrevistador: Na onde, na escola foi?
 Marlene: No Rosa Sampaio, aqui no começo lá da rua.
 Entrevistador: Hunrum. O menino estuda também?
- 1615 Marlene: Estuda. Aí quando eu fui atrás, foi quando ela veio, mandou eu arrumar a vaga, eu 'Quer vir mesmo Ana Roberta?' Aí fiquei tão alegre quando ela dixe que queria vim. Aí eu arrumei a vaga pra ela, liguei pra tia dela, aí a tia dela dixe "Oxi e ela quer" Aí eu chamei a tia dela, ela veio aqui, eu disse 'Olha, a Ana Roberta, ela quer vim. Quandí for final de semana ela fica com você...'
- 1620 Entrevistador: Sim...
 Marlene: 'E a semana ela passa aqui em casa. "Oxente, e ela quer vim?"' Aí pronto, a partir desse dia a menina não andava pra nenhum canto, era em casa ainda sabe?
 Entrevistador: Hum...
 Marlene: A partir desse dia a menina arrumou amiga, aí pronto, destruiu a vida da
- 1625 menina foi desse dia pra cá.
 Orientador: Que coisa.
 Marlene: Quando a menina queria vim pra minha casa, ela não deixava a menina andar a pés, não deixava a menina brincar com a Ana Célia, era assim.
 Entrevistador: Que é a irmãzinha, né?
- 1630 Marlene: É a irmãzinha dela.
 Orientador: Aí como é, me diga uma coisa é, dona Marlene. E seus vizinhos como é que eles, é, se viram? Porque a história da senhora, essa a gente viu que é muito difícil, muito sofrida, muita luta, né? Mas os vizinhos também, tem vizinhos que tem história também muito difíceis, assim gente que tem muita luta?
- 1635 Marlene: Eu acho que tem, né? Umas que tem, otos não.
 Orientador: Outros não, né?
 Marlene: É, mas tem muitos que tem.
 Orientador: Lena com certeza é uma das pessoas que é batalhadora, né?
- 1640 Marlene: É a Lena é e me ajuda muito, assim, de sair comigo ir pro médico. Que eu vou com ela quando eu vou fazer os exame, vou com a Lene.
 Orientador: Hunrum, hunrum.
 Marlene: Essa que é a vizinha.
 Entrevistador: É Leoneide é o nome dela, é?
 Marlene: A Lene.

1645 Entrevistador: É Leoneide o nome dela, não?

Marlene: Não. É Lene.

Orientador: Tem aqui ó.

Entrevistador: Entendi.

Orientador: Me diga uma coisa e aí esses vizinhos que tem essa vida também tão difícil.

1650 Marlene: Eu acho que não tem vi é, os vizinho que mora aqui, não tem é, uma vida que eu tenho não. Eu acho que é mais faci.

Orientador: Anham...

1655 Marlene: Porque a minha é a pior de todas que a pessoa ter um filho e num puder pegar nele?

Entrevistador: É, é triste.

Marlene: Porque não tem como não isso.

Orientador: É, Anham.

1660 Marlene: Que eu vejo tantas noiera por aí, as drogada e tudo tem seus filho num perde e eu perdi a guarda da minha fia, como disse lá no foro. Não tem como não.

Orientador: Anham.

Marlene: Eu não sei o que é que eu fiz tão de mal, porque eu não pego a minha filha. Nunca peguei e agora não posso pegar mais que da idade que tá, aí agora pronto, tem essa lei que diz que é ela quem se decide, onde quer ficar.

1665 Entrevistador: Eita.

Marlene: Claro que ela quer ter lá, lá é muita mordomia, lá a tia dela são 5 salariado do Estado, né? Aí dão tudo que a menina quer. Aí eu pobre, pois um dia eu falei pra ela 'Sua mãe, minha fia, uma lavadeira de roupa só tem só a noite e o dia, é o que eu posso dar só é o amor e carinho a você, eu num posso dar presente como a sua

1670 tia lhe dá, comprando você pra você não vim pontá eu. Eu não tenho'

Orientador: Que coisa, né?

Marlene: Aí ela vem assim, ontem ela veizi, rapidinho foi embora.

Entrevistador: A senhora sente falta dela, né?

Marlene: Ah minha fia, eu nunca esqueço.

1675 Orientador: Hunrum

Marlene: É uma dor terrível, eu tive o Paulo, pensei que eu ia esquecer, mas não tem filho, mas não tem quem fique.

Entrevistador: É um filho, né?

Marlene: Pois é, e o Paulo, só Deus sabe... É gordinho, né? (risos)

1680 Entrevistador: (risos)

Marlene: Mas assim mesmo, eu tô chorando, ele chega perto de mim "Mãe eu te amo tanto, muito, muito, muito"

Orientador: Alegria de mamãe, né Paulo?

Marlene: Ele dixe que me ama muito, muito.

1685 Orientador: (risos)

Entrevistador: Depois ela fica mais velha, mulher e vai reconhecer você.

Marlene: Ah minha filha, depois, agora, assim, eu penso, assim... Depois que eu tiver velha, e eu disse a ela ' Quando eu tiver morta, co morrer, você não venha nem aqui me olhar, pra que isso? Só pra depois que eu morrer você fazer isso? Não

1690 venha não, fique lá mesmo... Não adianta não.' E agora cheia de tatuage.

Orientador: Hunrum.

Marlene: Pelo amor de Deus as perna da menina tá cheia.

Orientador: Tem que entregar ela a, a Deus, né?

Marlene: Só a Deus mesmo, só Deus mesmo que pode resolver esse negócio.

- 1695 Orientador: Exato.
 Marlene: Agora é triste você ter uma filho, como eu disse a ela 'Eu criei os oito meninos, 4 filho home, sem pai aqui em Maceió que ele tá nas droga e nenhum dero pro que é ruim. Só a Ana Roberta que tem o pai e tem uma mãe...' Duas mãe que ela tem, né?
- 1700 Entrevistador: É.
 Marlene: Porque a de lá diz que é a mãe e o pai. Que não solta a menina pra nenhum canto e a menina desse jeito. Aí é isso que eu não me conformo, de jeito nenhum, tanto que eu corri atrás dela, porque não me quer, e o resistro é na minha mão e a menina foi em Cacimbinhas chegaro lá tiraro outro resistro?
- 1705 Entrevistador: Eita!
 Marlene: Tiraro uma segunda via.
 Entrevistador: Foi?
 Marlene: A gente só pode tirar, eu acho, eu acho assim, eu não sei lê, mas assim... Só, acho, tirava uma segunda via quando a gente perde o resistro, mas não está perdido, ele está comigo o resistro e ela ir lá e tirar a segunda via?
- 1710 Orientador: Hunrum...
 Marlene: Eu oxi, sei lá, sei não.
 Orientador: É muita luta.
 Marlene: Só Jesus na causa. E Zé Roberto não faz nada, aí é isso que eu me po, eita que eu fico de morrer com esse...
- 1715 Orientador: Hunrum...
 Marlene: Pelo amor de Deus.
 Orientador: Que coisa, né?
 Marlene: É... Só quem sabe é quem veve, né?
- 1720 Orientador: Anham.
 Entrevistador: E ele trabalha aonde?
 Marlene: Minha filha, Zé Roberto trabalha só na cachaça.
 Entrevistador: E é?
 Marlene: E ele diz que tem parte daqui, agora porque eu não sei. Porque nós contruimo junto então, né? Eu acho que é isso, pela lei é, e é mermo né? Mas ele não tinha o barraco dele, pra que ele vendeu? Vendeu o barraco dele pra querer a minha agora, óia? Vixe Maria.
- 1725 Entrevistador: (risos)
 Marlene: E tem parte mermo.
 Orientador: E me diga uma coisa...
- 1730 Marlene: E eu não vou vender não, nós vamo ficar aqui, tudo aqui dentro de casa, morre, mas não morre e vai ser assim.
 Orientador: Hunrum...
 Marlene: Porque se eu vender isso aqui eu não compro ota mais nunca noto canto.
- 1735 Orientador: É.
 Marlene: De jeito nenhum, aí Zé Roberto só porque fez uma massa? E o dinheiro foi todinho do meu lavado de roupa ficou aonde? O empréstimo que eu fiz? Oxente, não. Pode ser isso não. E não tive ajuda de ninguém assim pra dizer 'vou dar um saco de cimento' não, 'Vou ajudar fazer a casa' não, foi eu com os meu lavado, pagando pouquinho, mas eu fiz ela, não terminei não, mas vou fazer, quando ninguém sabe, mas ainda vou terminar de fazer minha casa.
- 1740 Orientador: Hunrum...
 Entrevistador: Amém.

- Orientador: Aí agora com os menino, cada um já começaram a trabalhar, tudo né, já vai também cada um fazendo a sua casa, cada um já vai ficar também...
- 1745 Marlene: É, fica só eu aqui e esse menino e a menina.
- Entrevistador: (risos) E Zé Roberto.
- Orientador: Mas é o que ia ser também....
- Marlene: Eita e Zé Roberto, aquela benção de Deus, ô meu Jesus Cristo, dia de hoje eu choro tanto, tsc... eu não era assim, fiquei tão velha, meu Jesus, não tem quem diga que eu tenho a idade que eu tenho.
- 1750 Entrevistador: E é?
- Marlene: Tô tão acabada. É...
- Entrevistador: Quantos anos a senhora tem?
- 1755 Marlene: Eu tenho 46 ano, mas não tem quem diga! Todo mundo pergunta se ele é meu neto. Tanto **sofrimento** na vida, viu?
- Entrevistador: É mesmo.
- Marlene: Foi muito **sofrimento**. Veio as **doença**, depois... primeiro veio a menina, depois veio a casa aqui, aí depois vei a **doença** minha, oxi, meu Jesus.
- 1760 Entrevistador: Mas a senhora tem que se cuidar também, né?
- Marlene: É minha fia, agora ôi, eu vou pra Bahia, tem de vez que eu vou pra Bahia apulso com a menina, passando mal, chego lá tão mal no mundo, lá.
- Orientador: Quantas vezes a senhora foi lá na Bahia?
- Marlene: Eu, tá com dois ano que eu ano pra lá direto.
- 1765 Orientador: É?
- Marlene: Nós ia todo mês, todo mês, todo mês.
- Orientador: Hum...
- Marlene: Aí tudo que ela fez os exame todinho, aí não menstruou, aí a gente passemos de ir de 3 em 3 meses.
- 1770 Entrevistador: Ela já menstruou já?
- Marlene: Foi já. Aí quando ela menstruou ano passado, aí ela, desde o ano passado que a gente tamo lá, só tinha porque, quando sai assim uma vaga.
- Entrevistador: Hum...
- Marlene: Demora muito pra achar novamente.
- 1775 Entrevistador1: Entendi.
- Marlene: Tem vários, tudo na frente.
- Entrevistador: Entendi.
- Marlene: Aí tem que fazer tudo, todos os exame de novo agora, tem q passar pelo médico de novo.
- 1780 Entrevistador: Mas se Deus quiser vai resolver, né?
- Marlene: E ela quer operar a perna, tá sem é... sentindo dor. A mão de noite tava doento. Mas não vai ser operada que não tem jeito, que eles falaram pra gente.
- Entrevistador: E foi?
- Marlene: Mas só a perna. Com a ajuda de um aparelho e ela quer porque quer. Eu por mim eu deixava. Vai que opere e depois vai ficar de moleta, ôi...
- 1785 Entrevistador: Não, mulher, vai dar tudo certo, não é?
- Marlene: E eu com medo da vida, só Deus sabe, e eu tenho que ir. Que só tem eu por ela e por ele ela não vai não, que ele nem qria "Deixe isso pra lá" Eu digo 'Não, ela vai, ela quer operar, eu vou operar a perninha dela', abasta uma que você carregou, mas sua fãmia.
- 1790 Orientador: Hunrum. Que coisa né, dona Marlene?
- Marlene: É triste, meu filho, olhe, pelo amor de Deus.

Orientador: A senhora acha que aqui na, no Conjunto Vitória, quem cuida mais de construir a casa, etecetera são as mulheres ou são os maridos?

1795 Marlene: São os maridos meu filho, agora eu, porque eu não tenho marido.

Orientador: Hunrum.

Marlene: Aí tem que ser eu mermo, que Zé Roberto não é marido de ninguém.

Orientador: Hunrum.

Marlene: Um home que só veve bebo por dia e noite?

1800 Entrevistador: Misericórdia, mulher.

Marlene: É, mulher. Todos os dia. Eu on, ontem mermo ele chegou bebo só saiu agora, saiu mais miózinho.

Orientador: Hunrum.

Marlene: Mas é bêbado e ele...

1805 Entrevistador: E ele bebe aonde?

Marlene: Ele trabaia, por ai por uns bar. Ele recebe uma pensão.

Entrevistador: Hum...

Marlene: Que ele trabaizou de cobrador

Entrevistador: Hum...

1810 Marlene: Depois que chegou de Sum Paulo, o padrinho da menina, arrumou um trabalho pra ele, pela Piedade.

Orientador: Hum...

Marlene: Trabalhou, ele não trabalhou um ano não.

Orientador: Hum...

1815 Marlene: Aí teve uns assalto, que todo mundo tem assalto, é brigado Zé Roberto diz que entrou em depressão, ispia que onda.

Orientador: Hum...

Entrevistador: (risos)

Marlene: Entou em depressão Zé Roberto, aí dixe que tava doido, fui internar Zé Roberto ali no hospi, alí na pernambucana.

1820 Entrevistador: Foi mermo?

Entrevistador: Foi mermo?

Marlene: Passou 28 dia, depo, quando voltou saiu pior.

Orientador: Hunrum.

Marlene: Oxente, inté hoje. Aí fica de pensão, recebendo essa pensão. Agora a pensão dele, ele bota comida dentro de casa? NÃO!

1825 Orientador: Hunrum.

Orientador: Hunrum.

Marlene: A minha revolta todinha é essa aqui

Entrevistador: Alguém bebe com ele, aqui?

Marlene: Bebe!

1830 Entrevistador: Quem é que bebe com ele?

Marlene: Os bebo que tem lá.

Entrevistador: Não, daqui do Conjunto tem alguém que vai beber com ele?

Marlene: Não, só ele mesmo.

Entrevistador: Só ele mesmo, né?

1835 Marlene: Ele começou beber, mas como ele ficava arengando com o povo, o povo não quer mais se amigar mais ele, aí vai só.

Orientador: Ah os vizinho num, num....

Marlene: É...

Entrevistador: Ele fica bebo violento, é?

1840 Marlene: Fica, tem hora que fica violento. Uma coisa dessa, no oto dia dixe que não viu, pede desculpa, isso não existe não minha gente, esse negócio de desculpa não, depois que apareceu desculpa ninguém nunca mais apanhou.

Orientador: (risos)

Entrevistador: Depois que apareceu desculpa ninguém nunca mais apanhou?

1845 Entrevistador e Orientador: (risos)

Marlene: Não, oxi, eu fico doente com isso.

Entrevistador e Orientador: (risos)

Orientador: Olhe, eu acho que eu vou ter que ir...

Entrevistador: É, vamos.

1850 Orientador: Você vai também?

Entrevistador: Vou, vou que eu levo o senhor.

Orientador: Pronto, então, é que eu hoje é eu tenho que dar aula daqui a pouco.

(Fim de gravação)

ANEXO

ANEXO A – GUIA DE APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Guia de Aplicação do Questionário

1. Apresentar-se à pessoa e convidá-la a participar da pesquisa. Em muitos casos, será preciso explicar o conteúdo do trabalho com a finalidade de tranquilizar o possível entrevistado(a). Perguntar calmamente e mostrar-se interessando na informação para desenvolver empatia e confiança; 2. Preencher os dados do cabeçalho adequadamente e verificar no mapa o código relativo à edificação do entrevistado(a). 3. Perguntar sobre os moradores da casa e grau de parentesco de cada um em relação ao entrevistado(a); 4. Iniciar as perguntas sobre redes sociais, sugerindo que o entrevistado(a) indique até nove pessoas que morem no assentamento, sendo no máximo uma pessoa por casa; 5. A casa de cada pessoa indicada deve ser encontrada no mapa anexoado, respondendo, assim, o campo Código da Casa com a numeração correspondente à sua localização no mapa; 6. Ao questionar sobre o <u>Grau de proximidade</u> é preciso explicar que a pesquisa quer saber o quanto o entrevistado(a) interage com a pessoa indicada no lugar onde moram. Para certificar-se de que o entrevistado(a) entendeu a proposta, sugere-se que mostre a imagem dos círculos concêntricos, posicionando-o(a) no centro e relativizando a posição da pessoa mencionada com as distâncias em relação à si mesmo; 7. Na <u>Frequência de contato</u> deve ser considerada a quantidade de vezes que as pessoas se encontram de acordo com os níveis estabelecidos (preencher a célula de resposta com a numeração): Grau de proximidade Frequência de contato <table><tr><td>4</td><td>Diariamente</td></tr><tr><td>3</td><td>Semanalmente</td></tr><tr><td>2</td><td>Quinzenalmente</td></tr><tr><td>1</td><td>Mensalmente</td></tr></table>	4	Diariamente	3	Semanalmente	2	Quinzenalmente	1	Mensalmente	8. Acerca do bloco de dados sobre <u>Reciprocidade</u> as perguntas devem ser elaboradas de forma completa (preencher a célula de resposta com marcação): 9. A <u>Migração</u> diz respeito ao apoio ou incentivo dado durante o processo de saída da origem para acomodação no assentamento; 10. <u>Construção</u> refere-se às ajudas durante a obra com mão de obra, conhecimentos técnicos, materiais, ferramentas, dinheiro etc.; 11. Os <u>Cuidados com o Lar</u> envolvem as tarefas de preparo de alimentos, trocas de suprimentos, limpeza, cuidados com crianças, idosos e enfermos; 12. O item <u>Trabalho e Renda</u> engloba as relações de emprego e remuneração por serviço prestado, assim como indicação, formação profissional etc. É preciso considerar nos demais itens se a atividade apontada pela pessoa é feita de forma remunerada; 13. <u>Dinheiro</u> compreende favores de empréstimos e contribuições entre os membros da rede; 14. <u>Serviços Urbanos</u> são todas as atividades de manutenção e produção das condições de habitabilidade do ambiente coletivo. A distribuição e o conserto no abastecimento de água e energia, a limpeza, o cuidado e a vigilância dos espaços públicos; 15. <u>Mobilidade</u> abrange os favores de carona, dependência para ir aos demais espaços da cidade, levar um enfermo ao hospital etc.; 16. <u>Comunicação</u> indica o compartilhamento de informações, confidências e notícias; 17. <u>Pertencimento</u> são as redes formadas para fins de lazer, associações, conselhos, Igreja entre outros. É importante destacar qual a motivação deste pertencimento; 18. <u>Agradença a participação, despeça-se do(a) entrevistado(a) chamando-o pelo nome e tente deixar um canal de comunicação aberto com a pessoa.</u>
4	Diariamente								
3	Semanalmente								
2	Quinzenalmente								
1	Mensalmente								

ANEXO B – QUESTIONÁRIO

Nome:

Atividade:

Local de trabalho:

Endereço anterior:

Apelido:

Idade:

Renda familiar: _____ S.M.

Situação da casa:

Tempo de Permanência:

Relação com o local:

Proprietário(a) da casa:

☐ Própria

☐ Alugada

☐ Emprestada

☐ Até 1 ano

☐ Até 3 anos

☐ Até 5 anos

☐ Satisfeito

☐ Insatisfeito

Outra . Qual?

Acima de 5 anos

☐ Satisfeito

☐ Insatisfeito

Entrevistador(a):

Data:

Código da casa

Nome

Parentesco

Relações sociais

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Redes

Código da casa (ver mapa)

Grau de proximidade

Frequência de contato

Reciprocidade

Migração

Construção

Cuidados com o lar

Trabalho e renda

Dinheiro (empréstimo)

Serviços urbanos

Mobilidade

Comunicação

Pertencimento

Qual a motivação do pertencimento?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Eu, _____, declaro que fui devidamente informado(a) sobre a pesquisa intitulada: **Desenvolvimento de TS para a construção, recuperação e uso sustentável de moradia, especialmente HIS, e para a redução de riscos ambientais** realizada por Allyson Souza, Marília Floering, Matheus Moraes e Reuel Albuquerque, graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, supervisionados pelas pesquisadoras Gabriella Vasconcelos e Livia Martins, sob orientação geral do Prof. Dr. Augusto Aragão de Albuquerque.

Declaro também ter aceitado participar deste trabalho concedendo entrevista e respondendo às questões formuladas pelo pesquisador, tendo ciência que minha participação é livre e espontânea, podendo interrompê-la a qualquer momento que desejar e que as informações obtidas não serão identificadas nominalmente, destinando-se, exclusivamente, à realização deste estudo.

Maceió, ____ / ____ / ____

Entrevistado(a) _____

Contato _____